



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

**CARLA CRISTINA DE SOUZA**

**“É SÓ COLOCAR NO SEU ANÚNCIO QUE VOCÊ É UNIVERSITÁRIA E PRONTO”: EXPERIÊNCIAS DA PROSTITUIÇÃO DE MULHERES EM CAMPO GRANDE-MS**

CAMPO GRANDE  
2019



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

**“É SÓ COLOCAR NO SEU ANÚNCIO QUE VOCÊ É UNIVERSITÁRIA E PRONTO”: EXPERIÊNCIAS DA PROSTITUIÇÃO DE MULHERES EM CAMPO GRANDE-MS**

**Carla Cristina de Souza**

Texto da dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Faculdade de Ciências Humanas da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, para a obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientador:

Prof. Dr. Tiago Duque



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

A Comissão julgadora dos trabalhos de Defesa de Dissertação de Mestrado, composta pelos/as professores/as Doutores/as a seguir descritos/as, em sessão pública realizada em 26 de fevereiro de 2019, considerou a mestranda Carla Cristina de Souza aprovada.

Professor Doutor Tiago Duque (Presidente, UFMS).

Professora Doutora Ana Paula da Silva (Membra externa e titular, UFF).

Professor Doutor Guilherme Rodrigues Passamani (Membro interno e titular, UFMS).

A Ata de Defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta anexada ao processo acadêmico da mestranda.



Dissertação realizada com o apoio financeiro da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (FUNDECT).

Campo Grande  
2019

**Dedico às mulheres, ativistas, pesquisadoras, militantes e outras, que lutam pelo reconhecimento dos direitos das trabalhadoras sexuais, reivindicando um espaço menos normativo e uma posição das mulheres como sujeitos pensantes e de direitos.**

**“Não somos mais invisíveis”, Monique Prado (2018), putativista e putafeminista.**

## AGRADECIMENTOS

Esta dissertação de mestrado não seria desenvolvida sem o apoio de várias pessoas. Começo nomeando/citando as mais importantes delas, minha mãe, Maria José dos Santos Silva, que sempre se mostrou interessada pela minha temática e desempenho acadêmico. Inclusive, leu e comentou comigo algumas referências desta dissertação – os livros, *E Se Eu Fosse Puta*, de Amara Moira, e *O Prazer é Todo Nosso*, de Lola Benvenuti. Outra pessoa a quem dedico os agradecimentos é meu pai, José Carlos de Souza, que sempre esteve ao meu lado nas discussões a respeito do meu tema de pesquisa, em rodas de conversa com os seus amigos.

Não poderia deixar de agradecer ao meu orientador, professor doutor Tiago Duque, por toda paciência, empenho e dedicação com o meu desenvolvimento acadêmico e, principalmente, atencioso com o meu bem-estar físico e emocional durante o processo do mestrado. Tiago sempre se mostrou prestativo: orientou-me neste trabalho e em todos os que realizei durante o mestrado, seja em detalhes dos *slides* ou nas sugestões e correções de artigos para as submissões em revistas, assim como em outros trabalhos acadêmicos. Agradeço pelas críticas sempre bem colocadas, e, como de costume, provocativas.

Agradeço aos docentes e a todos e todas as minhas colegas do Mestrado em Antropologia Social pelas trocas, especialmente a meu amigo e companheiro de lar, Andrey Monteiro Borges, com quem compartilhei momentos bons, mas também me senti confortável para falar sobre as minhas inseguranças e angústias ao longo do curso, assim como à Pâmella Rani Epifânio Soares, ao Paulo Roberto Lucca, ao Daniel Attianesi de Lima e ao Alyson Matheus de Souza, que estiveram mais próximos durante o processo, discutindo, dialogando, criticando e apontando potenciais para o trabalho. Vocês são maravilhosos/as.

Quero agradecer à minha família, tias e tios, amigas e amigos, principalmente à Mariana Retucci Pontes e à Mariana Gualdi dos Santos, que me acompanharam ao decorrer do desenvolvimento acadêmico e me incentivaram a participar do processo seletivo. Tenho um carinho e gratidão imensa por vocês.

Não poderia deixar de mencionar e agradecer ao Instituto Brasileiro de Inovações Pró-Sociedade Saudável do Centro-Oeste (IBISS/CO), que me abriu as portas para a realização do campo, oferecendo-me também um espaço para que pudesse escrever e fazer as minhas reflexões. Agradeço, principalmente, ao Gabriel Nolasco, que além de me apresentar para a instituição, mostrou-me ser possível desenvolver o projeto, apoiando-me durante todo o processo seletivo. Sou imensamente grata a vocês pelo conhecimento que adquiri sendo

voluntária da Organização da Sociedade Civil (OSC), e por tornar essa dissertação possível. Vocês são uma equipe maravilhosa.

Faço notar a minha profunda gratidão à banca avaliadora, composta pela professora doutora Ana Paula da Silva – desde o aceite e disponibilidade de também comparecer à banca de qualificação deste estudo, até as suas provocações e ativismo em relação às profissionais do sexo –; e ao professor doutor Guilherme Rodrigues Passamani, que, outrossim, incentivou-me a participar do processo seletivo do mestrado. Parte do meu conhecimento fora construído em suas aulas no curso de Ciências Sociais e Antropologia Social. Ainda, foi uma honra ter sido convidada a compartilhar, ao seu lado, uma mesa de abertura no SEGEDIS – Seminário de Gênero e Diversidade Sexual, na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Tu foste sempre muito crítico e instigador nas correções dos meus artigos; uma inspiração enquanto pesquisador. Mais uma vez, sou verdadeiramente grata.

Por fim, registro a minha gratidão à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, que financiou o projeto durante os primeiros seis meses, e à Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul – FUNDECT, que subsidiou o restante da pesquisa.

## RESUMO

Esta dissertação tem como proposta analisar a prostituição “universitária” de mulheres em Campo Grande, capital do estado de Mato Grosso do Sul. Ela é desenvolvida a partir do método da Etnografia *Off-line*, por meio da participação voluntária em um projeto na Organização da Sociedade Civil (OSC), Instituto Brasileiro de Inovações pró-Sociedade Saudável Centro-Oeste (IBISS/CO), e da “Etnografia de Tela”, nos sites em que as interlocutoras anunciam seus serviços sexuais. A proposto, a partir do campo, foi observar quais características fazem de uma “universitária”, enquanto categoria performática, ser ou não valorizada dentro da economia sexual, realizando uma análise que parte da articulação entre marcadores sociais da diferença – gênero, sexualidade, geração, cor/raça, escolaridade e assim por diante –, no contexto deste perfil de prostituição. Mediante uma perspectiva principalmente pós-estruturalista e a articulação com a Antropologia Urbana, pensando a cidade e os usos das novas tecnologias, que estão sendo acessadas para a divulgação de serviços ligados à prostituição, problematizamos algumas percepções que compreendem a prostituição de mulheres somente como uma atividade opressiva, tendo em vista que a economia sexual se traduz por um vasto campo de possibilidades para a agência de diferentes mulheres. Por fim, em parte das considerações finais, apontamos que o perfil da prostituição “universitária” em Campo Grande-MS é performatizado mediante, sobretudo, os marcadores geracionais, classe e cor/raça, variando de acordo com o contexto. Logo, essas mulheres são “acessadas” enquanto “universitárias”, na prostituição, conforme o imaginário dos clientes que, em sua maioria, são homens em busca de mulheres mais “jovens”. Neste sentido, é fluido “se anunciar” por intermédio do perfil de “universitária”; ainda assim, a performance de “juventude” se faz recorrente, haja vista a possibilidade de “acesso” a partir dos contextos e expectativas do outro.

**PALAVRAS CHAVE:** prostituição “universitária”, etnografia de tela, economia sexual

## ABSTRACT

This dissertation aims to analyze the "academic" prostitution of women in Campo Grande, capital of the state of Mato Grosso do Sul. It is developed using the method of Off-line Ethnography through voluntary participation in a project in the Organization of Civil Society (OSC), the Brazilian Institute for Innovations for the Healthy West Center Society (IBISS | CO), and the "Ethnography of the screen", on the websites where the interlocutors announce their sexual services. From the field, we propose to observe the characteristics that make a "academic" as a performance category, whether or not it is valued within the sexual economy, performing an analysis based on the articulation of social markers of difference: gender, sexuality, generation, color / race, schooling among others, in the context of this profile of prostitution. Through a perspective, mainly post-structuralist, and the articulation with Urban Anthropology, thinking about the city and the uses of the new technologies that are being accessed for the dissemination of services related to prostitution, some perceptions that include prostitution of women only as a strictly oppressive activity, since sexual economy is a vast field of possibilities for agency of different women. Finally, part of the final considerations point out that the profile of "academic" prostitution in Campo Grande is performatized mainly by the generational markers, class and color / race, varying according to the context. Thus, these women are "accessed" in "academic" prostitution from the imagination of men clients, mostly men seeking for "younger" women. In this sense, "advertise" with the "academic profile" is fluid, but the performance of "youth" is recurring to be "accessed" from the contexts and expectations of the other.

**KEY-WORDS:** "academic" prostitution, ethnography of the screen, sexual economy

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Imagem 1 do “ <i>Photo Acompanhantes</i> ” .....	32
Figura 2- Imagem 2 do “ <i>Photo Acompanhantes</i> ” .....	33
Figura 3- Imagem 3 do “ <i>Photo Acompanhantes</i> ” .....	34
Figura 4- Imagem 4 do “ <i>Photo Acompanhantes</i> ” .....	35
Figura 5- Imagem 5 do “ <i>Photo Acompanhantes</i> ” .....	36
Figura 6- Imagem 6 do “Meu Patrocínio” .....	41
Figura 7- Imagem 7 do “Meu Patrocínio” .....	42
Figura 8- Imagem 8 da “universitária” e seu urso com a frase “te quero” .....	50
Figura 9- Imagem 9 do “ <i>Hot MS</i> ” a “Casa das Universitárias” .....	63
Figura 10- Imagem 10 do “Meu Patrocínio”, “Tudo é Combinado, sem mal-entendidos” .....	76
Figura 11- Imagem 11 de uma descrição do “ <i>Photo Acompanhantes</i> ” .....	83
Figura 12- Imagem 12 de um perfil do “ <i>Photo Acompanhantes</i> ” .....	84
Figura 13- Imagem 13 de um perfil do “ <i>Photo Acompanhantes</i> ” .....	85
Figura 14- Imagem 14 de um perfil do “ <i>Photo Acompanhantes</i> ” .....	86
Figura 15- Imagem 15 de uma descrição do “ <i>Photo Acompanhantes</i> ” .....	91
Figura 16 - Imagem 16 de uma descrição do “ <i>Photo Acompanhantes</i> ” .....	92
Figura 17- Imagem 17 de uma descrição do “ <i>Photo Acompanhantes</i> ” .....	93
Figura 18- Imagem 18 de uma descrição do “ <i>Photo Acompanhantes</i> ” .....	94
Figura 19- Imagem 19 de uma descrição do “ <i>Photo Acompanhantes</i> ” .....	94
Figura 20- Imagem 20 da dinâmica da prostituição “universitária” .....	96

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	12
2. ALGUNS ESPAÇOS DE INTERCÂMBIOS SEXUAIS EM CAMPO GRANDE - MS..	20
2.1 (Re)criando olhares sobre o trabalho sexual: “Viva Melhor Sabendo”, minha primeira aproximação com o campo .....	20
2.2 (Re)pensando novos “pontos”: o uso da internet como espaço para o exercício de uma economia sexual .....	28
3. ACIONANDO OUTRAS ESTRATÉGIAS DE DIÁLOGOS.....	44
3.1 Diante de um “campo difícil”: sobre outras estratégias para dialogar com as interlocutoras	44
3.2 “Atendo em local discreto e tranquilo”: cidade, universidade, prostituição e estigma .....	60
3.3 Sobre “ser acessada” e a pré-inauguração da boate Luar: compreendendo minha experiência de campo .....	67
4. TRÂNSITOS DA ECONOMIA SEXUAL NA PROSTITUIÇÃO UNIVERSITÁRIA .....	75
4.1. “Tudo é combinado, sem mal entendidos”: <i>sugar baby</i> e a aproximação com a categoria de ajuda.....	75
4.2 Agenciando o off/on-line: transitando entre os “pontos” .....	81
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	97
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	100

## 1. INTRODUÇÃO

A prostituição de mulheres, foco deste estudo, em meio ao amplo contexto da economia sexual, traz a possibilidade de problematizações teórico-políticas no que se refere à sua definição e, até mesmo, na visão sobre as mulheres que a praticam. A categoria economia sexual permite um olhar mais amplo para os intercâmbios sexuais, pois envolve o sexo, o afeto e o matrimônio, portanto, não apenas o sexo esporádico. Tendo em vista que o “relacionamento” se nos apresenta como uma das expectativas trazidas por mulheres no decorrer do trabalho de campo, compreender essa dinâmica pela economia sexual, neste trabalho, mostra-se como mais proveitosa do que mercado do sexo. Dito de outro modo, segundo Adriana Piscitelli,

[...] a noção de economias sexuais oferece uma perspectiva fértil para considerar o conjunto de intercâmbios econômicos e sexuais, uma vez que, longe de fazer uma separação entre mercados do sexo e do casamento [neste caso relacionamentos], permite explorar como essas trocas articulam ambos os mercados (2016, p. 11).

Por exemplo, para Elisiane Pasini, esse tipo de prática sexual, a prostituição, define-se como uma atividade na qual mulheres estabelecem relações sexuais com diferentes homens em troca de dinheiro; por elas, o homem é classificado como cliente, isto é, clientes “são aqueles homens com quem as garotas mantêm relações sexuais no contexto da prostituição, caracterizadas, principalmente, pelo contato sexual e pelo dinheiro” (2010, p. 183).

Todavia, denotei possibilidades de os clientes serem outros sujeitos para além da categoria restrita de homens, tendo em vista que limitá-los a essa nomenclatura seria afirmar que as profissionais do sexo<sup>1</sup> estão exclusivamente ligadas a uma norma heterossexual.

---

<sup>1</sup> Utilizei a categoria profissional do sexo ou trabalhadora do sexo para me referenciar às mulheres que trabalham com o sexo, no intuito de reafirmar a profissão como um trabalho já reconhecido pela Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), “5198-05 - Profissional do sexo”. Os mesmos têm como sinônimo, ainda segundo a CBO, as nomenclaturas “garota de programa”, “garoto de programa”, “meretriz”, “messalina”, “michê”, “mulher da vida” e “prostituta”. Informações disponíveis em: <<http://www.mtecbo.gov.br/cbsite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>>. Acesso em: 23 de out. de 2018.

No cenário de prostituição, observar as possibilidades de existirem práticas homoeróticas, entre as profissionais do sexo e os clientes, e compreender como elas agenciam suas sexualidades, interseccionadas com essa atividade que, devido a um caráter heteronormativo, ainda é um fator pouco trabalhado, constitui também uma abordagem relevante.

Segundo Piscitelli, há dois polos de discussões que abordam a prostituição: um é entendido “como caso extremo do exercício abusivo do sexo, portanto, quem oferece serviços sexuais é percebida como inerentemente vítima de violência” (2005, p. 13) e outro que compreende a “vinculação das mulheres com o sexo a fonte de seu maior poder” (Idem), isto é, em uma das abordagens, as profissionais do sexo são vistas sob o prisma de uma objetificação sexual e, em outra, como possuidora de autonomia sexual. Ambas as abordagens sinalizam limites: se, por um lado, a agência é apagada, por outro, deixamos muito simplista a complexidade que existe nas relações de poder, conforme explicarei adiante.

As relações de poder, a partir da perspectiva de Michel Foucault (2008), consistem no fato de que o poder não é algo que se obtém ou não: ele não está localizado em alguma instituição, mas presente desde as microrrelações, em discursos enunciativos, e em outros espaços, também simbólicos. Esse poder implica efeitos subjetivos aos grupos sociais nos quais as relações estão se articulando. Ele também produz verdades. Contudo, tendo esclarecido que as relações são contextuais, não podemos as compreender como o poder sendo atribuído a um sujeito, transcendendo em todas as relações, mas como algo fluido, presente também nos atos de resistência sobre as “verdades”, por meio de uma agência.

Não é recente que a prostituição de mulheres se apresenta como uma problemática no campo acadêmico e/ou para alguns movimentos feministas. A contar da perspectiva de dominação masculina e do “patriarcado”<sup>2</sup>, alguns grupos colocam este tipo de atividade como mais uma forma de opressão das mulheres, tanto de um sistema capitalista (do “mercado” sexual) como de uma estrutura, nas quais os homens estariam submetendo-as a uma posição

---

<sup>2</sup>É uma dinâmica social em que homens mantêm o domínio, o poder e a predominância em funções-chaves nas atividades sociais, geralmente ocupando espaços políticos, e possuindo privilégios sociais, no entanto, a ideia da existência do patriarcado foi e tem sido motivo de reflexões entre as feministas. A principal crítica é que o conceito “trata de maneira única, universal, formas de poder que se altera em diferentes períodos históricos e lugares. Mas é importante compreender que o patriarcado, assim como outras explicações da origem e das causas da subordinação feminina, tinha o objetivo de demonstrar que a subordinação da mulher não é natural e que, portanto, é possível combatê-la.” (PISCITELLI, 2009, p. 136)

de submissão. Em muitos contextos, não nego que exista violência relacionada ao comércio sexual envolvendo a prostituição de mulheres, mas não pretendo utilizar essa ideia como uma verdade fixa e absoluta para entender todos os aspectos desta categoria, isto é, objetivo compreender os processos de subjetivação e constituição dos sujeitos a partir da voz das próprias interlocutoras do trabalho, não necessariamente entendidas como vítimas, mas como sujeitos que possuem agência.

A compreensão que possuo a respeito de agência do sujeito deriva da perspectiva de Judith Butler (2010). O tornar-se sujeito decorre de várias relações de poder, melhor dizendo, o poder cria um sujeito oriundo de um contexto de tipos específicos de interações sociais e significados. O sujeito mulher, inserida em regras normativas, legítimas e hegemônicas, não pode exercer o “sexo pago”. Neste sentido, ser trabalhadora sexual por si só, na perspectiva butleriana, já significa exercer um tipo de resistência, ainda que não escape integralmente às normas, conforme discutirei.

A agência, ainda sob a perspectiva da referida autora, e segundo Neiva Furlin (2013), é manifestada por meio do desejo que nos possibilita uma consciência reflexiva. Podemos pensar nessa consciência reflexiva também em relação às trabalhadoras sexuais, integrantes do movimento de prostitutas, que reivindicam uma legitimidade para a profissão, transgredindo a ordem do sexo normativo, resistindo à organização simbólica do “sexo legítimo”, reiterando novas repetições do que é trabalho, do que é ser uma trabalhadora, desde o próprio sujeito, ainda visto, neste contexto, como tendo uma profissão “transgressora”. E é deste local, de uma não aceitação das normas, que a agência se manifesta, segundo a lógica butleriana, como uma potência, capacitando uma ação de resistência.

Considerando essa temática, notei diversas questões<sup>3</sup> que envolvem a economia sexual, mais especificamente a prostituição de mulheres, que é marcada como a profissão da

---

<sup>3</sup>Aline Godois de Castro Tavares (2012) sintetiza quatro diferentes visões predominantes que tecem a discussão sobre a prostituição de mulheres. Atualmente são as perspectivas regulamentaristas, abolicionistas, proibicionistas e trabalhistas. Três delas são baseadas em conceitos que condenam moralmente a prática da prostituição: a regulamentarista, a abolicionista e a proibicionista. Acredito que a abolicionista e a proibicionista sejam as mais evidentes nas relações cotidianas e que podem ser pensadas como bases para a construção de alguns imaginários sobre a prostituição. A regulamentarista apoia uma intervenção do estado com o intuito de regular e controlar a prostituição, de modo que garanta uma ordem moral. A proibicionista condena e penaliza todas e todos envolvidos na prostituição, desde cafetinas e cafetões, clientes e as próprias prostitutas, consideradas, neste caso, como delinquentes. A abolicionista é um dos modelos de pensamento mais hegemônico no Brasil; neste, a prostituta, vista como vítima, não deve ser penalizada ou criminalizada, ao contrário de outras e outros agentes envolvidos neste processo, como as cafetinas e cafetões. Por fim, a trabalhista que

imoralidade, isto é, uma prática entendida muitas vezes como a transgressora da ordem, que foge, segundo José Miguel Nieto Olivar (2013), à “normalidade social”. Isso resultada na necessidade de ser analisada, tendo em vista que a prostituição modifica os sujeitos, envolvendo escolhas e não escolhas, desejos, prazeres e novas identificações que se alteram nas relações e contextos; portanto, trata-se de um ato que suscita o conhecimento.

Dentre as variações dessas profissionais, no presente estudo, destaco as que se identificam enquanto “universitárias”, isto é, profissionais do sexo, mulheres, maiores de 18 anos, que se anunciam como estudantes do Ensino Superior, pensando essa identificação como parte da dinâmica da/na economia sexual.

Em Campo Grande-MS, estabelece-se notável valorização dos sujeitos que se anunciam estudantes de uma universidade, informação que ganha destaque ao se tratar de uma instituição pública. Ainda que no contexto das outras universidades federais, tidas como grandes centros, a Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul seja vista como “periférica”, na cidade, há uma disputa das/os acadêmicas/os por demonstrar a excelência do seu curso e da sua faculdade; isso aparece principalmente nas redes sociais administradas por alunas/os. Uma notícia divulgada pelo jornal *on-line* regional Top Mídia News corrobora essa informação: “Pelo *Facebook*, onde o único filtro de postagens do usuário é sua própria consciência, aquela velha briga entre universidades, particulares e públicas, ganha uma nova ‘roupagem’”<sup>4</sup>. No contexto da prostituição, entretanto, o fato de ser universitária, independentemente da instituição por si só, aparenta sinalizar uma característica relevante aos clientes; tal significância será por mim discutida no decorrer deste texto.

A universitária e a prostituição de luxo se apresentam associadas. No contexto de Portugal, segundo Mariana Veloso Pinto (2008),

As acompanhantes de luxo mulheres são profissionais do sexo que, de uma forma geral, apresentam as seguintes características: são de classe média e tiveram a oportunidade de estudar, dedicam cuidados especiais aos seus corpos; por vezes são ou foram universitárias, falam, na generalidade, dois idiomas e frequentam lugares de classe alta. Diferentes das prostitutas pobres, de baixo meretrício, estas mulheres não trabalham na rua e não se expõem. Trabalham, assim, em bares de acompanhantes de luxo

---

luta para que a prostituição seja considerada uma profissão e que sejam garantidos os direitos de acordo com as necessidades da categoria.

<sup>4</sup>Disponível em: <<http://www.topmidianews.com.br/algo-mais/paginas- ficam-famosas-expondo-segredos-de-academicos-no-facebook/9846/>> Acesso em: 04 jan. 2019.

frequentadas por empresários, políticos, jogadores de futebol ou qualquer homem/mulher/casal com poder aquisitivo médio-alto. (p. 24)

O valor da universidade é destacado quando a prostituição de “universitárias” tem como característica o “luxo”. Por outra forma, a frequência ou estada em uma instituição de ensino superior parece acionar um imaginário *status* de luxo, característica aparentemente prestigiada, que faz com que o contexto acadêmico seja simultaneamente valorizado em articulação com a/na prostituição. Isso não é diferente em Campo Grande-MS, pois, de acordo com o que apresentarei ao longo da escrita, o acionamento da categoria universitária também está em diálogo com a categoria de luxo.

Quando essas trabalhadoras se identificam tais quais estudantes universitárias, supostamente se estabelece uma valorização no mercado; caso contrário, não haveria motivo que embasasse a escolha dessa característica de identidade, por exemplo, em suas descrições em sites de anúncios de programas. O termo “estudantes” e/ou “universitárias”, no comércio sexual, aparenta estar relacionado com a baixa idade, assim como certos gestos, falas, alguns padrões estéticos, corpos, entre outros aspectos que a clientela espera de uma trabalhadora do sexo reconhecida nessas categorias.

Parte das experiências de prostituição “universitária” pode ser conferida em livros nos quais as trabalhadoras do sexo dizem de suas vivências. Gabriela Natalia Silva (2014), mais conhecida como Lola Benvenuti diz, na primeira frase de seu livro: “Sou Lola Benvenuti e faço porque gosto” (SILVA, 2014, p. 11). A frase demonstra outro lado da profissão, não limitada somente a uma necessidade financeira, mas a uma satisfação íntima e pessoal. Ela se prostituiu na cidade de São Carlos-SP, quando ainda cursava Letras na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Ainda na adolescência, começou suas “aventuras” de conquista nas salas de bate-papo. Os compromissos com os estudos e o trabalho como professora, segundo ela, muito a ocupava, por isso, aguardou a chegada do último ano da graduação, período no qual a maioria das disciplinas exigidas na grade curricular já está cumprida, para “retomar com força total” às suas “aventuras sexuais” (Idem).

No livro, a autora descreve algumas de suas experiências/práticas enquanto profissional do sexo “universitária”. Em seus relatos, percebemos que ela se constitui como uma profissional do sexo de luxo. Lola nos conta que iniciou a busca por clientes na internet, em

salas de bate-papo. Esse dado me aponta como são importantes as ferramentas *on-line* para a expansão de uma economia sexual, assim como um local facilitador para marcar encontros.

Em outro livro, quem me diz de suas experiências é a travesti, doutora em crítica literária e puta feminista,<sup>5</sup> Amara Moira (2016). Mesmo a prostituição de travestis “universitárias” não ser o foco deste estudo, Moira me traz importantes contribuições sobre a experiência de se prostituir na cidade de Campinas-SP, o que me possibilita pensar a relação entre economia do sexo e gênero.

Segundo Moira, ela é

travesti rondando os trinta, mas se dizendo militante LGBT, feminista, escritora, doutoranda em teoria literária pela Unicamp nas horas vagas: e puta. E puta, mas como?! Mas por quê?! Sem “mas”. Puta porque puta, puta porque quem sabe um dia. Já viu travesti professora, advogada, cientista, médica? Querem que eu seja a primeira, querem que um canudo de doutora me abra as portas do mundo, a única, diferente: “venha, Amarinha, trabalhar conosco, te queremos tanto!”. É o telemarketing, salão de beleza? Antes, puta, puta pelo menos me força a escrever. Prefiro isso a ouvir desaforo oito horas por dia no telefone ou fazer unha e cabelo de madame com rei na barriga (2016, p. 30).

Na supracitada obra, ela relata alguns de seus programas na prostituição de rua, uma perspectiva da profissão totalmente contrária aos relatos de Benvenuti (SILVA, 2014), tendo em vista que, entre elas, dá-se a variação de local de prática – a rua, neste caso. Entre os relatos, Moira narra as negociações de preços e algumas práticas abusivas que ocorreram à época em que se prostituía, a exemplo da insistência ao não uso de camisinha por parte dos clientes. Um lado menos “romantizado” do ofício se comparado ao que apresentou Benvenuti.

Em âmbito sul-mato-grossense, uma notícia<sup>6</sup> publicada por um jornal da cidade de Campo Grande-MS trata de um “ponto” de prostituição de rua. Segundo o depoimento de Dani Barros, uma profissional do sexo, universitária, de vinte e seis anos, percebi que ela vê, nos estudos, uma possibilidade de sair da profissão. Mesmo afirmando que compreende esse

---

<sup>5</sup>Segundo Monique Prada (2018), trabalhadora do sexo, ativista pelo direito das profissionais do sexo e autora do livro *Putafeminista*, o putafeminismo, assim como identifica Moira, seria um movimento das “putas” que reivindicam um espaço político, público e feminista para elas falarem por si, as “putas” falando pelas “putas”.

<sup>6</sup>Disponível em: <[http://www.midianews.com.br/cotidiano/prostitutas-faturam-ate-r-1-mil-por-dia-na-regiao-do-zero-km/2\\_58286](http://www.midianews.com.br/cotidiano/prostitutas-faturam-ate-r-1-mil-por-dia-na-regiao-do-zero-km/2_58286)> Acesso em: 19 jun. 2018.

trabalho como qualquer outro, a jovem pretende deixa-lo após a conclusão do curso de Educação Física:

Antes de entrar para a prostituição, eu tinha muito preconceito, como muitas pessoas ainda têm hoje. Mas depois que eu entrei, vi que não é assim. É só uma profissão, realmente. *Pra* mim, é uma profissão restrita até porque, quando chego *na* minha casa, esqueço tudo que acontece aqui, cuido da minha filha, faço janta, vou para a academia, para a faculdade, tenho uma vida normal, tranquila.

Considerando todos esses exemplos, é possível que concedamos maior visibilidade às multiplicidades e perspectivas da prostituição, em especial, ao contexto no qual este estudo se desenvolverá. Não encontramos qualquer pesquisa que evidencie a categoria “universitária” na prostituição, pensando seu acionamento como estratégico em um possível “jogo” de reconhecimento e (in)visibilidade.

Outro importante quesito que salientei: o de observar quais poderiam ser os corpos esperados, os padrões estéticos e as características valorizadas em uma profissional do sexo tida como “universitária”, na tentativa de compreender as diferenciações entre esse tipo de prostituição, de rua e de luxo, entre outras possíveis categorias que existam sob a égide da economia sexual em Campo Grande, bem como a investida de entender se a universidade e as relações sociais que a permeiam podem ou não afetar a profissão, e como elas se determinam. Partindo dessas análises, procurei trazer novas contribuições ao estudo da temática, especialmente respaldados pelo fato de esta pesquisa ser realizada em uma capital do Centro-Oeste, de maneira inédita quanto ao foco aqui proposto.

Justifico o estudo desta temática também pela crítica à percepção social da prostituição, vista como uma atividade imoral e estigmatizante, comumente à sombra de um viés vitimizador. Tomando como “superada” a imagem generalizante da trabalhadora do sexo enquanto vítima, o objetivo desta pesquisa se constitui na análise da categoria “universitária”, em busca de compreender os processos que resultam na escolha de mulheres que vivem essas experiências, as características que são necessárias para acionar tal categoria e como são constituídos os manejos identitários para serem reconhecidas como profissionais do sexo “universitárias”, ao invés de problematizar as vertentes que associam a profissão à exploração sexual.

Dessa forma, começo o primeiro capítulo contando as entradas no campo. Primeiramente, intermediado por uma OSC (Organização da Sociedade Civil), através do meu voluntariado em um de seus projetos com profissionais do sexo em Campo Grande,<sup>7</sup> consegui acessar os cenários, espaços e dinâmicas, assim como algumas mulheres que fazem parte do meu “público” de pesquisa. Após relatar essa experiência, discorro a respeito do campo *on-line*, mostrando alguns dos sites em que mulheres divulgam seus serviços e quais foram as dificuldades encontradas para conseguir abordar algumas delas, que se apresentavam como usuárias. Dividi essas diferentes experiências do campo em cinco tópicos.

Tomando como base as falas das mulheres que consegui acessar, no segundo capítulo deste texto, inicio as minhas análises a partir, principalmente, de referências teóricas pós-estruturalistas. Reflito conforme a ordem de apresentação das distintas experiências do campo, anunciada no primeiro capítulo, trazendo aproximações e distanciamentos das biografias já produzidas por/sobre profissionais do sexo, como as supracitadas.

No terceiro capítulo, pretendo estabelecer uma possível aproximação entre as categorias “universitária”, *sugar baby* e “ajuda”, que serão explicadas neste capítulo a partir de um site de relacionamentos. Procuro compreender a dinâmica do trânsito das mulheres, profissionais do sexo “universitárias”, de “pontos<sup>8</sup>” *off-line*, ruas, casas/bordéis, bares, entre outros lugares, para os espaços *on-line*, os sites onde há anúncios de profissionais do sexo, incluído o “*Photo Acompanhantes*”.

---

<sup>7</sup>O projeto desenvolvido, “Viva Melhor Sabendo”, tem o propósito de fazer a prevenção de HIV/AIDS com o público de profissionais do sexo (homens, mulheres, transexuais e travestis).

<sup>8</sup>Essa é uma palavra êmica, e pode ser compreendida como o lugar em que a profissional do sexo fica visível para que clientes possam acessá-la, geralmente praças e esquinas, que são pontos de prostituição.

## 2. ALGUNS ESPAÇOS DE INTERCÂMBIOS SEXUAIS EM CAMPO GRANDE-MS

### 2.1 (Re)criando olhares sobre o trabalho sexual: “Viva Melhor Sabendo”, minha primeira aproximação com o campo

Durante a elaboração do projeto de pesquisa, pensar e escrever, na metodologia, os meios prováveis para acessar minhas possíveis interlocutoras no campo parecia mais alcançável do que realmente foi. Tinha a percepção que esse público poderia recear uma exposição de forma negativa. Evidentemente, isso não constituía a minha intenção ao pensar em visibilidade, mas tal imaginário – o do “se expor” – fez parte do processo da pesquisa, uma etapa que dificultou a abordagem das interlocutoras. Procurei, então, um método de aproximação com o público de pesquisa que pudesse lhes oferecer mais segurança; deste modo, decidi entrar em contato com o Instituto Brasileiro de Inovações pró-Sociedade Saudável Centro-Oeste (IBISS/CO).

O IBISS/CO é uma instituição sem fins lucrativos, que atua com projetos voltados à temática dos direitos humanos. Conheci-a por intermédio de um amigo que já trabalhava na instituição desde que cursei, ainda na graduação, uma disciplina na área de psicologia. Esse colega coordenava um programa vinculado à promoção dos direitos humanos, principalmente em relação ao público com HIV/AIDS, profissionais do sexo<sup>9</sup> (realizando a prevenção, distribuição de gel e preservativos), entre outros grupos que vivenciam experiências de estigmatização, discriminação e exclusão por parte, inclusive, de políticas públicas, as quais deveriam garantir os seus direitos básicos.

Essa instituição fora a minha primeira porta de entrada no campo: dialoguei com o supracitado amigo, a fim de saber sobre a possibilidade de acompanhá-lo, e também a sua equipe, na abordagem com as profissionais do sexo (termo por eles escolhido para se dirigirem às mulheres). Todos se mostraram receptivos; assim, inseri-me temporariamente no local, como voluntária, e comecei a acompanhar o desenvolvimento do projeto.

Notei que, para além das casas de massagem visitadas durante o dia e das boates e ruas que frequentei à noite, estar no veículo a caminho desses lugares, junto à equipe, à época

---

<sup>9</sup>De início, refiro-me a essas mulheres com a nomenclatura ‘profissionais do sexo’, a mesma utilizada nas abordagens feitas pelos colaboradores da ONG, orientação procedente da área da saúde e a qual adotei enquanto circulava na instituição. Durante o processo da pesquisa, contudo, vou modificando os usos da categoria quando em referência às essas mulheres.

rotativa entre duas e três pessoas, já significava um momento de aprendizado. Minhas idas a espaços nos quais se ofereciam variadas formas de serviços sexuais me possibilitava conhecimento sobre a organização dos locais de prostituição em Campo Grande-MS.

No primeiro dia em que acompanhei a abordagem, dirigimo-me às casas de massagem durante o período vespertino. No caminho, a equipe do IBISS/CO me explicou alguns mecanismos de organização desses locais; por exemplo, a maioria deles se localiza próximos uns aos outros, e de borracharias, região em que percebi uma movimentada circulação de homens. Além disso, os números que registram o endereço das casas têm tamanho grande, destacados como particularidade dos espaços onde são oferecidos serviços sexuais.

Ainda nesse dia, os veículos chegavam às casas somente quando delas nos distanciávamos – uma justificativa para que algumas mulheres não quisessem participar das testagens da OSC naquele momento<sup>10</sup>. Nem sempre os clientes gostam de ser vistos por pessoas de fora. Nessa ocasião, fomos a três casas de massagem. Não encontraríamos mulheres universitárias nesses locais, o que me foi informado previamente; ainda assim, interessava-me a ir tendo em vista minha não compreensão do cenário onde essas relações ocorrem. Este seria o primeiro contato com os espaços e com as mulheres no campo – ainda não havia ido a alguma boate, casa de massagem ou ruas para conversar com esse público. Dispunha de algumas ideias oriundas do imaginário do senso comum, mesmo baseados em teorias que tecem críticas aos olhares vitimistas sobre a prostituição. O encontro com o campo e a quebra de preconceções foi recorrente em outras pesquisas. Ocorreu, por exemplo, com Nieto Olivar (2013), quando desenvolveu seu estudo a partir das narrativas de quatro militantes da década de 1980 no Brasil.

Nieto Olivar (2013) descreve quais escutas possibilitaram suas primeiras rupturas com a ideia de que a prostituição seria contrária à dignidade humana – o autor justificava a “venda do corpo” pela falta de melhores oportunidades ou, simplesmente, como uma forma de opressão e objetificação da mulher. Em seus próprios termos:

Minha própria ruptura com essa perspectiva, ou meu questionamento sobre ela, começou um ou dois anos antes de sair do país. Primeiro, uma comadre e uma amiga adolescente de algum trabalho anterior chamava-me para contar que estava “putiando” (essa história está documentada em Olivar, 2008). Angustiado, falei com minha namorada, e ela, serena, disse-me: “Não

---

<sup>10</sup>Testagem: quando as/os profissionais da saúde, neste caso a equipe do IBISS/CO, realizam um teste de HIV com seu público alvo, por meio do fluido oral. O resultado é obtido em torno de quinze minutos.

necessariamente é tão ruim como pensas, tudo depende de como ela estiver fazendo, talvez seja sua melhor opção (Idem, p. 31).

Outra experiência etnográfica é a de María Elvira Días-Benítez (2010). No livro *Nas Redes do Sexo: Bastidores do pornô brasileiro*, ela conta a sua primeira experiência: ao realizar a entrevista de um ator pornô, ele se masturbava para a cena,

Como se tratava de minha primeira experiência, naquele instante algumas ideias (preconceituosas) me passaram pela cabeça. Imaginei que o rapaz poderia estar me colocando à prova, ou que poderia estar tentando me seduzir ou, ainda, que não levava a entrevista a sério. Contudo, com o avançar dos minutos, enquanto escutava seu depoimento atinado e coerente, compreendi que eu estava fazendo meu trabalho, e ele também. Ele se masturbava porque isso fazia parte de sua rotina, e eu entrevistava porque isso fazia parte da metodologia antropológica. Ambos os comportamentos enquadravam-se perfeitamente nos roteiros de nossas profissões (Idem, p. 23).

Assim, por meio dessa experiência, Días-Benítez (2010) me apresenta a importância de dois fatores: o de compreender como o campo pode gerar alguns desconfortos e o de saber identificar esses sentimentos como resultantes de ideias preconceituosas. Entender aquele espaço, na sua dinâmica, constitui-se como ferramenta metodológica para não criar pré-concepções em nossos imaginários.

Também tinha ciência de que, após conhecer o campo, meus objetivos e entendimentos estariam passíveis a modificações, afinal, outras problemáticas poderiam surgir, fato semelhante ao que descreveu Piscitelli (2013) no seu livro *Trânsitos: brasileiras nos mercados transnacionais do sexo*. A autora, durante a apresentação de um seminário sobre o tráfico de pessoas<sup>11</sup>, ainda que tenha dito que trabalhasse com turismo sexual, percebeu que não poderia ignorar a problemática apresentada e recorrente nas perguntas do público do seminário, referente às pessoas “traficadas”.

Tendo em vista essas experiências, fui a campo. A primeira casa fazia referência a um bar, “O bar da Fulana”,<sup>12</sup> no qual estava uma mulher. No início, meus/minhas colegas do IBISS/CO me aconselharam a somente observar os afazeres com as profissionais do sexo, em seus locais de trabalho; assim o fiz. Neste momento, percebi o quanto elas precisam sanar dúvidas ligadas, principalmente, às questões de saúde. Por exemplo, a existência de um

---

<sup>11</sup>Seminário Internacional Tráfico de Mulheres em São Paulo, no ano de 2003.

<sup>12</sup>Por questões éticas, a fim de não revelarmos o endereço do local, optamos por não identificar o nome do estabelecimento.

tratamento após relações sexuais “desprotegidas” (coloquei o último termo entre aspas tendo em vista que ele pode ser o resultado do estouro de um preservativo, ou de outras situações que não necessariamente premeditadas).<sup>13</sup> Questões relacionadas a dúvidas sobre a saúde sexual se mostraram recorrentes entre as profissionais do sexo.

Ainda naquela tarde, fui à outra casa de massagem, distante dois quarteirões à frente daquela mesma rua. Logo após deixarmos o primeiro local, um veículo, estacionado adiante à casa que agora estávamos, foi dirigido ao lugar que acabáramos de sair. Ao entrarmos no espaço, uma das mulheres, também profissional do sexo, contou-me que tal veículo era guiado por um pai que iniciava o filho na vida sexual. Deram risadas de um jeito “desengonçado” desse rapaz, que nem mesmo viram, mas que disseram ser jovem. Em seguida, realizaram as testagens e seguimos para mais uma casa.

À frente desse outro domicílio, havia um bar. No local, além das mulheres, também trabalhavam rapazes – jovens michês. Um deles era filho da mulher que, aparentemente, gerenciava a casa. Ao fundo, parecia-me existir quartos. Uma das moças, que cuidava dos cabelos, interrompeu os afazeres para também realizar o teste.

Difícilmente, a testagem era aceita de antemão. Contudo, quando uma mulher a aceitava, as outras também o faziam. Havia tensão durante os minutos de espera pelo resultado; em raras exceções, as profissionais se mostravam tranquilas. As resultâncias da testagem sempre eram comunicadas em particular, jamais verbalizadas a outras pessoas presentes no local; o mesmo me fora válido. Logo, nunca soube se algum resultado foi positivo ou não para problemas de saúde; meu intuito era somente o de observar a dinâmica dos locais e tentar contato com as mulheres.

De fato, não havia mulheres “universitárias” nas casas, mas esse tinha sido apenas o primeiro contato estabelecido com as moças que faziam “massagem” (até aquele momento, não sabíamos propriamente os tipos de serviço oferecidos nestes locais). Inclusive, era-me desconhecido o fato de que uma casa de massagem poderia não existir somente com esse fim. Assim como nós, inexperientes sobre a dinâmica da economia do sexo, Fabíola, uma mulher negra, de 45 anos, cabelos compridos e encaracolados, ex-profissional do sexo, atualmente manicure e antiga proprietária/gerente de um bar, também detinha outro imaginário a respeito das casas de massagem. Efetivei o meu primeiro contato por intermédio do IBISS/CO:

---

<sup>13</sup>Esse tratamento é oferecido pelo Sistema Único de Saúde (SUS) e recebe o nome de profilaxia pós-exposição (PEP) ao HIV.

conhecia-la através de um dos projetos da instituição – inclusive, foi mediante tal projeto e explicação da minha pesquisa, que convidei Fabíola para uma conversa. Ela me conta que sua primeira experiência se deu neste tipo de local.

Um conhecido me disse, “não quer trabalhar *numa* casa de massagem?”. Só que pensei que era massagem, massagem mesmo. Aí eu falei, “eu quero, eu não tenho experiência, mas eu quero”. Aí ele falou “*ta bom*”, e foi aí que ele me levou lá, e tal tal. Tanto é que na primeira vez que era *pra* fazer a massagem, eu ia fazer a massagem, mas a pessoa falou, “não é isso que eu quero”, aí eu saí apavorada, falei *pra* menina, “fulana, ele quer transar comigo!”, e aí ela falou, “mas é *pra* transar”, eu falei, “não, mas é massagem”, “não, mas ele, o amigo que *ti* trouxe, não *ti* explicou? Eu disse, “não”. Aí sentou nós três e explicaram. Aí eu tô na chuva é pra se molhar, né? Tanto é que esse cliente ficou meu cliente por muito, muito tempo. (Transcrição de áudio do dia 01 de novembro 2018)

Desta feita, cheguei a campo pouco informada sobre o funcionamento desses espaços, o que não muito difere de algumas profissionais que se dirigem ao local de trabalho sem conhecerem a lógica vigente. Assim foi durante muitas visitas, até começar a observar, mais cautelosamente, o que procurava, concomitantemente ao avanço no campo teórico e nas leituras de pesquisadoras/es que já estudaram esse tema, em especial, sob o viés do método etnográfico. Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert (2008) afirmam que,

O método etnográfico se define pelas técnicas de entrevista e de observação participante complementares aos procedimentos importantes para o cientista adequar suas preocupações estritamente acadêmicas e academicistas à trama interior da vida social que investiga (p. 14).

Ainda, de acordo com as autoras,

O observar na pesquisa de campo implica na interação com o Outro evocando uma habilidade para participar das tramas da vida cotidiana, estando com o Outro no fluxo dos acontecimentos. Isto implica em estar atento (a) às regularidades e variações de práticas e atitudes, reconhecer as diversidades e singularidades dos fenômenos sociais para além das suas formas institucionais e definições oficializadas por discursos legitimados por estruturas de poder. (Idem, p. 4)

Isto posto, comecei a tentar alguma forma de interação com aquelas mulheres. Durante as abordagens, perguntava, às que estavam no local, se conheciam mulheres “universitárias” nessa profissão e lhes explicava brevemente a pesquisa, dissociada do trabalho da OSC. Na maioria das vezes, ouvia, com exaltação: “Nossa, têm muitas, mas não conheço.” Questionei

se havia esse público de profissionais no local, ao que me respondiam não saberem ou que não poderiam indicar alguém, embora a seguinte afirmação muitas vezes tenha sido: “Têm muitas.”

Das conversas que tive fora do contexto de campo, com amigas/os, conhecidas/os de amigas/os, e mesmo com alguns familiares, quando me perguntavam do que se tratava a pesquisa, respondia que se referia à prostituição de mulheres “universitárias”. Frequentemente, essas pessoas diziam: “Têm muitas, *né?*” Expunha desconhecimento e devolvia o questionamento: “Não sei, tem?” Ainda que essas mesmas pessoas expusessem não conhecer uma profissional do sexo “universitária”, ou nunca terem contratado um programa, em seus imaginários, pude perceber uma grande quantidade de mulheres sob este perfil. Esse fato me intrigou, pois àquela altura do estudo, tinha conhecido apenas duas profissionais, pelo IBISS/CO, em duas casas noturnas diferentes. Mais adiante, discutirei essa questão.

Sobre as meninas que encontrei na boate por meio do IBISS/CO, uma delas me solicitou que a chamasse de Carol, no contexto da pesquisa. A profissional não residia em Campo Grande-MS, estava na cidade apenas durante um tempo, a trabalho. Carol era branca, com cabelos ondulados castanhos, aparentemente naturais, tendo aproximadamente 1m70 de altura. Deveria ter por volta de 25 a 30 anos e estava cursava a segunda graduação – da primeira, desistira.

A boate em questão era pequena, funcionando somente no período noturno. Nesta ocasião, estava escura, com apenas algumas luzes coloridas piscando alternadamente, as quais iluminavam os azulejos brancos e pretos do salão. Dirigi-me à cozinha no fundo da boate, descemos alguns degraus de escada, rumo a um ambiente com mais claridade, a fim da equipe preencher as fichas/questionários da OSC a respeito da vida sexual dessas profissionais, longe dos olhares daqueles que entrassem no local. Deste modo, também as/os clientes não notariam a nossa presença. Embora não estivesse localizada no centro de Campo Grande-MS, essa boate se situava em uma movimentada avenida, a qual dava acesso ao centro da cidade. Ainda não havia clientes quando chegamos ao espaço. Era início de noite, por volta das 19h, horário no qual, corriqueiramente, o pessoal da OSC realiza as abordagens, na tentativa de não encontrar os clientes das casas noturnas.

Carol se mostrou carismática e comunicativa, colocando-se à disposição de conceder a entrevista outro dia. No entanto, teria de ser em breve, pois logo retornaria à sua cidade –

devido a um relacionamento no município em questão, a mulher não muito poderia ficar em Campo Grande-MS. Ao questionar se o seu namorado tinha conhecimento de sua ocupação na capital, ela disse: “Não”, e que também deveria voltar logo à sua cidade de origem, a fim de evitar que o homem se envolvesse com outra pessoa. Essas informações me foram ditas enquanto subia as escadas da cozinha, no fundo do espaço, a qual terminava no bar e, depois, no salão da boate, onde ela retomaria o trabalho. Comuniquei Carol que, em breve, entraria em contato, não havendo problemas se ela já estivesse em sua cidade. Poderíamos dialogar por *Skype*<sup>14</sup>. Tentei contatar Carol, não obtive retorno. Ao seu *WhatsApp*, enviei mensagens, as quais foram visualizadas, mas não respondidas.

Em outra casa noturna<sup>15</sup>, mais próxima à Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, conheci Rebeca – outro nome fictício utilizado na pesquisa. A mulher tinha os cabelos descoloridos, era magra, com idade aproximada de 20 a 25 anos. Aparentávamos alturas semelhantes, o que sinaliza uma estatura média de 1m65. Ao iniciar a explicação sobre a pesquisa, a entrevistada se manifestou um pouco tensa, relatando o receio de se expor. Esclareci-lhe de que meu estudo objetivava conhecer sua história, e não revelar sua identidade. Argumentei, ainda, que poderíamos conversar em outro momento, quando a mulher não estivesse ocupada em seu local de trabalho. Rebeca, então, informou-me seu número de telefone, o qual apresentava Discagem Direta Internacional (DDD) de São Paulo (11). Como Carol, essa mulher também não era de Campo Grande-MS. Assim, contatei Rebeca e obtive resposta, porém, ela não mais estava na cidade. Tentei, por isso, marcar uma conversa por *Skype*, mas sem sucesso.

Continuei junto ao IBISS/CO, em busca de outras mulheres universitárias. Durante o diálogo com o orientador desta pesquisa, a qual ainda estava em andamento, percebemos que

---

<sup>14</sup>*Skype* é um aplicativo tanto para celulares quanto para computadores, que permite a comunicação pela Internet, através de conexões de voz e/ou vídeo.

<sup>15</sup>Casa noturna e boate são usadas, no contexto de Campo Grande-MS, para se referirem a um mesmo espaço. Diferentemente da casa noturna/boate na qual encontrei Carol, essa apresentava uma estrutura mais decadente. Inclusive, já interrompera os seus serviços, voltando a funcionar em outro momento, devido a uma má gestão. O local possuía quartos para as profissionais do sexo dormirem; nestes, havia camas de solteiro com a estrutura de madeira, algumas rabiscadas com canetas, bem como guardarroupos sem portas que, além de rabiscos, evidenciavam marcas de beijo com batom. A citada boate dispunha, ainda, de um espaço, sem pavimentação, para o estacionamento de automóveis, o que também diferiu da outra casa noturna, na qual as pessoas tinham de deixar seus veículos nas ruas ou em vagas de estabelecimentos vizinhos, que fechavam durante a noite. No horário em que nos encaminhamos ao espaço, ainda não havia clientes, também por volta das 19 horas. Não fomos ao salão do lugar, onde ficam as/os clientes, somente entramos em um dos quartos para que a equipe da OSC efetuasse as testagens e os preenchimentos das fichas/questionários.

“universitária” poderia significar uma identidade acionada por mulheres dentro da economia do sexo, haja vista que, no tempo em que acompanhei o IBISS/CO, não firmei contato com qualquer outra, senão Carol e Rebeca. Dito de outra forma: as profissionais do sexo com as quais dialoguei poderiam ser universitárias no sentido de assumirem uma representação daquilo que uma/um cliente reconhece e espera quando elas dizem ser o que são.

Ao refletir sobre o manejo identitário comum a este campo da economia do sexo e partindo da possibilidade de escolha das profissionais do sexo de se descreverem enquanto “universitárias”, ainda que não o sejam, expandi minhas buscas – de profissionais do sexo universitárias para, também, profissionais do sexo que se dizem “universitárias”, procurando ouvir aquelas que, por diversos motivos, agenciam seus corpos como “universitárias”, a fim de serem acessadas como tais.

Entendo que uma mulher ser lida e acessada tal como “universitária” se assemelha ao que Tiago Duque<sup>16</sup> (2017) estudou sobre o “passar por”. A reflexão deste autor me possibilita compreender a identificação, enquanto “universitária” na prostituição, como uma espécie de regime de visibilidade que se dá via agência, em meio a marcadores sociais da diferença – gênero, raça/cor, etnia, sexualidade, idade, região, etc. Diferente do “passar por”, todavia, valei-me dos termos “anunciar-se”, que vem de “anúncios”, e “ser acessada”, com o intuito de me referenciar à forma pela qual as profissionais do sexo estão criando anúncios/perfis na internet para se apresentarem – “ser acessada” como “universitária”. Saliento que, dessemelhante da busca por reconhecimento do campo de Duque (2017), em meu campo, anunciar-se tal qual “universitária” é percebido como a intersecção de marcadores sociais da diferença que, juntos, evidenciam um estilo de atendimento, trabalho e perfil de mulheres, os quais criam determinadas expectativas de quem vai acessá-las, e não como a busca de uma legitimidade identitária para viver uma vida de profissional do sexo.

---

<sup>16</sup>Seu estudo teve como foco de análise discutir as experiências de passabilidade no que se refere às performances de gênero, feminilidades e masculinidades, mostrando que passar por homem e/ou mulher envolve estratégias de (in)visibilidade e conhecimento. Ele me revela que o (não) passar por não se restringe somente às diferenças de gênero e sexualidade mas, há uma intersecção com outros marcadores sociais da diferença. A “passabilidade”, é uma palavra êmica que vêm do campo de Duque (2017), o autor observou que para alguém ser “passável” é necessário que haja o reconhecimento de um outro sobre este sujeito. A expectativa de alcançar esse reconhecimento é um jeito desses sujeitos serem “lidos” como vidas possíveis de serem vividas. Ser “passável” garante uma legitimidade para a vida destes sujeitos. Ainda que este sujeito performatize através de artefatos, por exemplo, femininos, uma feminilidade para alcançar uma imagem de um sujeito do gênero feminino, a mesma só terá alcançado essa “passabilidade” se o outro a ver/reconhecer como alguém deste gênero feminino.

Muitas das quais conversei poderiam ter sido “universitárias” em algum momento das práticas com os clientes, sem necessariamente estarem inseridas na academia – o fato de designar “universitária” está ligado a uma estratégia para “agradar” um determinado tipo de cliente, uma forma de ser/estar em um período de tempo, quando necessário. Entender esse processo me foi importante para também pensar que as mulheres por mim procuradas não precisavam estar matriculadas na universidade, mas dizerem ser, “se anunciar” ou “ser acessada” (vista como), diante do reconhecimento (do olhar que legitima) de outras pessoas, em especial, dos clientes.

Apreender essa possibilidade de “anunciar-se” e/ou “ser acessada”, fez-me compreender, do mesmo modo, o “tem muitas” e não encontrar essas “muitas”. Neste caso, podem existir as “muitas”: as que dizem ser, as que “anunciam ser”, e as que são, de fato. Porém, a maneira pela qual as procurava me possibilitou encontrar somente as, deusas, acadêmicas, que não eram muitas. Portanto, a abordagem deveria mudar.

Durante um período, afastei-me do IBISS/CO; devido a edição do projeto estar no fim, as abordagens diminuíram. Para aproveitar o tempo, procurei profissionais do sexo nos sites e salas do bate-papo UOL de Campo Grande. Encontrei mulheres com a *tag*<sup>17</sup> de “universitárias” em três sites – “Viva local”, “*Photo Acompanhantes MS*” e “*Hot MS*” – e, ainda que não se dissessem “universitárias”, algumas profissionais conversaram comigo a respeito dessa categoria. Sobre isso, tratarei a seguir.

## 2.2 (Re)pensando novos “pontos”: o uso da internet como espaço para o exercício de uma economia sexual

Acredito ser importante mostrar como se apresentam as relações no ambiente *on-line*, tendo em vista que esses espaços também se constituem como lugares discursivos, dispositivos de poder, de acordo ao termo de Foucault (1999), em que, neste caso, enunciativos, em certa medida, produzem um efeito de subjetivação no grupo social que o observa e está inserido.

“*Photo Acompanhantes MS*” e “*Hot MS*” são sites de anúncios e divulgação de serviços de “acompanhantes”, de acordo com descrições próprias. Também são conhecidos pela publicação e procura por profissionais do sexo. O “Viva Local” se caracteriza como um sítio

---

<sup>17</sup>*Tag*, do inglês, significa etiqueta/rótulo, mas o termo é usado em *sites* de anúncios como um campo de destaque, em que as/os usuárias/os o utilizam para facilitar suas buscas na página.

eletrônico de anúncios que funciona na qualidade de um classificado de jornal. Possui todo tipo de publicidade, desde veículos e imóveis, até relacionamentos. Nesse site, encontrei as categorias de busca “acompanhantes & massagem”, “acompanhantes trans”, “acompanhantes masculinos” e “encontros casuais”. Nessa página da internet, pude me valer de filtros para realizar buscas mais precisas das mulheres.

Por sua vez, o “*Photo Acompanhantes MS*” já possui alguns crivos prontos, como o “perfil”, pelos quais selecionei as profissionais conforme “idade”, “cachê”, “orientação sexual”, “etnia”, entre outros. Há, também, uma ampla variedade de informações que podem ser selecionadas, como “BDSM”,<sup>18</sup> “lugar”, “serviços”, “massagens”; cada crivo possuindo outras filtragens – por exemplo, no filtro BDSM, ainda aparecem as opções de “adestramento animal”, “bondade”, “cera quente”, “chicotadas”, “cuspir”, “dominação”, “escravas”, “feminização”, “fetichismo”, “*fisting anal*”<sup>19</sup>, “humilhação”, “iniciação BDSM”, “pisotear”, “sado medical”, “submissão” e “tortura genital”. Uma diversidade de opções. Ademais, excetuando-se os filtros prontos, existe a possibilidade de realizarmos outras pesquisas; logo, busquei por “universitárias”. Esse site me informa as últimas postagens de “uma hora”, “dois dias” e “ontem”, geralmente apresentando, em topo de página, as publicações mais recentes.

O site “*Hot MS*” dispõe de menos ferramentas para filtragens, somente separando os anúncios de acordo com cidades do Mato Grosso do Sul (Amambai, Dourados, Campo Grande e Ponta Porã) e por “mulheres”, “homens” e “travestis”. Dessa forma, dificulta a procura pelas descrições de “universitárias”.

Efetuar a busca por essas mulheres, tal como observar e analisar as suas descrições (o que inclui locais, serviços prestados, preços, entre outras características colocadas por elas nos anúncios), me é possível por intermédio do método da “etnografia de tela”. Utilizado principalmente por antropólogos, esse recurso me possibilita a inserção em “espaços sociais” como o da televisão (e, aqui, acreditamos ser possível, também, em ambientes *on-line*). Consoante a Carmen Rial (2004), o método ainda tem o trabalho de campo como prática, o qual objetiva “coletar” e analisar as informações de forma extensa e longa (tal qual a etnografia mais tradicional), permitindo atingirmos um grau de compressão do grupo social ou texto estudado, semelhante ao método etnográfico (*off-line*).

---

<sup>18</sup> O Bondage e Disciplina, Dominação e Submissão, Sadismo e Masoquismo (BDSM) é um tipo de prática que visa a trazer prazer sexual mediante as trocas eróticas que envolvem relações de poder, envolvendo (ou não) dor e submissão, além de outros meios.

<sup>19</sup> Prática sexual em que o braço e antebraço são inseridos na região anal.

Além da “etnografia de tela”, existe outro método etnográfico do qual me valei nesta pesquisa: a “etnografia *on-line*”. Essas estratégias se diferenciam no que tange à relação com usuárias/os. A “etnografia *on-line*” envolve uma interação, uma sociabilidade, em que alguém é identificado/visto no ambiente *on-line* e altera aquele meio – por exemplo, em conversas pelo *chat*, como apresentarei no campo da sala de bate-papo UOL, mais adiante nesta dissertação. Ainda que não desenvolvamos conversas com algumas ou alguns usuários do meio, somos vistos/identificados, observados por outras e outros membros que estão naquele ambiente, isto é, mesmo que não inicie o diálogo, as pessoas podem me acessar naquele local como uma “usuária”. Diferente disso, na “etnografia de tela”, conseguimos o acesso sem que sejamos vistos por membros do site, além de não alterarmos o meio. Conectei-me àquele ambiente *on-line*, observando e acessando as informações, sem ser nota.

Entendo por “etnografia *on-line*” algo semelhante ao que alguns autores, em conformidade a Marcio Noveli (2010), chamaram de “netnografia”. Em outras palavras, um método que visa abordar o espaço virtual, *on-line*. O dispositivo da “netnografia” vem sendo utilizado, porém, segundo Adriana Amaral, Geórgia Natal e Lucina Viana (2008), por pesquisadores da área de *marketing* e administração, diferentemente da etnografia virtual (*on-line*), que tem sido mais usada na área da Antropologia e Ciências Sociais. Deste modo, compreendo que seja mais adequado recorrer à “etnografia *on-line*”. Isso consiste em investigar os espaços *on-line* e interagir com as interlocutoras que acessam tais tecnologias, as quais Richard Miskolci (2013) chamou de “mídias digitais”.

Segundo Miskolci (Idem), em uma etnografia (*off-line*), a aproximação com os sujeitos da pesquisa costuma ser mais paulatina, dada em uma esfera pública e se adentrando aos poucos na intimidade da/o colaboradora/o. Isso difere das mídias digitais, onde se costuma criar um contato privado, de forma que a relação entre interlocutora/o e a/o investigadora/o permite um acesso mais rápido à intimidade, o que não deixa de criar, evidentemente, alguns embaraços e dilemas éticos.

À vista disso, o mesmo autor ressalta um tanto de cuidados metodológicos ao se efetuar a pesquisa no campo *on-line*, afirmando que “o uso de fotos também precisa ser autorizado e usado com parcimônia e cuidado para tornar as pessoas não-identificáveis” (Idem, p. 19). Com essas informações, adotei o cuidado que habitualmente temos em uma etnografia *off-line*, a fim de não expor as profissionais do sexo que se dizem “universitárias”. Embasada

nesse mesmo cuidado metodológico, justifico a não colocação do rosto destas profissionais nas fotografias obtidas no site.

Efetuada essas definições e diferenciações metodológicas, volto a apresentar o campo *on-line*, via “etnografia de tela”.

O site “*Photo Acompanhantes MS*” permite que outras/os usuárias/as, as/os clientes, comentem e avaliem os serviços nos anúncios das mulheres, atribuindo, inclusive, uma nota à função dessas profissionais. Tal ferramenta parece ser uma novidade, tendo em vista as poucas avaliações realizadas nos perfis do sítio eletrônico. Em agosto de 2017, quando, nessa plataforma, realizamos a busca por profissionais do sexo no estado do Mato Grosso do Sul, em Campo Grande, havia três avaliações nos perfis entre 139 existentes no site. Ao utilizarmos a *tag* universitária, não havia qualquer avaliação de usuárias/os. Este *website*, assim como o “*Hot MS*”, possibilita o cadastro somente a usuárias/os com idade igual ou superior a 18 anos, incluindo outros termos de responsabilidade, como a garantia da veracidade das informações postadas na página.

O “*Photo Acompanhantes MS*”, por disponibilizar a opção do *Google Maps*<sup>20</sup>, despertou-me um maior interesse, diferentemente do “*Hot MS*”, isto é, quando a/o cliente busca um serviço, ela/e pode utilizar essa ferramenta, optando pela pesquisa de profissionais do sexo mais próximas do seu local, região, ou lugares já reconhecidos. Ademais, existe a opção do *Street View*<sup>21</sup>, para visualizar a imagem da casa, apartamento, boate, ou qualquer outra localidade disponibilizada pela profissional.

Os sites aparecem como uma alternativa para a garantia do anonimato, principalmente, para as profissionais que zelam pela pouca exposição. Ainda que, ao oferecerem os seus serviços, as mulheres utilizem a ferramenta do *Street View*, ou simplesmente disponibilizem um endereço, elas permitem que façamos o trajeto dos locais onde circulam, isto é, podemos mapear quais são os “pontos” da cidade em que elas trabalham.

No dia 09 de agosto de 2017<sup>22</sup>, acessei a página do “*Photos Acompanhantes MS*”, filtrando a cidade de Campo Grande-MS. Na barra de pesquisa, digitei a palavra “universitária”. Como resultado: 24 perfis de diferentes mulheres; quinze delas diziam já ter local, oito utilizavam a ferramenta do *Google Maps* e sete delas estavam no centro da cidade.

---

<sup>20</sup>Esta é uma ferramenta do *Google*, uma empresa que disponibiliza serviços *on-line*. O *Google Maps* permite encontrar locais, empresas, restaurantes entre outros estabelecimentos, visualizar mapas e possíveis rotas de tráfego.

<sup>21</sup>A opção *Street View* apresenta imagens do local e possibilita compartilhá-las.

<sup>22</sup>É importante datar o dia em que foi realizado o campo *on-line*, pois os perfis dessas profissionais podem ser retirados, ou novos perfis podem ser criados conforme o dia de acesso aos sites.

O perfil mais antigo era datado no mês de janeiro de 2016. Por outro lado, o mais recentemente criado datava do mês de agosto de 2017. As mulheres principiantes no site se apresentavam também como inexperientes na profissão – em sua descrição, colocavam que eram iniciantes. As que não marcavam a localização precisavam especificar a região em que atendiam.

Abaixo, apresento um dos perfis<sup>23</sup>: Paty, 19 anos, autoidentificada “mestiça”. O perfil foi criado dia 01 de agosto de 2017. Ela se descreveu como “iniciante e universitária”, “danadinha”, “pele clara e macia”. Caracterizou seu local como “discreto e tranquilo”.



Imagem 1, do “*Photo Acompanhantes MS*” (Retirada do site “*Photo Acompanhantes MS*”, no dia 09 de agosto de 2017).

Entre as *tags* destacadas abaixo da imagem, vejo o vocábulo “bissexuais”. Contudo, a profissional disse atender somente homens. A prática sexual, tanto no contexto da prostituição quanto fora dele, não define necessariamente uma identidade para o sujeito. O

---

<sup>23</sup>Assim como as outras fotos apresentadas neste trabalho, que se encontram disponíveis nos sites ou me foram enviadas pelo *Whatsapp*, optei pela edição do material, a fim de não expor os rostos e contatos telefônicos. Além disso, não informei os nomes divulgados nos *websites*, isto é, todos os nomes envolvidos nesta pesquisa são fictícios. Justifico essas alterações para não expor essas mulheres, ainda que os rostos, nomes e contatos nos anúncios apareçam para qualquer usuário/o que acessar as páginas. As postagens são datadas, logo, podem permanecer no sítio eletrônico somente durante o período em que realizei o campo. Ainda que troque os nomes originais por fictícios, mantive a intencionalidade que eles apresentam; logo, nomes no diminutivo são alterados, mas permanecem com essa característica, tais quais os nomes que abreviados.

reconhecimento de uma identificação parte da própria pessoa, ainda que os outros possam vê-las/os ao contrário de como se define. O que tentei expor: trazer a *tag* bissexual, neste contexto, pode ser estratégico, um “fetiche”, diante da expectativa trazida por parte de clientes, e não experiências de sexualidade que esta profissional vive fora da prostituição.

Assim como em outras fotografias de perfil no site, o corpo é evidenciado com o uso de poucas roupas. Geralmente, não se usa qualquer vestimenta. Além disso, ainda que a profissional tenha caracterizado o local de atendimento como “discreto e tranquilo”, ela oferecia os seus serviços no centro da cidade. Ao usar a expressão “ainda que”, baseei-me na ideia de centros urbanos como lugares movimentados, haja vista a circulação de pessoas e carros devido ao comércio. No caso de Campo Grande-MS, essa circulação ocorre, primordialmente, durante o período matutino e vespertino.

A supracitada “tranquilidade”, portanto, talvez seja percebida durante a noite, quando os comércios “visíveis” fecham suas portas. Segundo Néstor Perlongher (2008), os centros são lugares dos intercâmbios, local das aventuras, dos fluxos, dos desvios, extravagâncias e fluxos dos desejos, principalmente de pessoas que buscam o coito com outras do mesmo sexo, um lugar de movimentos e trânsitos – isso foi destacado na pesquisa do autor, na cidade de São Paulo, entre as décadas de 1970 e 1980.

O perfil que se segue era o de Carlinha, que também se achava na região central de meu município. A mulher se descreveu como “morena de luxo”, “corpo invejável”, “todo malhado”, 25 anos, cobrando o preço mais alto dentre todas as outras profissionais que se valiam da *tag* “universitária”, R\$ 250,00. A imagem revelava ótima qualidade, e, assim como a foto de Paty, deixa à mostra algumas partes do corpo.



Imagem 2, do “*Photo Acompanhantes MS*” (Retirada do site “*Photo Acompanhantes MS*”, no dia 09 de agosto de 2017).

Rafaela, na fotografia abaixo, tem 19 anos, com a mesma tonalidade de pele que Carlinha, porém, identificando-se como negra, “de luxo”, “acompanhante de alto nível”, sem preço no perfil. Paty, Carlinha e Rafaela foram as únicas dos 24 perfis que não se identificaram como brancas. A última ainda enfatiza os seios na imagem, deixando-os descobertos; à mostra, fica a marca do biquíni. Soltos, sobre parte das mamas, estão os seus cabelos lisos e pretos.



Imagem 3, do “*Photo Acompanhantes MS*” (Retirada do site “*Photo Acompanhantes MS*”, no dia 09 de agosto de 2017).

Dentre todos os perfis com a *tag* universitária, tanto daquelas que se situavam no centro, quanto das que estavam em outras localidades, somente continha a descrição “gordinha”, e não estava na área. Camila, de 29 anos, caracteriza-se como “econômica”, “branca”, “cabelos pretos”, “curvas perigosas”, “gordinha”. O valor informado em seu perfil se configurava como o mais baixo entre os encontrados: R\$70,00. As demais mulheres cobravam R\$150,00.

Ao contrário dos perfis até então apresentados, pelos quais as mulheres revelam todo o corpo, ainda que coberto, em partes, por alguma peça de roupa, Camila destacou o bumbum, na foto. Na imagem, noto o marcador de raça/cor – a pele branca, também trazida como *tag* por ela.



Imagem 4, do “*Photo Acompanhantes MS*” (Retirada do site “*Photo Acompanhantes MS*”, no dia 09 de agosto de 2017).

Dentre os perfis de profissionais que se identificavam enquanto brancas, aparece também o de Talita – 24 anos, “loira top”, “de corpo escultural”, “de luxo”, “cabelos longos com luzes loiras”. De acordo com descrições e fotos de perfil, a mulher informou a sua localização no mapa, com nome de rua e número do local próximo à Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Talita, assim como Rafaela, ressalta os seios e as marcas do biquíni na fotografia. O preço do seu serviço era de R\$200,00, ainda abaixo do maior valor, o de Carlinha.



Imagem 5, do “*Photo Acompanhantes MS*” (Retirada do site “*Photo Acompanhantes MS*”, no dia 09 de agosto de 2017).

Os valores dos programas parecem refletir um anseio quanto à estética do corpo socialmente esperado. O corpo também é um lugar no qual se instauram relações de poder; ele suscita desejos relacionados a expectativas do que pode ser desejável, a partir de construções hegemônicas do que é um corpo erótico.

A estrutura corpórea, entendida como ideal, fora construída em diferentes lugares e/ou momentos, de diversas formas, isto é, a noção de corpo ideal se altera conforme o momento histórico e o lugar no qual vivemos. Anteriormente, como apontaram Carla Rosane Gautério e Méri Rosane Silva, “as pessoas gordas eram consideradas formosas e possuíam prestígio social, pois a adiposidade ainda não havia se tornado sinônimo de doença e feiura” (2014, p. 2). Logo, se antes havia uma valorização dos corpos gordos, hoje, dá-se o seu desprestígio, sendo entendido como sinônimo de doença, em algumas ocasiões, variando essa concepção, porém, de acordo com a faixa etária e a classe social.

Ocorre a cobrança por um corpo “ideal”, tido como magro, que se expande ao pensarmos em uma economia sexual, mesmo que os desejos apresentem multiplicidades. Isso fica evidente ao consultarmos o valor financeiro dos serviços sexuais e, também, nas

localidades da cidade – as mulheres, autoidentificadas “universitárias”, que estão no centro da cidade, em geral, exigem quantias mais altas que as mulheres disponíveis em outros locais – exceto Carlinha, que, embora não apresentasse local definido, descreveu-se com um diferencial: “corpo malhado”, o corpo “ideal”.

Isto posto, denoto que o corpo “ideal”, assim como Foucault (1999) vê a sexualidade – isto é, também como um tipo de “dispositivo histórico” –, e de encontro às palavras de Guacira Lopes Louro, é “uma invenção social, uma vez que se constitui, historicamente, a partir de múltiplos discursos sobre o sexo: discursos que regulam, que normatizam, que instauram saberes, que produzem ‘verdades’.” (1997, p. 8). Esse modelo de corpo nada mais significa que uma invenção daquilo que se produziu discursivamente em relação ao corpo saudável e bonito (aqui, nesse caso, leia-se “gostoso”).

Ainda que a categoria “universitária” se apresente como um diferencial de luxo<sup>24</sup>, por meio da performance de uma juventude, quando a mulher possui o corpo gordo, perde um pouco de seu valor na economia sexual. Ao contrário, a profissional com o corpo “malhado” exige um valor maior até que o da “universitária” e o das que não são gordas.

O conceito de “performance”, descrito por Butler (2003), surge enquanto uma crítica a ideia da naturalidade do gênero como essência. A autora postula que o corpo não é natural, mas tão cultural quanto o gênero. Ambos os construtos são problematizados como construções discursivas, que em certa medida, ajuda-me a compreender o “ser universitária” de maneira performativa e possível, tendo em vista que o “ser” algo significa sempre ser performático e não essencial. Carla Rodrigues (2012), sintetiza o conceito de “performance”, ela diz,

Butler vai pensar o gênero como *performance*, um tipo de performance que pode se dar em qualquer corpo, portanto desconectado da ideia de que a cada corpo corresponderia somente um gênero. Butler propõe repensar o corpo não mais como um dado natural, mas como uma “superfície politicamente regulada” [...] A repetição das normas como performance se dá sempre ao mesmo tempo em que se dá a possibilidade de burlá-las, de fazê-las *nem verdadeiras, nem falsas* [...] (p. 150-151)

Ainda sobre os marcadores sociais da diferença, percebo que, na prostituição de “universitárias”, a raça/cor, a geração e o estilo corporal juntos, possuem uma grande valorização, isto é, a cor “morena” somada à baixa faixa etária e um corpo “ideal” (malhado),

---

<sup>24</sup>Como apresentado por elas nas suas *tags* e/ou na descrição em seus perfis, “de luxo”.

são mais enaltecidos do que apenas um corpo escultural, como o de Talita (que aciona outros marcadores para a produção do seu corpo; neste caso, ela não é malhada, mas “bunduda”, e, além disso, anuncia cor/raça, classe, geração, percebidas pela fotografia e/ou uso de *tags*). A raça/cor, nesse sentido, apresentaste-me como um disparador da valorização na economia sexual; mas, para além da performance de juventude, o corpo é manifestado nos sites como um fator primordial para a definição do preço de uma acompanhante.

A expectativa quanto à “universitária” parece perpassar, principalmente, o corpo jovem, mas também de “luxo” (além de cor/raça e escolaridade). Nos sítios eletrônicos, há um número maior de mulheres que se identifica como “universitárias” (nos pontos que nomeamos de virtuais) do que nas ruas (lugares vistos como mais “periféricos”). Embora as tenha encontrado em boates, o número de perfis descoberto pelos sites é superior ao de qualquer outro lugar no qual circulamos com o IBISS/CO. No ambiente *on-line*, encontrei 24 mulheres em uma só busca, e somente em um dia.

As cidades globais produziram novas formas de comunicação, uma característica da modernização. José Guilherme Cantor Magnani (2002) chamou a atenção para essas novas tecnologias, como exemplo, a *on-line*. Por meio dela, é possível o contato imediato entre as pessoas, além de trocas de informações, o que não tem enfraquecido as cidades. Ao contrário, em consonância ao pensamento do autor, acredito que a tecnologia seja um facilitador para quem quer marcar encontros, conhecer pessoas e, inclusive, procurar por sexo de forma menos “visível”, além de outras facilidades.

Os sites são ferramentas que facilitam o dia-a-dia das mulheres que fazem programa. Intermediadas por eles, podem expandir sua (in)visibilidade em relação aos serviços prestados. Essa é uma alternativa para quem não pretende tanta exposição, tal como as mulheres que estão nas ruas, vistas como espaços mais vulneráveis a quem pratica a prostituição. Algumas profissionais, aliás, optam por não exporem os seus rostos nas fotos dos sites, o que seria difícil se o mesmo serviço, ou seja, ponto de mediação entre elas e as/os clientes, fosse realizado nas ruas.

Com essas novas ferramentas de comunicação, noto que os “pontos” são expandidos a outros espaços, além daquele comumente presente em nossos imaginários, as ruas. Além dos jornais, a internet permite os pontos *on-line*, tanto nos anúncios em sites quanto nas salas de bate-papo – esses ambientes são diferentes e apresentam as mais recentes formas de mediar profissionais e clientes, os quais podem estabelecer contato *on-line*. Por intermédio dos

classificados impressos do noticiário Correio do Estado, pesquisei, também, mulheres que estivessem divulgando seus serviços e que colocassem a descrição como sendo estudante e/ou universitária. Essa parte se localizava na última sessão/página da publicação. Alguns classificados se repetiam de uma edição para a outra. As profissionais se descreviam como loiras, morenas, entre outras classificações, mas nenhuma como “universitária”.

Sobre o ponto *on-line*, entendo-o enquanto continuidade do procurado *off-line*: uma expansão das necessidades que não se limita às ruas; ambos são complementares. Segundo Gibran Teixeira Braga,

“on-line” ou “virtual”, não é um espaço destacado do mundo “off-line” ou “real”; estas classificações não devem ser pensadas como absolutas, nem formam uma dicotomia. Não são planos radicalmente apartados, mas contextos que se interpenetram e se influenciam mutuamente. A internet não forma um espaço autônomo, que existe em paralelo aos espaços físicos; a distinção on-line/ off-line é circunstancial e precária, “real” e “virtual” estão constantemente articulados. A rede é parte do mundo, e não um “mundo à parte. (2013, p. 228)

Enfatizei que, estar nos sites, não coloca as mulheres em ambiente restrito dos espaços *off-line*: os sítios eletrônicos não são um “mundo à parte”, pois as práticas sexuais, seus serviços, o programa, segundo o termo de Perlongher (2008), “consumam-se” em diversas regiões da cidade, em espaços não *on-line*, isto é, o site surge apenas como um mediador. Há serviços que ocorrem exclusivamente em espaço *on-line*, como aqueles prestados em *Câmera Privê*<sup>25</sup>. Este sítio eletrônico é destinado a pessoas (maiores de 18 anos) que queiram interagir e assistir shows de *striptease* (conteúdo erótico), feitos por *strippers* virtuais via *webcam*. A respeito do espaço *on-line*, discutirei mais à frente, neste texto. De qualquer forma, mesmo no *Câmera Privê*, as/os usuárias/os são reais e medeiam os seus serviços por uma câmera, desde um espaço *off-line*.

Para as trocas sexuais, existem outros espaços *on-line* de negociação. Compreendo trocas sexuais enquanto relações sob as quais se dá uma “troca *explícita* e negociada de dinheiro e outros bens materiais por serviços que, generalizando as formas e as perspectivas, chamamos de sexuais” (OLIVAR, 2013, p. 34). Claro, como disse o autor, “generalizando”, pois nem todo programa se constitui em trocas sexuais. Há, também, negociações que não são mediadas por dinheiro. Outra possibilidade de campo que se apresentou fora o site “Meu Patrocínio”. Ainda que não seja direcionado à prostituição, como as páginas anteriormente apresentadas, esse portal apresenta uma interessante dinâmica de trocas que me possibilita

---

<sup>25</sup>Uma plataforma de transmissão de áudio, vídeo e *chat*, que conecta pessoas por meio da *webcam*, a princípio para fins de práticas eróticas.

pensar algumas nomenclaturas da economia sexual, além da categoria “ajuda”, que apresentarei em seguida.

O site mostrou ter uma possível ligação com o campo da prostituição “universitária” de mulheres. Conheci-o durante uma conversa informal e despretensiosa, entre colegas de uma disciplina que cursava fora da grade curricular do curso de graduação em Ciências Sociais. Estava sentada ao fundo da sala, aguardando o horário da aula. Em meio a “cochichos” de colegas da disciplina logo à frente, ouvi a respeito do site “Meu Patrocínio”<sup>26</sup>.

Uma das pessoas que estava no local – uma jovem alta, branca, magra, com cabelos lisos e loiros naturais – acessou essa página, como usuária. Aparentemente tímida, contava sobre a sua experiência no *website*. Pelo que entendi, ainda não havia “rolado” o sexo: o *Sugar Daddy*<sup>27</sup> apenas pediu que ela usasse “roupas específicas” para o encontro.

A moça falou a respeito de uma de suas relações mantidas naquele contexto de negociação do site. Isso demonstra, em certa medida, o que ela compreende daquele espaço. Expus tal experiência – a de minha escuta sobre o assunto, em um ambiente fora do campo sobre qual, posteriormente, construí o projeto desta pesquisa – uma vez que acredito em sua importância para o que se apresentaria após os discursos de outras mulheres, inseridas na economia do sexo.

Inseri-me na referida conversa, mostrando interesse pela página da internet: perguntei por que falavam baixo sobre o assunto. Uma das pessoas me respondeu que a atitude se devia ao fato de se tratar de um site de prostituição. A colega que possuía cadastro no sítio eletrônico, e que, enquanto conversava conosco, também mexia em seu celular, parou e respondeu: “Não é prostituição!” Em seguida, voltou a tocar o celular, sem explicar o motivo pelo qual o *website* não se encaixava nessa categoria. Àquela altura, ainda não compreendia algumas categorias como a de “ajuda”; por isso, não questionei a justificativa de o referido sítio eletrônico ser de prostituição para alguns colegas e não o ser para aquela que o acessava.

Segundo Piscitelli,

No marco de relacionamentos sexuais e afetivos, a ajuda é frequentemente trocada por sexo, muitas vezes vinculada a afeto. E se o programa evoca um

---

<sup>26</sup>Disponível em: <[https://www.meupatrocínio.com/?CO=BR&utm\\_source=search&utm\\_medium=text&utm\\_campaign=brand&utm\\_keyword=meu%20patrocínio&gclid=CjwKCAjwIXbBRBhEiwAWV-5nnBBq-xy7zELgYEXIHIGhCR7fgDI05M84OP-HPIe5RaYE4hR00LNxBoC\\_O0QAvD\\_BwE](https://www.meupatrocínio.com/?CO=BR&utm_source=search&utm_medium=text&utm_campaign=brand&utm_keyword=meu%20patrocínio&gclid=CjwKCAjwIXbBRBhEiwAWV-5nnBBq-xy7zELgYEXIHIGhCR7fgDI05M84OP-HPIe5RaYE4hR00LNxBoC_O0QAvD_BwE)> Acesso em: 01 ago. 2018.

<sup>27</sup>Homens mais velhos que procuram mulheres mais jovens. Disponível em: <<https://www.meupatrocínio.com/sugar-daddy>> Acesso em: 01 ago. 2018.

contrato de serviços, a ajuda, inserida em uma tradição de intercâmbios hierárquicos, remete a noções de amparo, cuidado e afeto, que se expressam em termos de contribuição para a sobrevivência econômica e para o consumo. (2011, p. 550)

A mesma autora me explica que essa categoria se insere no sexo transacional – relação sexual entre mulheres e homens e que, sob a minha ótica, também deva existir entre mulheres e mulheres, estabelecida mediante trocas econômicas. Esse tipo de relação mostra semelhanças com a prostituição, uma vez que envolve relacionamentos fora do matrimônio, podendo ou não ser entre várias pessoas e baseada na troca de presentes ou dinheiro. O que diferenciaria o sexo transacional da prostituição é como as/os participantes são compreendidas/os nesse intercâmbio de vinculação: enquanto umas/uns são namoradas/os, com um conjunto de obrigações mais amplo, outras são profissionais do sexo e clientes (PISCITELLI, 2011).

Ao me conectar ao site “Meu Patrocínio” a primeira frase que se destaca é: “A rede social para quem tem sucesso, ambição e beleza... ou tudo isso!”. A sentença se encontra ao lado de um casal formado por um homem e uma mulher, ambos brancos, que se abraçam no centro da página. A imagem e a frase mudam conforme o tempo em que lá permaneci. Além disso, também pude identificar: “Relacionamentos pré-estabelecidos, expectativas atendidas, benefícios mútuos”. No momento da aparição desta frase, havia a imagem das mãos brancas de um homem sobre a mão de uma mulher. Na outra mão, ela segurava uma carteira vermelha. Essas características, de forma não sutil, demonstram-me os estilos e perfis esperados por usuárias/os desse site: homens e mulheres brancas/os, que expressam a expectativa de manterem uma relação de luxo, evidenciada na frase “mulheres lindas, homens ricos”.



Imagem 6, do “Meu Patrocínio” (Retirada do site “Meu Patrocínio”, no dia 26 de nov. 2018).

Acima das frases e das imagens, existem opções para sanarmos as dúvidas a respeito do “relacionamento” *Sugar*, tendo as alternativas de se cadastrar como *Sugar Mommy*, *Sugar Daddy* e *Sugar Baby*. Essa última categoria, *sugar baby*, parece se referenciar tanto a mulheres quanto a homens. Ao acessá-la, aparece-me escrito: “Querer do melhor é um problema? Não, é ter bom gosto!”. Ainda que também seja possível os homens se cadastrarem nessa categoria, as fotografias que aparecem no site são apenas de mulheres jovens e brancas; os homens, referidos para “relacionamento”, são revelados com aspectos de maduros e bem sucedidos, os *Sugar Daddies*. As opções para marcarmos o tipo de “relacionamento” que esperamos são mediadas pelo portal e se mostram no momento do cadastro. Ao se inscreverem na plataforma, as pessoas contam com as opções de marcar *Sugar Daddy*, *Sugar Mommy* ou *Sugar Baby*, a depender do próprio reconhecimento. Abaixo das opções, um tipo de perfil é descrito. “Sou rico e maduro, quero mimar alguém” se localiza abaixo das opções *Sugar Daddy* e *Sugar Mommy*. “Sou uma pessoa decidida e quero receber mimos”, logo após a opção *Sugar Baby*. A imagem a seguir ilustra minha palavras:

**O que você é? \***

**Sugar Daddy / Mommy**  
Sou rico e maduro, quero mimar alguém

**Sugar Baby**  
Sou uma pessoa decidida e quero receber mimos

**O que você busca? \***

Homens       Mulheres

Imagem 7, do “Meu Patrocínio” (Retirada do site “Meu Patrocínio” no dia 26 de nov. de 2018).

Somente conseguimos compreender o funcionamento da interação entre as/os usuárias/os do quando nele nos cadastrarmos e por ele formos aceitas/os. Não me é informado, ao certo, o que é avaliado para um perfil ser ou não aprovado. De acordo com o portal,

O período de aprovação é de, no mínimo, 24 horas, podendo perdurar pelo tempo que for necessário para manter o equilíbrio em nossa rede social. Se o seu perfil ainda não foi aprovado, tenha paciência. Certifique-se de que o cadastro está completo, pois isso agiliza muito o processo! (Retirado do site “Meu Patrocínio”)<sup>28</sup>

Neste sentido, o sítio eletrônico parece ser restrito a determinados perfis de usuárias/os. Quanto à prática de prostituição, porém, há uma ênfase: “Lembre-se: Você deve ter mais de 18 anos para participar. Por favor, esteja ciente de que nós proibimos quaisquer pessoas de promover atividades ilícitas (como prostituição) ou comerciais de qualquer tipo.” Essa contradição me é de grande relevância, uma vez que compreendo o site enquanto um mediador de trocas, nas quais está incluída uma economia sexual, que constitui o foco desta pesquisa. Isto posto, pretendo expor a discussão da problemática no capítulo posterior.

---

<sup>28</sup>Disponível em: <<https://www.meupatrocinio.com/como-funciona>> Acesso em: 01 ago. 2018.

### 3. ACIONANDO OUTRAS ESTRATÉGIAS DE DIÁLOGOS

#### 3.1 Diante de um “campo difícil”: sobre outras estratégias para dialogar com as interlocutoras

No início deste trabalho, intencionava o contato com as interlocutoras a partir dos meios por elas disponibilizados em sites, que já mencionei no capítulo anterior, e também com as profissionais que colocavam a *tag* “universitária”. No dia 05 de março de 2018, data em que novamente efetuei as buscas, encontrei 16 perfis no portal “*Photos Acompanhantes MS*”, um no “Viva Local” e cinco no “*Hot MS*”.

Em uma planilha, organizei os contatos em acordo aos: nomes apresentados, números de celular e idade. Somente oito não forneciam números telefônicos vinculados ao aplicativo para *Smartphone, Whatsapp*.

Consegui marcar a primeira entrevista com Aline (nome fictício), uma mulher branca, de cabelos em tonalidade castanha e escura, aparentemente naturais, de 19 anos, oriunda do “*Hot MS*”. Acordei o encontro em uma padaria não muito movimentada, localizada fora do centro de Campo Grande-MS. Antes do horário marcado, liguei e enviei mensagens à mulher, mas não obtive retorno. Ainda assim, dirigi-me ao local e no horário combinado. Somente no dia seguinte, Aline me respondeu pedindo desculpas por sua ausência, alegando ter esquecido o nosso encontro. Outras vezes, tentei agendar uma conversa, mas parecia não haver dia e horário adequados à profissional. Dessa forma, dispusemos a ideia do diálogo pelo *Whatsapp*, a respeito daquilo que era necessário compreender sobre o seu trabalho.

Ao me falar, Aline preferiu ser chamada de Julye (nome também fictício) – disse que usava esse nome para trabalhar, díspar do qual encontrei no site. Além disso, sua identificação dentro da economia sexual era “massagista e acompanhante”, mas no sítio eletrônico, a profissional se apresentava como “ninfetinha”. Em 01 de junho de 2018, mais uma vez, pesquisei o seu perfil na internet e já o encontrei como Julye, sem a descrição de “universitária”, porém, com as mesmas fotos do primeiro nome ao qual tive acesso.

Questionei se a mulher se identificava enquanto “universitária”. Ela me respondeu afirmativamente, estando graduanda em um curso da área de exatas. Seguindo, pedi que ela me explicasse como funciona o uso da categoria “universitária” em seu trabalho. Recebi um áudio no aplicativo *Whatsapp*, com a seguinte mensagem:

Então Carla, deixa eu *ti* explicar, quando a gente se identifica como universitária, um padrão de homens mais elitizados que procura a gente, porque sabemos conversar, temos assuntos interessantes, não só falando de programa ou de caras que ficamos, tudo isso influencia muito no dia a dia, eles procuram mais porque as universitárias se vestem melhor, *tem* uma visão melhor, acho que é isso. (Transcrição do áudio de uma conversa do *Whatsapp*, no dia 06 de mar. de 2018).

No documentário “Entre Livros e Lençóis<sup>29</sup>”, que tem como foco a prostituição universitária, Lola Benvenuti, sobre quem discorri antes, conta que algumas e alguns de seus clientes valorizavam o fato de ela ser estudante como um diferencial. Tal qual no documentário, Julye, informou-me que “os caras”, os clientes, preferem ficar com as “universitárias”, haja vista elas dominarem assuntos interessantes no momento do diálogo. Portanto, a performance de “universitária” sinaliza também perpassar por um estilo de fala, uma vez que abarca assuntos qualificados como “interessantes”, um tipo de “capital cultural”, em consonância à categoria de Pierre Bourdieu (1999), a qual será melhor discutida no tópico 2.3.

Quando lhe perguntei sobre continuar na profissão ou mesmo se o início dela foi uma escolha, a mulher me relatou que pretende se manter na prostituição por pouco tempo, até, ao menos, concluir a graduação:

Esse é meu último ano da faculdade, eu ainda curso [a fim de evitar o reconhecimento da moça pela e na instituição, preferi não revelar o nome de seu curso] e pretendo terminar o meu curso e seguir na profissão [...], não pretendo ficar nessa vida *pra* sempre não, só vou ficar esse ano *pra* eu poder pagar minha faculdade e as despesas de casa [...] eu não entrei nessa vida por escolha própria, assim, entrei por escolha própria é claro, mas pela necessidade, porque eu nunca tinha trabalhado e, chegou num ponto que o armário da minha casa e a geladeira estava sem nada, água e luz prestes a cortar, aluguel atrasado, e eu conheci uma amiga que fazia isso, e eu entrei, não é uma vida que eu quero *pra* sempre, por isso eu continuei minha faculdade, mas é uma vida solitária. (Transcrição do áudio de uma conversa do *Whatsapp*, no dia 06 de mar. de 2018).

Dentro das condições de escolha que Julye possuía, estar na prostituição se mostrou enquanto opção para suprir os gastos diários, porém, não fora apresentada como a última preferência, tal qual alguns discursos abordam, especialmente sob a lógica abolicionista. A

---

<sup>29</sup>Documentário disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bZSzw6nCpP0>> Acesso em: 26 de jul. de 2017.

predileção por necessidade configura uma expressão recorrente que, em geral, dá margem a discursos que apercebem as mulheres enquanto vítimas, isto é, a precisão remete ao que não se poderia evitar, à manifestação da “última opção/escolha” cabível à mulher que não teve outras oportunidades e que, por isso, carece seguir na prostituição para pagar as suas contas.

Entretanto, o entendimento que precisamos ter a respeito da necessidade é de que, em certa medida, grande parte dos trabalhos é realizada por intermédio dela – a necessidade financeira. Estar na prostituição, de fato, pode significar a última opção, mas não quer dizer que a mulher seja, por exemplo, uma vítima sexualmente explorada que ali se encontra. Ora, todos trabalhamos por necessidades.

A necessidade mencionada por Julye pode fazer com que trabalhemos em situações precárias, nas quais se estabeleça a dinâmica de troca de capital por força de trabalho, de um sistema capitalista, que não permita a emancipação do sujeito por intermédio de sua atividade. Dito de outra forma, em certa medida, somos “explorados” pelo sistema. Ana Paula da Silva e Thaddeus Gregory Blanchette (2009) se reportam a uma importante diferenciação entre exploração sexual e exploração no sentido capitalista, as quais, por diversas vezes, são concebidas enquanto um mesmo tipo de aproveitamento. De acordo com os autores, exploração sexual significa um “artefato legal plástico e extremamente mal definido na jurisprudência brasileira que é utilizado, quase exclusivamente, para reprimir a prostituição” (Idem, p. 214). Esses estudiosos, ao falarem sobre exploração, trazem-me o

conceito marxista que estipula que todo trabalho remunerado, sob condições de capitalismo, envolve a extração da mais-valia. Neste sentido, a prostituição não é nada diferente à outras ocupações profissionais (Idem, p.22).

Ainda em relação à ideia de necessidade, Pinto (2008), embasada em entrevistas efetuadas no contexto acadêmico da Universidade do Minho, acerca do olhar de universitárias/os a respeito da prostituição de luxo, concluiu que, quando se trata de uma profissional do sexo universitária, a prostituição é vista como menos estigmatizante; os sujeitos acreditam que a escolha de estar nessa profissão se deve a uma necessidade

A prostituição de luxo em contexto universitário é menos estigmatizada do que a prostituição de luxo “normal”. A existência de prostitutas que são simultaneamente estudantes universitárias leva a considerar que estamos perante casos de estudantes que não tendo possibilidades econômicas para conseguir fazer face às despesas inerentes à sua formação, encontraram na prostituição um meio de financiar os seus estudos. [...] a sociedade raramente

associa à prostituição universitária motivações como a manutenção de um nível de vida elevado, mas sim a uma carência econômica. (Idem, p. 29).

Por outra forma: a compreensão que tenho relacionada ao argumento acima é de que as pessoas veem a passagem pela prostituição como uma etapa que permite suprir os gastos exigidos ao longo de uma formação acadêmica, para alcançar algo “melhor”. A necessidade parece representar uma categoria explicativa mais “palpável/aceitável” do que a estada na prostituição devida a gosto/desejo ou quaisquer outros motivos; por isso, torna-se menos estigmatizante.

Em dado momento da troca de mensagens, apresentei à Julye um pouco a respeito de algumas concepções que adquirem os movimentos sociais diante da prostituição<sup>30</sup>. Indagando-a se concorda, resaltei a questão da exploração e opressão sexual; com isso, obtive a resposta:

Bom eu não sei se eu sou oprimida sexualmente, mas em questão de relacionamento é bem difícil porque eu já tentei me relacionar nesses cinco meses que eu tô nessa vida, e, bati o medo e desespero da pessoa que você gosta descobrir e julgar por isso [...] vc sente, tipo de medo, vc marcar de alguém que você conhece, é complicado, é difícil, não é uma vida fácil. (Transcrição do áudio de uma conversa do *Whatsapp*, no dia 06 de mar. 2018).

Assim como Julye, que me relatou ser difícil o relacionamento com alguém que saiba sobre sua profissão, Fabíola disse que todos os seus familiares desconheciam o seu trabalho, embora seus filhos tenham sido *criados* com o dinheiro advindo da prostituição. Segundo ela, referindo-se aos casos que conhece, quando a família descobre, a mulher: “perde o respeito [...] dentro da casa não tem respeito.”

Efetuei inúmeras perguntas, as quais foram respondidas conforme o possível. As falas escritas não se mostravam longas, mas breves e diretas, tais quais os áudios. No caso de Julye, que só atende homens, a possibilidade de o cliente ser alguém conhecido significava seu principal medo. O julgamento perante as práticas da prostituição, marcadas pelo estigma, também foi recorrente em outras falas que li e ouvi.

Isto posto, volto à descrição do campo. Ao me vincular no “Viva Local”, deparei-me com o nome Satina Universitária. Diferentemente do “*Hot MS*” e “*Photo Acompanhantes*

---

<sup>30</sup>Falo a respeito da perspectiva pautada na luta por direitos trabalhistas, para que sejam garantidos os direitos de acordo às necessidades da categoria. Discorri, ainda, sobre a perspectiva abolicionista, que compreende a prática da prostituição enquanto mais uma forma de exploração sexual da mulher.

MS”, o referido site dispõe de outras opções de busca; trata-se de um classificado *on-line*. Valendo-me dele, pude procurar empregos, imóveis, cursos, serviços, entre outros. Com o intuito de encontrar essa usuária, acessei a opção “Relacionamentos” e “Anúncios Adultos”. Lá, existem outros campos de busca. Procurei o perfil em todos os tópicos, a encontrei em “Acompanhantes e Massagem” – era a única descrição contendo a *tag* “universitária”.

Contatei-a e perguntei como poderia chamá-la. A resposta da mulher: “Liza, Liza mestiça.” Segundo a própria descrição fornecida na página da internet, Liza “é morena, 1,73, 65 kg, fogosa” e anuncia ter vinte anos. Como Julye, essa profissional também utilizava nomes diversos. A troca de nomes se apresentou corriqueira; fato percebido mediante uma experiência. Durante a conversa despojada de apartamento, com o conhecido de uma amiga, ao longo de uma ocasião em que vários colegas de um curso da UFMS se encontraram para comer pizza e beber cerveja, o rapaz me forneceu o contato de inúmeras mulheres, obtido com os participantes de um grupo privado do *Whatsapp*, muitos, advogados de Campo Grande-MS.

Não sabia como acessar essas profissionais, afinal, não podia informá-las de como acessei os seus números de telefone, tendo em vista que o rapaz supracitado me pediu sigilo quanto à sua atitude. Em conversa com o orientador desta pesquisa, decidimos digitar os números em páginas da internet, a fim de verificarmos quais deles apareceriam em sites de anúncio de profissionais do sexo. Identifiquei alguns. Foi-me interessante notar que alguns números fornecidos não se referiam a pessoas com os mesmos nomes anteriormente conseguidos. Contudo, apresentavam-se as mesmas fotos. Assim, depreendemos que diferentes nomes são utilizados por uma só mulher. A minha dúvida se assenta nos motivos de as profissionais ainda que se valerem das mesmas fotos, mesmo que com nomes desiguais nos contatos do grupo de *Whatsapp* e no sítio eletrônico. Fomentarei essa discussão mais adiante.

Liza se compreende enquanto uma profissional: “uma mulher que trabalha com o corpo!!” Como informei, tinha a encontrado por intermédio da *tag* “universitária”; no entanto, entendi que ela poderia não ser acadêmica, sob a mesma lógica de não se dizer profissional do sexo. Logo, devido ao uso das estratégias identitárias da economia do sexo, perguntei se Liza era ou não (universitária) e se havia muitas buscas por mulheres que se definiam enquanto estudantes de nível superior. Ela me respondeu, no diálogo seguinte:

Liza: Não faço faculdade, mas sim há uma grande procura por universitárias, penso que quando eles ouvem essa palavra "Universitária" eles pensam em uma patricinha, ou uma menininha algo mais ocasional, mas o que muito

deles se surpreendem quando encontram uma mulher no mesmo perfil, mas sem o rótulo universitária!! Acabam gostando da mesma forma

Pesquisadora: Ah sim, entendi. Esse perfil então outras podem ter sem ser universitária mesmo?

Liza: Sim podem!! É só colocar no seu anúncio que “vc” [você]<sup>31</sup> é universitária e pronto!! (Retirado da conversa por *Whatsapp* no dia 15 de março 2018).

Chama-me a atenção o fato de Liza acionar algumas características do “ser universitária” (por exemplo: “patricinha” e “menininha”, informações relevantes para refletirmos os marcadores sociais da diferença), que se interseccionam sob essa categoria. Ambas os atributos se referem a uma questão geracional: quando usadas no diminutivo, o vocábulo meninas remete a mulheres mais jovens; ao se utilizar o diminutivo de uma palavra, intenciona-se enfatizar a performance de a pessoa ser de uma geração mais nova. Ao abordar o intervalo estático como performance, problematizo a suposta essência universitária, pois, de acordo à fala de Liza: “é só colocar no seu anuncio que vc é universitária e pronto!!” A expressão “só colocar”, porém, não pode ser compreendida de maneira simplista, haja vista existir a expectativa, por parte de quem acessa os anúncios, de encontrar a “universitária” com características correspondentes à categoria. O fato de algumas mulheres se apresentarem com reduzida idade, pode sinalizar para uma “performance” geracional.

Neste sentido, partindo da utilização de alguns aparatos culturais, uma soma de sujeitos alcança certo reconhecimento: são vistos como específicos, de acordo às suas expectativas. A utilização de tais aparatos, que significa parte da performatividade, traz a possibilidade de “ser”. Em consonância ao exposto por Paul Preciado (2014), há maneiras de alcançarmos a performance desejada por meio do uso daquilo que chamou de “prótese de gênero”. “A prótese não é essência. É trânsito. É efeito múltiplo e não única.” (Idem, p. 2017). Como exemplo disto, destaco a imagem de uma das profissionais do grupo de *Whatsapp*, já mencionado anteriormente, e que também se encontrava em um dos sites pesquisados. Discordante das outras imagens que precisei editar, a fim de manter o sigilo da mulher, essa fotografia já se mostrava editada, com o rosto apagado.

---

<sup>31</sup>A palavra “vc” é geralmente utilizada nas redes sociais, espaços digitais, como abreviação do vocábulo “você”. Por representar um estilo de linguagem informal, então, no título desta dissertação preferi utilizar “você”.



Imagem 8, “Universitária” e seu urso, com a frase “te quiero” (Recebida pelo aplicativo *Whatsapp*, no dia 18 de maio de 2018).

Ao tentar o diálogo com a profissional da foto, por meio de seu contato telefônico e via o aplicativo *Whatsapp*, recebi mensagens automáticas contendo várias fotografias e informações a respeito de seus serviços. Das fotos recebidas, a que mais me chamou a atenção foi a que ela estava com um urso de pelúcia entre as pernas. O objeto, que também é reconhecido socialmente como um artefato infantil, dialoga com a prostituição “universitária”, entendida, em campo, como o exercício de mulheres de uma geração mais jovem. Juntos, reforçam o imaginário geracional sobre a categoria.

Neste sentido, o urso como prótese (PRECIADO, 2014), segurado pela profissional, corrobora a sua baixa idade e compõe a performatividade de uma feminilidade jovial e sexualizada na cena, em meio à frase “te quiero”, no peito da pelúcia, somando-se a meia-calça arrastão – outra prótese muito frequente no imaginário da prostituição de mulheres adultas. Tanto para o urso como para a meia-calça arrastão, cabe-me o entendimento da “prótese de gênero”, devido à sua fluidez na composição da cena, ora podendo ser agregados ora excluídos do cenário. Às vezes, quando juntos, ambos os objetos abarcam ou excluem um tipo de feminilidade. Tendo em vista que não podemos compreender o gênero separado da sexualidade, dito que não há sexualidade sem gênero, a “prótese de gênero” é passível de ser

pensada como uma categoria analítica, com o intuito de mostrar as experiências de sexualidade através do gênero – por exemplo: a meia-calça arrastão, geralmente utilizada enquanto artefato, pelo gênero feminino, por vezes, é vista como uma composição sedutora. A união dos dois artefatos, considerados de “universos” diferentes, desperta um estilo de desejo possível neste contexto da categoria de “universitária”. De acordo com, Gilles Deleuze e Félix Guatarri (1997), possível através das multiplicidades de desejos possíveis, nos “fluxos desejanter”, que melhor discutirei no item 4.1.

Liza, que não tinha fotos do seu rosto, mas várias do corpo, disse que não pretende ficar por muito tempo nessa atividade. Segundo a mulher, esse caminho, ainda que proporcione dinheiro rapidamente, configurou-se apenas como uma possibilidade de sanar as dívidas imediatas que se acumularam. Questionei se esse é um trabalho precário; a resposta: “Não que seja precário, mas que tem prazo e data de validade, então todas têm e querem sair um dia, e eu não sou diferente, quero algo mais seguro pra mim, tenho estudo [...]” (Trecho retirado da conversa por *Whatsapp*, na data do dia 15 de março de 2018).

Ter estudo aparece como algo indissociável de uma vida profissional na prostituição. Neste sentido, essa afirmativa me auxilia a pensar as “universitárias” não como sujeitos exercendo um estudo em determinada área, mas como categoria que acionam valores na prostituição. Quando a entrevistada discorre sobre o trabalho não ser seguro – e saliento a importância dessa fala – é devido a outro viés, do comumente dito no senso comum (que geralmente está ligado a violência e exploração sexual), ao menos nesse contexto em que as atividades não são realizadas na rua.

Pesquisadora: Você disse que esse é um trabalho que não é muito seguro, em que sentido?

Profissional: Ganhamos se trabalharmos, somos nós mesmas nossos patrões, então temos que produzir *pra* ter dinheiro, e infelizmente quase não guardamos tudo o que ganhamos, pelo pensamento tolo de dizer, a amanhã eu ganho mais e isso atrapalha as vezes, diferente de outro emprego que sim você tem que produzir *pra* ganhar, mas todo o mês aquela tal quantia estará ali faça chuva ou faça sol, segurança essa invejada por muitas de nós!! (Excerto da conversa por *Whatsapp*, no dia 15 de mar. de 2018).

Sua visão sobre uma precariedade está mais ligada à ideia de futuro econômico do que a um perigo de abusos, ou exploração sexual. Outra questão: Liza sempre fala sobre a profissão se referindo a todas as mulheres da categoria, isto é, não diz apenas de sua experiência, mas

compartilha as inseguranças coletivas: “[...] somos nós mesmas nossos patrões, então temos que produzir pra ter dinheiro [...], segurança essa invejada por muitas de nós!!”

Também perguntei o que pensa a respeito da regulamentação da profissão. Liza, assim como Julye, não me respondia prontamente; no fim, a mulher não me deu retorno dessa questão. As dificuldades para estabelecermos uma fluidez nos diálogos faz sentido ao compreender a lógica deste trabalho, tal como enfatizado por Yza, uma das mulheres a quem contatei por meio do site “*Photo Acompanhantes MS*”, com a *tag* de “universitária”: “*Moça desculpa, mas este cel é de trabalho, tempo é dinheiro*” (Retirado da conversa por *Whatsapp*, na data do dia 21 de fev. de 2018). Mediante fotos, a mulher afirmou ser branca, magra, com seios pequenos, de cabelos descoloridos, loiros e à altura do meio das costas. Em seu perfil, não constava idade, a qual ela também não mencionou.

Outra questão se relaciona à “insegurança” que as profissionais apresentam em exercer o ofício e serem expostas. Os projetos de lei que pretendem regulamentar o trabalho sexual e garantir algumas seguridades à profissão, a exemplo de uma previdência social, nesta pesquisa, apresentam-se também importantes para compreendermos como essas mulheres pensam sua profissão, trazendo elementos sobre a dinâmica da prostituição.

Em 2012, o deputado Jean Wyllys do PSOL/RJ foi autor de uma proposta de projeto de lei – PL 4211/2012<sup>32</sup> –, cujo objetivo era regulamentar as atividades das e dos profissionais do sexo. Aqui no Brasil, embora não seja crime, noto a criminalização moral contra essas e esses profissionais. Uma das justificativas deste projeto de lei diz que

O objetivo principal do presente Projeto de Lei não é só desmarginalizar a profissão e, com isso, permitir, aos profissionais do sexo, o acesso à saúde, ao Direito do Trabalho, à segurança pública e, principalmente, à dignidade humana. Mais que isso, a regularização da profissão do sexo constitui instrumento eficaz ao combate à exploração sexual, pois possibilitará a fiscalização em casas de prostituição e o controle do Estado sobre o serviço.

Mesmo que haja interesse em se regularizar a prostituição, a fim de desmarginalizá-la, ainda existe um imenso campo a percorrermos para que se diminuam os problemas relacionados a essa atividade, entre eles, a violência.

Em uma pesquisa da área de saúde pública, realizada em dez cidades brasileiras, entre elas, Campo Grande-MS, 2.523 questionários foram preenchidos por mulheres profissionais

---

<sup>32</sup>Proposta de lei consultado no site da Câmara dos Deputados. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=551899>> Acesso em: 01 ago. 2018.

do sexo. Segundo Francisca Sueli da Silva Lima et. al (2017), o objetivo da investigação era “estimar as taxas de prevalência de HIV e sífilis e estabelecer o conhecimento, as atitudes e as práticas relacionadas à infecção pelo HIV e outras doenças sexualmente transmissíveis”. (2017, p. 2).

Este estudo, de acordo com os autores, teve o seguinte desfecho: ocorrência de violências, ligadas a fatores que eles denominaram de “sociodemográficos (idade, escolaridade, raça/cor, renda mensal)” (Idem, p. 3). Isto é: a violência está intimamente ligada a alguns dos marcadores sociais da diferença. Além disso, nessa pesquisa, evidenciou-se que, em comparação a outras mulheres que não profissionais do sexo, o índice de violência é notoriamente distante, sendo mais incidente, de fato, na prostituição.

Os resultados do presente estudo demonstram a carga desproporcional de violência vivenciada pelas mulheres profissionais do sexo no contexto brasileiro. Na população geral, de acordo com os resultados da Pesquisa Nacional de Saúde 2013 (PNS), a prevalência de qualquer violência contra mulheres cometida por desconhecidos, nos últimos 12 meses, foi de 2,7%; e por conhecidos (inclui cônjuge, namorado, parceiro íntimo e outros familiares) foi de 3,1%. A prevalência dessas ocorrências na população do presente trabalho foi muito superior à encontrada entre as mulheres da população geral – apenas para a violência física, a prevalência entre mulheres profissionais do sexo variou de 7,9%, para violência cometida por policial, até 25,2%, por parceiro íntimo – o que demonstra a maior vulnerabilidade das mulheres profissionais do sexo à violência. (Idem, p. 10)

Os dados supracitados destacam a importância de visibilizarmos essa temática, sobretudo, ao que concerne à necessidade de direitos e políticas públicas para as profissionais do sexo, haja vista que, deixá-las marginalizadas, comumente contribui para a violência, incluída aquela cometida por policiais, exposta dantes.

Em relação às mulheres que aceitaram conversar comigo, ainda que por intermédio do aplicativo *Whatsapp*, uma delas, que preferiu não se identificar, fora indicada por uma amiga do programa de pós-graduação do qual fui integrante. A princípio, acredito que a profissional seria mais acessível – questionei essa amiga a respeito da possibilidade de a mulher me fornecer seu número de telefone, a qual aceitou prontamente.

Quando a contatei pelo *Whatsapp*, perguntei se Babi (de 26 anos, branca, com algumas tatuagens, cabelos tingidos na tonalidade castanhos avermelhados, olhos grandes, redondos e azuis com nuances quase cinzas) era universitária; a fora negativa. Fique sem compreender, então, o motivo de minha amiga me fornecer o contato dessa moça, afinal, a princípio, era sabido que buscava por “universitária” na prostituição. Babi, no entanto, disse-me que iniciou

o curso de Turismo e que, por isso, não conseguia conciliar o trabalho e a graduação; logo, decidi continuar somente o curso: “[...] quando eu trabalhei na “zona<sup>33</sup>” eu ia pelo dinheiro, quando eu entrei na faculdade eu larguei essa forma de ganhar grana...” (Retirado da conversa por *Whatsapp*, na data do dia 15 de mar. de 2018).

Ainda que a mulher não mais fosse “universitária” na prostituição, assim a compreendi, de início. Então, indaguei-a se, antes de iniciar o curso superior, ou em algum momento, ela se valeu da supracitada categoria no seu trabalho.

Não. Não uso a categoria universitária. Eu trabalhava em zona. Então você não precisa usar categoria nenhuma, você só usa sua aparência e paciência com os homens!! Como eu disse na "zona", boate, tinham meninas universitárias, mas nunca cheguei a perguntar se elas usavam isso em benefício delas... Uma delas cobrava mais caro e o cliente virou fixo dela porque sabia que ela fazia faculdade! ;) (Retirado da conversa por *Whatsapp* no dia 20 de abril 2018).

A fala da mulher, somada ao fato de a reputarem enquanto uma prostituta “universitária”, enfatiza a categoria, a partir de um reconhecimento do outro, e também caracteriza, em certa medida, o *status* de luxo que esse tipo de perfil profissional pode abarcar. Evidenciam-se a mim os espaços de prostituição, nos quais consegui encontrar determinadas mulheres e outras não. Também o fato de usarem a aparência, e não a categoria “universitária”, reforça-me uma performatividade que a “universitária”, na prostituição, demonstrará possuir, ao contrário de uma essência. Não basta dispor de “meninas universitárias”, haja vista que, quando não ativado e performado enquanto categoria, esse conceito não é reconhecido tal qual um fator diferencial. A categoria precisa ser visível e apresentável, de acordo com o que se espera de uma “universitária” na prostituição. “Universitária”, como atributo de valor, já configura motivação razoável para o “cobrava mais caro”.

Assim como agi com as demais interlocutoras, em outros momentos, também expliquei à Babi um pouco sobre o projeto de lei<sup>34</sup>, já citado neste estudo, que visa a regulamentar a

---

<sup>33</sup> “Por zona, queremos dizer de uma região moral (PARK: 1984 [1925]: 45-48) sob a qual a presença das prostitutas é amplamente reconhecida pela sociedade e onde temos uma concentração relativamente grande de locais de prostituição. É importante notar que nem todo local de prostituição por nós levantados compõem uma zona.” (SILVA, BLANCHETTE, 2009). Logo, as boates/casas noturnas, casas/casas de massagem/bordéis, bares podem ser incluídos no contexto de uma zona.

<sup>34</sup> Com um linguajar informal, próximo do qual a mulher se comunicava comigo, informei-a, de maneira breve e simplista, sobre o projeto de lei. Na mensagem de texto enviada a ela, disse: “Tem um

profissão. Questionei o que pensa a moça a respeito dessa regulamentação. Babi demonstrou compreendê-la positivamente: “Acho que seria positivo pela estabilidade e faria alguns homens respeitarem essas profissionais, elas não sofreriam abusos nem agressões caso esse projeto de lei fosse aprovado!” (Retirado da conversa por *Whatsapp*, no dia 20 de abr. 2018).

Dessemelhante à concepção de que estabelecimentos nos quais ocorre a prostituição seriam lugares de rufianismo e cafetinagem, em sentido puramente explorador e pejorativo dos termos, Babi percebe que esses territórios poderiam garantir uma maior segurança, estabilidade e respeito às profissionais do sexo que ali trabalham.

Melissa, outra interlocutora, encontra-se em situação financeira melhor. É branca e entendida enquanto alguém fora dos padrões do corpo ideal (ou seja, é uma mulher gorda). Atualmente, está com 29 anos. Conheci-a ao decorrer da minha graduação em Ciências Sociais. Encontrávamo-nos com pouca frequência, somente quando ela ia ao campus da faculdade. Na penúltima vez em que lá nos vimos, enquanto nos atualizávamos das novidades, comentei a respeito desta pesquisa, despreziosamente. Disse-lhe que necessitava conversar com profissionais do sexo, procurando por “universitária” que se achasse na prostituição. Soube, com isso, que Melissa já havia exercido o ofício – aos vinte anos, a mulher se prostituiu ao longo de seu primeiro curso de graduação, na área da saúde.

À Melissa, solicitei que o diálogo se desse em outro momento; ela concordou. Atualmente, a entrevistada participa de alguns movimentos de mulheres em Campo Grande-MS, também já cursou outras graduações, além daquela ligada à área da saúde, sem finalizar qualquer uma delas. À época atual, não se prostitui e frequenta um curso de graduação, da área das Ciências Humanas, ofertado em uma faculdade privada. Vemos Melissa uma mulher mais politizada e envolvida com lutas políticas. Em algum momento de sua vida, a entrevistada se caracterizava como uma profissional do sexo; disse que os clientes (homens) gostavam de buscá-la na faculdade, às vezes, pedindo que ela saísse usando o jaleco, artefato específico de seu curso. Em outras ocasiões, o encontro era marcado a duas quadras de sua residência, com destino a um motel.

Em se tratando do jaleco, no contexto vigente da economia sexual, tenho que pode ser compreendido tal qual uma vestimenta erótica. As roupas, nessa dinâmica, são atributos marcantes e criam imaginários, como já discuti em relação à meia-calça arrastão. Margareth

---

projeto de lei, Gabriela Leite, que ficou em tramitação um tempo, ele tinha como objetivo regularizar esse trabalho, garantindo direitos trabalhistas para profissionais do sexo [...]”.

Rago (1991), contando sobre o cenário paulistano em relação à prostituição de 1890 a 1930, disse que se acreditava que as profissionais do sexo poderiam ser identificadas pela vestimenta e pelos cheiros, porém, nota que esse registro é oriundo de documentação um tanto contraditória. Rago diz que, neste período

o poder público deliberava ainda sobre a aparência física das prostitutas pobres, determinando que suas roupas não fossem nem muito curtas nem muito decotadas. É verdade que esta preocupação com o traje feminino crescia na opinião pública, e não apenas em relação às meretrizes (1991, p. 175)

Não é de agora que esse objeto é visto como um símbolo que, mediante o olhar alheio, carrega um (não) reconhecimento de identidade: mulher doméstica, mulher meretriz e outras. Neste caso, usado ao sair de uma universidade e sob a apreciação do cliente, o jaleco reforçava o provável fetiche da “universitária profissional do sexo”. No contexto dos marcadores sociais da diferença, articulados para que a “universitária” seja vista como tal, o jaleco aparece enquanto característica da categoria, que auxilia na “performance” de ser universitária; um dispositivo que se refere à escolaridade de quem se gradua na área de saúde, mas também como “prótese de gênero” (PRECIADO, 2014), o qual desperta a sexualidade de quem o usa. O jaleco, junto à “universitária”, parece potencializar o desejo.

Dialoguei, também, acerca da regulamentação da profissão. Nas palavras de Melissa, ela disse conhecer o projeto de lei que mencionado acima; logo, perguntei

Pesquisadora: Você vê esse projeto de forma positiva ou negativa e por que?

Melissa: Negativa, porque eu acho que isso vai potencializar a exploração que já tem das cafetinas, no caso seria uma terceirização do corpo, pois quando você é profissional e autônoma você não tem que pagar taxa a ninguém e não pagar uma porcentagem a partir do momento que legalizar vão ser pontos específicos que vai estar acontecendo na prostituição, você não vai tá ali de graça, você vai ter que estar partilhando do seu serviço, da sua mão de obra, do seu corpo com outras pessoas.

Pesquisadora: Você acha que isso vai atrapalhar a autonomia?

Melissa: Vai, é o que já acontece nas casas

Pesquisadora: Existe um movimento abolicionista que reconhece a prostituição como um trabalho que oprime as mulheres, você vê dessa forma?

Melissa: Não, porque enquanto eu fazia, no meu entendimento eu tinha uma escolha, não era uma única saída, uma última saída e eu podia escolher também com quem eu saía (Transcrição a partir de uma entrevista realizada no dia 26 de dezembro de 2017).

O art. 2º do referido projeto de lei, no entanto, visa às práticas que têm como garantia impedir a exploração sexual, defendendo que as casas não recebam apropriação total do valor do serviço, ou um valor superior a 50%. Não me atentarei à porcentagem ser negativa ou positiva, mas ao fato de que o projeto pode e deve ser construído entre profissionais da categoria, caso percebam que ele possibilitaria a menor marginalização do ofício.

Todavia, Melissa experienciou a prostituição somente desvinculada desses estabelecimentos; logo, compreendo que ela diga existir, ou que existirá, a exploração da trabalhadora sexual nesses espaços, tendo em vista, e aqui saliento mais uma vez, que esse é um discurso difundido socialmente, o qual se encontra no imaginário coletivo, e que embasa a percepção sobre como são as casas/boates/zonas e outros lugares onde se passa a prostituição, associados a locais de rufianismo<sup>35</sup>. No âmbito da economia sexual carioca, Silva e Blanchette (2008) dizem que algumas formas de exercer a prostituição decorrem em boates e casas de massagem – prática classificada como a média prostituição, de acordo com os autores Paulo Henrique Dantas (2002) e Maria Dulce Gaspar (1988) –, ambientes os quais as profissionais do sexo compreendem como menos perigosos e de menor exposição em relação às ruas, contexto da baixa prostituição. Fica-me evidente a importância da experiência e como ela estrutura um discurso, haja vista que Babi, enquanto ex-trabalhadora da zona, em oposição à Melissa, acredita que regulamentar a atividade garantirá mais segurança nos locais de trabalho. Fabíola compartilha o que Babi diz em relação aos ambientes fora da rua,

[...] eu já trabalhei em casa de massagem, já trabalhei na rua, já trabalhei em boate, já trabalhei por conta própria, entendeu? [...] com certeza, na boate, na casa de massagem é mais seguro do que na rua, na rua você tá muito exposta a muita coisa, não aconselho. (Transcrição de áudio do dia 01 de novembro de 2018).

Ao contrário do que enfatizam algumas perspectivas, as quais observam a prostituição sob o viés abolicionista, afirmo que nem todas as mulheres profissionais do sexo delas partilham. Ainda que Melissa não tenha trabalhado nas zonas casas/bordéis, boates/casas noturnas e outros, ela afirmou que, nesses estabelecimentos, existe uma exploração a partir da cafetinagem. Dentre os espaços que conheço em Campo Grande-MS, contudo, firma-se uma espécie de “contrato” informal, verbalizado pela/o a/o proprietária/o do lugar e a profissional do sexo, pelo qual, geralmente, é cobrado o aluguel dos quartos das/dos clientes. Além disso,

---

<sup>35</sup> Modalidade de cafetinagem, com o objetivo de lucro por meio da exploração de prostituição de outros sujeitos.

as mulheres incentivam suas companhias a ingerirem bebidas. Muitas vezes, a prática sexual nem ocorre: há apenas conversas e estímulos ao consumo. Caso o sexo aconteça, o valor pago pelo programa fica com a profissional, sem que haja o repasse aos responsáveis pelos locais.

Melissa me informou que usava as salas de bate-papo UOL para divulgar seu serviço e escolher seus clientes. Nessa época, ela não sabia dos sites. Essa entrevistada não entende a prostituição como uma prática que oprime mulheres. Em certa medida, ao mesmo tempo em que Melissa se aproxima de uma ideia da Pastoral da Mulher Marginalizada, no que tange à sua visão sobre a regulamentação profissional, também dela se distancia, pois compreende a prostituição enquanto um ofício que as mulheres escolhem ou não praticar.

Percebo o espaço ocupado por Melissa, entretanto, menos marginalizado do que os outros, como a rua. Ademais, essa mulher é branca, deveras, cursava o ensino superior, e tinha acesso à internet, o que, há nove anos, acredito significar um privilégio. A instituição na qual fez sua graduação era privada e a situação financeira importava, mas a decisão de se prostituir ainda foi uma escolha: *“eu acredito que de início eu fui aliciada pela minha companheira depois foi por uma escolha mesmo de conseguir realizar meus luxos além das demandas formais, água, luz, aluguel”* (Retirado do campo no dia 26 de dezembro de 2017).

Ao lhe perguntar sobre o fato de aliciamento não forçoso, Melissa me revela que fora incentivada à profissão por sua ex-companheira. A mulher, ainda que se considere bissexual, ao se prostituir, realizava seus programas apenas com homens. Atualmente, ela está casada com uma mulher.

Minha última entrevista se deu com Fabíola, a mulher a quem mencionei quando na primeira visita à casa de massagem. A entrevistada se considera uma “coroa”, tendo sido gerente de bar e “garota de programa”, mas interrompendo essa atividade há algum tempo – no presente, trabalha como manicure. Foi por intermédio de sua antiga profissão que sustentou os filhos, hoje formados devido ao dinheiro que ela conseguia com os programas.

Quando era gerente de bar, Fabíola não se prostituía, somente administrava o local. Em suas palavras, fala-me que, quando a gerente faz programa, estabelece-se demasiada competitividade entre as profissionais do sexo e ela. Isso porque os clientes homens preferem a mulher que comanda o espaço; porém, quando se dirigem ao bar e veem que a gerente também está atendendo, isto é, fazendo programa, acreditam que receberão algum tipo de *“regalia”* (fregueses acreditam que, de alguma forma, serão privilegiados ao contratarem o programa efetuado pela administradora do bar). Fabíola motiva essa crença dos pagantes em

sua “*cabecinha pequena*”, ou seja, preferindo ela às outras profissionais do sexo em troca de benefícios, o que então favorece a concorrência, sob a qual elas sairiam em desvantagem.

Ao indagar sobre a prostituição em Campo Grande-MS, a ex-gerente de casa noturna afirma que as atividades ocorrem de forma muito “discreta” – ninguém pretende se intitular “garota de programa”, uma vez que: “*a garota de programa não nasceu pra casar, mas a filhinha de papai, essa sim nasceu pra casar [...] se aquela menina dizer que ela é garota de programa ela não vai se encaixar na sociedade* (transcrição da entrevista do dia 16 de outubro de 2018). Existe a concepção de que ser “filhinha de papai” anula o exercício na prostituição, como se as duas categorias fossem excludentes uma da outra, porém, isso não é necessariamente veras. A profissional do sexo também pode ser mãe, filha, avó e outras.

Fabíola me contou que, na prostituição, as mulheres trocam de nome e que cada um incorpora uma personalidade: “*a Fabíola vai incorporar uma atriz, ela vai fazer tipos de coisas que a outra fulana não faz [...] tipo uma atriz eu chego aqui, coloco outro nome, outro patamar, vou fazer aquilo que a outra, que seria eu mesma, não faço* (transcrição da entrevista do dia 16 de outubro de 2018). Em certa medida, ser profissional do sexo significa saber atuar, assumir e demonstrar características de personalidades de mulheres diferentes, ser outra que não aquela fora da prostituição. Neste sentido, a prostituição na Rua Augusta é descrita por Pasini (2010), que a exemplifica ao discorrer sobre as performances dentro e fora da prostituição feminina. De acordo com essa autora,

através dos limites corporais usados para compor sua performance na prostituição, essas garotas de programa agenciam também suas práticas corporais em suas relações afetivas. O agenciamento desses limites simbólicos corporais na prática da prostituição feminina revela maneiras pelas quais essas mulheres organizam seu cotidiano separando sua vida na prostituição e fora dela, tendo seus corpos como o espaço das experimentações, as quais diferenciam suas relações afetivas e comerciais. (Idem, p. 200)

Sobre a performance da “universitária” na prostituição, Fabíola diz:

Há as meninas que estão lá [nos locais que não as ruas onde ocorre a prostituição] e não são universitárias que cobra 100, aquelas que são universitárias cobra 300, aí o cliente chega e fala assim, porque você é melhor do que ela, se você tem a mesma coisa que ela e faz a mesma coisa que ela? “Não né querido, eu não faço a mesma coisa que ela. E outra eu sou universitária, pergunta pra ela que grau de escolaridade ela tem”. Digamos que é menos valoroso. (Transcrição da entrevista do dia 16 de outubro de 2018)

A frase “*pergunta pra ela que grau de escolaridade ela tem*” faz referência à lógica da escolarização enquanto quesito que valoriza a atuação da/o profissional, recorrente também em outros espaços de trabalho. Quanto mais estudada/o for o sujeito, em geral, mais caro o serviço se torna. Isso pode ser comprovado nos níveis de titulação acadêmica, que não apenas denomina o grau de escolarização e conhecimento, mas faz com que o salário seja superior tanto quanto for a titulação. Ainda que essa seja a lógica, a valorização nos âmbitos desta pesquisa é o oposto, relacionando-se à juventude e à inexperiência, como destacarei no terceiro capítulo.

Fabíola acrescenta ainda que os próprios clientes homens competem entre si: “*um quer ser melhor que o outro*”. Quando estão conversando com um *amigo*, parecem fazer questão de mostrar que saíram com uma “*gata universitária*”, com quem fizeram sexo.

As narrativas por mim apresentadas se justificam a partir dos espaços em que estão as mulheres com quem dialoguei, seja profissional do sexo ou como já definido por Liza: “*mulheres que trabalham com o corpo*.” O modo de falar, a ortografia, compõe o cenário dos seus lugares de fala. Adiante, aprofundar-me-ei nas análises de nossos diálogos, a fim de entender porque algumas mulheres se dizem profissionais do sexo, e outras não, e também para compreender a dinâmica dessa economia sexual.

### 3.2 “Atendo em local discreto e tranquilo<sup>36</sup>”: cidade, universidade, prostituição e estigma

Haja vista a inserção tecnológica na sociedade contemporânea, as cidades passam a ter novas dinâmicas de interações sociais, não restritas ao âmbito das ruas: elas também se estabelecem nos ambientes *on-line*. Em relação às contínuas mudanças organizacionais de uma comunidade, que se atualizam constantemente, Massimo Canevacci (2004) reflete sobre uma Metrópole comunicacional. De acordo com o autor, junto ao surgimento de uma cultura digital, nos fluxos de comunicações, também aparecem novos trânsitos.

Os corpos metropolitanos são corpos comunicacionais em que a tecnologia é somatizada segundo procedimentos irregulares, sincréticos, mutóides [que

---

<sup>36</sup> Essa frase, encontrada no “*Photo Acompanhantes MS*”, refere-se às descrições realizadas no perfil de uma das profissionais do sexo que se anunciam como universitárias.

tendem a mudar]. A nova metrópole somatiza a tecnocomunicação e a difunde em seus fluxos itinerantes. Basta abrir os poros do próprio corpo e os fluxos entram por qualquer múltipla sensorialidade (Idem, p. 112).

Na prostituição, esses novos trânsitos e imagens de corpos, em forma de *pixels*, tal qual nomeou Canevacci (2004), possibilitam uma análise das características corporais incluídas na categoria de prostituição “universitária”. Isso é possível por meio dos sites, já mencionados, nos quais as mulheres divulgam os seus serviços, além de apresentarem um mapeamento de regiões de Campo Grande-MS pelas quais elas estão transitando e quais são alguns dos “pontos” de prostituição disponibilizados na cidade. Esses sites têm muito a informar, com relação à cidade, quando essas mulheres descrevem a rua e a numeração das casas onde prestam seus serviços, pois assim podemos ter uma ideia das regiões pelas quais elas transitam. É isso que explorarei neste momento.

Embora Campo Grande-MS não seja uma cidade reconhecida enquanto grande metrópole industrial, o fato de haver uma intensa comunicação mediada via internet me possibilita analisar como é uma cidade comunicacional, semelhante ao que propunha Canevacci (2004), mas de maneira contextual, localizacional e particular, tal qual é em cada município. Se considerarmos sua área geográfica<sup>37</sup> e sua economia ligada ao agronegócio<sup>38</sup>, podemos afirmar Campo Grande, capital do estado de Mato Grosso do Sul, uma metrópole – relação a outras grandes cidades, como a capital do estado de São Paulo<sup>39</sup>, o município sul-mato-grossense é cinco vezes maior em extensão. No entanto, a principal cidade de Mato Grosso do Sul representa mais uma metrópole do agronegócio, uma capital urbana cujo tamanho e potencialidade favorecem o seu crescimento econômico, dessemelhante a uma grande metrópole industrial como São Paulo-SP. Denotei, assim, que ambas são metrópoles de cunho econômico diferente.

Para quem nunca residiu em uma grande cidade – ao contrário, nasceu e sempre habitou, por exemplo, um município interiorano –, a vivência metropolitana pode se

---

<sup>37</sup> Sua extensão é de 8.092, 951 Km<sup>2</sup> (dados de 2015), tendo uma população estimada de 863.982 hab. (dados de 2016), de acordo com as informações do IBGE. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/por-cidade-estado-estatisticas.html>> Acesso em: 01 ago. 2018.

<sup>38</sup> Em 2017, o centro-oeste foi a segunda maior região geradora de riqueza por meio do agronegócio do país. Disponível em: <<https://www.campograndenews.com.br/economia/em-ano-ruim-ate-para-o-campo-ms-tera-a-4a-maior-alta-no-pib-do-agronegocio>> Acesso em: 27 nov. 2018.

<sup>39</sup> Área de 1.521,110 Km<sup>2</sup> (dados de 2015), tendo uma população estimada de 12.038.175 hab. (dados de 2016), de acordo com as informações do IBGE. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/por-cidade-estado-estatisticas.html>> Acesso em: 01 ago. 2018.

apresentar como algo novo, haja vista implicar um diferente movimento de vida. A vida mental em uma pequena cidade, conforme Georg Simmel (1973), desdobra-se em relacionamentos mais profundos, sentidos e emocionais, díspar da vida de metropolitanos, que possuem um ritmo de vida mais acelerado e são um tanto quanto indiferentes ao que tange relacionamentos mais profundos. Saliento, todavia, que essas relações não se dão de forma estrutural. Ainda que grandes cidades incentivem um ritmo de vida acelerado, presumo que Campo Grande, por exemplo, não apresenta esse caráter de vivência metropolitana, pois não detém um polo industrial econômico elevado tal qual outras grandes capitais; a indústria do agronegócio abarca outras características e ritmos de vida.

Em se tratando dos locais onde se consome a prostituição, alguns destes disponíveis em sites, sei que se situam na região central de Campo Grande-MS. O fato de estarem nesse território oferece a argumentação a respeito da cidade pensada por Magnani (2002), a de que os centros são lugares de consumo e, quando pensamos dessa forma, instauramos uma nova modalidade de consumo cultural, o “consumo do lugar”.

Consoante à Isadora Lins França, existe uma articulação entre consumo dos lugares e nos lugares, tendo em vista que os

lugares funcionam também como contextos que revelam ou possibilitam determinados usos de mercadorias ou que fazem circular informações a seu respeito, estimulando ou não o interesse por determinados objetos ou práticas de consumo” (2012, p. 3).

O ato de consumir nos lugares não está intimamente relacionado ao que neles se compra e se consome, mas ao “uso que as pessoas fazem dos objetos nesses lugares” (Idem, p.10), independentemente de onde os adquiriram.

Longe de uma comparação mercadológica da profissional do sexo enquanto objeto, mas com a mesma ideia sobre “a circulação de informações a respeito do local”, o consumo da prostituição, realizado nesses centros, pode ser visto como um consumo do local, pois essas mulheres não necessariamente estão ou residem ali. Contudo, reconhecido tal qual o lugar onde ocorrem a mediação e o programa, o centro faz com que as pessoas se desloquem até os seus domínios, em determinado período do dia, para o consumo específico deste serviço.

Além de se realizarem os programas e a oferta dos serviços sexuais, remetendo o centro à parte da economia sexual – consumo por parte de clientes e profissionais do sexo “universitárias” na região central da cidade – outro tipo de comércio existe durante outro

período, não sendo exclusivo dos estabelecimentos “fixados” na citada região, os quais funcionam apenas nos períodos matutino e vespertino. Vejamos, logo, o centro enquanto uma região comercial que funciona durante todos os períodos do dia, seja com os serviços visíveis ou os “invisíveis”. Talvez, a discrição mencionada por uma das profissionais do site funcione durante o período noturno, em comércios “não vistos”.

Na região central, mas em um ponto menos movimentado, por intermédio de uma de minhas buscas no site “Hot MS”, achei a “Casa das Universitárias”. Na descrição, uma das meninas se coloca como uma das 45 profissionais do local. Ela disponibiliza o nome da rua e a numeração da casa, que preferi não explicitar pautados em questões de sigilo, embora esses dados estejam disponíveis *on-line*.

**Acompanhantes Mulher Campo Grande MS**



### Casa das Universitarias

20 Anos / Campo Grande MS  
Mulher

**(67)** [REDACTED]

Disponível: Domingo a domingo - Das 8 as 22  
Valor: 50,00

*"Não atendo chamadas restritas, Favor não Insistir."*

**AO LIGAR MENCIONE: HotMS**

**ONDE ATENDO:**

- ✓ Motel
- ✓ Hotel
- ✓ Local Próprio

**Quem Atendo:**

- ✓ Homem
- ✓ Casal

**DESCRIÇÃO:**

Olá sou umas meninas da 45 estamos na promoção r\$ 50 15 minutos 80 \$ 30 minutos r\$ 100 meia hora completa 150 uma h estaremos à sua disposição atendemos na Rua [REDACTED] [REDACTED] atendemos de domingo a domingo das 8:21 horas estaremos à sua espera venha nos conhecer ou qualquer coisa manda um whats obrigada aqui atende a a [REDACTED] loira, [REDACTED] loira, [REDACTED] loira, e a [REDACTED] loira, e a [REDACTED] loira, e a [REDACTED] loira, morena [REDACTED] morena, [REDACTED] morena, [REDACTED] morena, mesticinha [REDACTED], Branca [REDACTED] venha nos procura somos lindas ambiente agradável bebida etc das 8 as 21

Informações sobre anunciantes, somente na página do mesmo ou via contato telefônico direto no número do anunciante. Não temos nenhum vínculo com os anunciantes, nosso objetivo é somente aluguel de espaço para anúncios.

Imagem 9, do “Hot MS” a “Casa das Universitárias” (Anúncio retirado do site “Hot MS” no dia 07 de agosto de 2017).

Quando tive a oportunidade de visitar um local chamado Casa 55<sup>40</sup>, durante uma das abordagens com o IBISS/CO, constatei que se tratava do mesmo espaço da “Casa das Universitárias”<sup>41</sup>. Agora, porém, com outra nomenclatura – a Casa das Universitárias, tal qual era chamada, já não mais existia.

A data da abordagem que realizamos nessa casa não foi a mesma em que acessei o anúncio apresentado anteriormente. Conectei-me ao anúncio no dia 07 de agosto de 2017, quando o espaço ainda era conhecido como a “Casa das Universitárias”. Já a ida ao local, efetuamos em novembro de 2018, quando a OSC retomou o projeto “Viva Melhor Sabendo” (assunto discutido no terceiro capítulo deste texto).

Todavia, nenhuma das mulheres que estava na casa me afirmou ser “universitária”; talvez não houvesse mais este perfil de profissionais, devido a uma possível troca de gerência e/ou à rotatividade de mulheres nos locais de prostituição. Logo que denotei que a Casa 55, no passado, fora a “Casa das Universitárias”, busque-a novamente na internet, porém, o anúncio já não mais existia.

A localidade se situa próxima à região do centro de Campo Grande-MS. Em se tratando dos valores dos programas, quando ainda era a Casa das Universitárias, anunciavam-se promoções – preços de R\$50,00 em troca de quinze minutos; de R\$80,00 a R\$100,00 em contrapartida à meia hora; e de R\$150,00 pela hora completa –, mas não se descreviam os custos de cada mulher, ficando a negociação submetida ao diálogo que se estabeleceria pelo número disponibilizado no anúncio. As profissionais atendiam entre as 8h e as 21h, de domingo a domingo.

A “Casa das Universitárias” se localiza, também, longe das universidades de Campo Grande-MS. Embora tenha ciência da prostituição em rua próxima a uma das avenidas que transpassa a UFMS, a categoria “universitária” não é evidenciada na chamada cidade universitária – região do *campus* da referida instituição de ensino superior. Próximo à data do dia 18 de julho de 2018, quase um ano após o início deste estudo, o local já possui outro nome – Casa 45 –, e outro telefone de contato, além de se terem disponibilizadas as fotos de outras

---

<sup>40</sup> O nome da casa é fictício.

<sup>41</sup> Usei um nome fictício para a Casa 55, pois, na hipótese de alguém acessar o nome verdadeiro da casa, poderia facilmente localizá-la. Fiz diferente com a Casa das Universitárias, ainda que se trate do mesmo local: o anúncio não está mais disponível na internet (o mesmo se aplica ao do endereço). Ademais, editei da imagem com tarjas pretas, a fim de censurar o endereço do local no anúncio.

mulheres. Não encontrei qualquer outra casa que tivesse, como exclusividade, a categoria de “universitárias”.

Uma das características das universidades que perdura se assenta em seu caráter conservador. Perguntei a três profissionais do sexo, em momentos diferentes da festa da boate Luar<sup>42</sup>, por mim discutida adiante, se elas notavam o ambiente acadêmico com um lugar no qual poderiam falar abertamente sobre seus trabalhos. Em suas falas, as mulheres afirmaram que a sociedade apresenta um caráter conservador, o que estigmatiza a prostituição. Por isso, a prática não é exposta abertamente. A ideia de que uma instituição universitária poderia ser menos tradicionalista em relação à prostituição se mostra equivocada, uma vez que esses espaços se constituem mutuamente (tradição e universidade); se o discurso estigmatizante não é criticado, isto é, se não se estabelece um diálogo crítico a respeito da prostituição, mantêm-se as manifestações conservadoras sobre ela.

Entendo que o posicionamento conservador traz consigo um forte incentivo às perspectivas que compreendem a prostituição enquanto (mais) uma forma de exploração sexual, ou mesmo, uma prática criminosa. As instituições não estão separadas de uma lógica social, que se qualifica moralista e preconceituosa. Ao contrário: elas se retroalimentam enquanto pensamentos.

Sobre o estigma, Howard Becker (2008) me auxilia na reflexão ao apresentar os *outsiders*. O autor salienta que muitos pesquisadores buscam compreender porque os/as desviantes “cometem” os desvios, devido a que transgridem as regras, mas se esquecem de problematizar as normas que fazem de um sujeito um ser desviante. Os/as desviantes seriam aqueles/as que:

Quando uma regra é imposta, a pessoa que presumivelmente a infringiu pode ser vista como um tipo especial, alguém de que não se espera viver de acordo com as regras estipuladas pelo grupo. Esta pessoa é encarada como um *outsider*. Mas a pessoa assim intitulada pode ter uma opinião diferente sobre a questão. (Idem, p. 15)

Neste sentido, o estigma relacionado à profissional do sexo está baseado em sua transgressão da prática do sexo limpo/puro. Contudo, não necessariamente precisamos colocar o problema nas motivações do desvio, dado que o desviar da regra, em geral, socialmente aceita, às vezes se mostra em alinhamento aos desejos da pessoa. As normas são compostas de questões morais, as quais correspondem às vontades e experiências de alguns poucos sujeitos.

---

<sup>42</sup> Nome fictício.

A pessoa vista como uma *outsider* somente é desviante no que tange às regras, mas pode ser e não ser transgressora, ao mesmo. Dito de outra forma: as profissionais do sexo não são somente profissionais do sexo (característica vista como desviante, neste contexto como); elas realizam outras atividades, e, às vezes, podem até agir de acordo com as normas mais hegemônicas. O problema se põe em relação às regras que as definem como profissionais “imorais” – a/o profissional do sexo permanece sob a compreensão social de praticante do “sexo sujo”. Isso resulta em criminalização e estigmatização das pessoas, invariavelmente as colocando em posições vulneráveis enquanto profissionais. Anne McClintock, ao se referir ao era vitoriana, constrói uma reflexão sobre a prática de sadomasoquismo e fetichismo, a partir do diário de Hannah Cullwick<sup>43</sup>. A autora afirma que

O sexo sujo – masturbação, prostituição, sexualidade lésbica e gay, as hostes das “perversões” vitorianas – transgredia a economia libidinal da reprodução heterossexual controlada pelos homens dentro de relações sexuais conjugais (sexo limpo que tem valor). De maneira semelhante, o dinheiro “sujo” – associado com prostitutas, judeus, jogadores, ladrões – transgredia a economia fiscal do mercado de trocas controlado pelos homens (dinheiro limpo que tem valor). (2003, p. 40)

Hoje, mesmo que esse sexo seja percebido como transgressor e “sujo”, considero que existam prescrições estéticas e higiênicas que possibilitam minimizar a visão de sujeira e qualificam as “universitárias” enquanto mais higienizadas. O próprio espaço no qual as profissionais efetuam os serviços, fora das ruas, em lugares mais privados, onde “deveria” ocorrer o sexo, já sinaliza o aspecto “limpeza”. Baseio outra observação no uso da categoria “acompanhantes de luxo”, que, também utilizada por essas universitárias, indica outros tipos de serviço, que podem não envolver o sexo. Em algumas circunstâncias, os pagamentos incluem ganho de presentes e outros, tornando a troca monetária não restrita a sexo e dinheiro.

Após várias tentativas frustradas de estabelecer diálogo com um número maior de interlocutoras, reparei que o silêncio é algo recorrente na prostituição universitária. Uma das profissionais do sexo, a qual se recusou a participar da pesquisa, auxiliou-me no sustento de um imaginário, o qual parece corroborar a mencionada taciturnidade: a universidade é conservadora.

---

<sup>43</sup> Ela, que trabalhou como doméstica à época da era vitoriana, durante uma de suas atividades, despertou a atenção de Arthur Munby. Ambos se casaram posteriormente, em segredo, e mantinham relações de fetichismo, que incluíam trocas de papéis. Isso proporciona certo erotismo em suas relações. Cullwick relatou tais experiências em um diário, com fotografias e relatos.

Ao frequentar as reuniões de estudo de dois grupos de pesquisas<sup>44</sup> da instituição à qual estou vinculada, encontrei uma mulher, vinda de uma universidade privada da cidade, que afirmou conhecer uma universitária praticante da prostituição. Pedi, então, que essa colega de estudos possibilitasse o meu contato com a acadêmica. Em outro diálogo, recebi a resposta negativa. A profissional do sexo universitária estava receosa de falar com qualquer pessoa a respeito de sua vida, pois, de acordo com ela, outra/o pesquisadora/or a expos quando no decorrer de seus estudos. As/os acadêmicas/os da instituição privada, então, ao saberem das atividades da colega, começaram a fazer chacotas e a proferirem comentários moralistas.

A hostilização de mulheres que não apresentam comportamentos socialmente esperados não é exclusiva a essa acadêmica. Ao contrário, a agressividade se mostra recorrente. Um conhecido exemplo é o ocorrido com a universitária brasileira Geisy Arruda, em 2009, quando cursava Turismo na Universidade Bandeirante de São Paulo. O motivo das ofensas foi o vestido que a mulher trajava, considerado curto por outras/os alunas/os<sup>45</sup>. A jovem teve de ser acompanhada por policiais militares até conseguir sair dos prédios da instituição. Geisy fora expulsa da universidade e considerada “culpada” pelo ocorrido. Esse caso repercutiu na mídia brasileira e internacional, mediante a divulgação de vídeos de celulares.

Para mim, a abordagem midiática desse episódio também se mostrou condenatória: “sutilmente”, vários veículos jornalísticos apresentaram o vestido enquanto um motivo justificável à repressão na universidade, deixando de problematizar a real causa da hostilização dentro do *campus*, o que, de maneira simplista, é produto e produtor de uma sociedade conservadora, a qual vigia e controla a sexualidade dos sujeitos, principalmente, a das mulheres, e, mais ainda, daquelas/es nomeadas dissidentes. Segundo Rayani dos Santos, et al.,

Os alunos utilizaram como justificativa para a prática de tal episódio o desejo de “resguardar” a “moralidade” do ambiente universitário que frequentavam. Em torno do discurso da defesa dos valores e da moral da instituição de ensino. (2012, p. 128)

Casos como esse evidenciam o conservadorismo do ambiente universitário, afinal, este é o típico espaço de uma sociedade que vem construindo concepções hegemônicas, baseadas

---

<sup>44</sup> Impróprias – Grupo de Pesquisa em Gênero, Sexualidades e Diferenças e NENP – Núcleo de Estudos Néstor Perlongher - Cidade, Geração e Sexualidade.

<sup>45</sup>Notícias do caso disponíveis em: <<http://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL1372643-5605,00-ESTUDANTE+HOSTILIZADA+NA+UNIBAN+RECEBE+PROPOSTA+DE+OUTRAS+UNIVERSIDADES.html>> Acesso em: 29 de jan. de 2019; e em: <<https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/caso-geisy-arruda-licao-de-intolerancia.htm>> Acesso em: 29 de jan. de 2019.

em ideais moralistas a respeito de um tipo de portar-se, de viver a sexualidade, de ser mulher. Esses discursos se desenvolvem junto ao fortalecimento de perspectivas que criminalizam determinados comportamentos e, por isso, (re)saltam a importância de problematizar certas convicções, a exemplo das que penalizam a prostituição, difundindo-a como crime.

### 3.3 Sobre “ser acessada” e a pré-inauguração da boate Luar<sup>46</sup>: compreendendo minha experiência de campo

Realizei parte do trabalho de campo desta pesquisa na festa de pré-inauguração de uma nova boate em Campo Grande-MS, a “Luar”; o evento aconteceria na noite de uma sexta-feira. Compreendi o estar ali presente como uma oportunidade de conhecer mulheres que eram ou se diziam ser profissionais do sexo “universitárias”.

Meu imaginário em relação às boates, que têm como característica o comércio do sexo, antes de entrar em uma, em muito se diferenciava das que vi depois, junto ao IBISS/CO. Pensava se tratar de algo semelhante às casas noturnas dos filmes estadunidenses, que mostram mulheres dançando em *pole dance*. Contudo, a dinâmica era outra.

Estive na festa acompanhada de um amigo do IBISS/CO, alguém que poderia já conhecer o meio, considerando seu longo tempo com projetos e ações voltados a este público, as profissionais do sexo. Quando chegamos ao endereço registrado no convite, o local abrangia somente casas e alguns pequenos restaurantes, com a aparência de bairro familiar de luxo, além de sobrados construídos em grandes terrenos.

Em um sobrado de esquina, à avenida endereçada no convite, som e luzes vinham de uma tenda que podíamos ver no quintal. Conforme meu amigo do IBISS/CO, o espaço era alugado para festas, mediante o pagamento de uma expressiva quantia financeira. Disse-me ele: “*Carla, não é possível que a boate seja essa, olha essa casa do lado, da sacada dá para ver tudo. Mas essa casa é alugada para festas, podem ter locado, vamos perguntar.*” De terno e muito simpáticos, dois seguranças estavam à porta. Eles nos disseram que ainda estava pouco o movimento. Um deles nos informou, também, que havia somente bebidas no local e que, se quiséssemos entrar para ver o ambiente, sair e voltar depois, ele possibilitaria. Pelo lado de fora, entre do portão do sobrado, olhamos para dentro do local, onde estavam algumas

---

<sup>46</sup> Chamarei, neste texto, a boate de Luar, um nome fictício, como já explanado, para melhor identificá-la no decorrer da escrita.

mulheres sentadas à mesa, conversando com dois rapazes. O horário era próximo às 20h. Assim sendo, decidimos regressar ao local depois de um tempo.

Retornamos ao espaço às 21h, no qual ainda se apresentava pouco número de pessoas. Dois gerenciadores ali já estavam – ambos administram um par de casas noturnas diferentes – e um deles fora reconhecido por meu amigo, o qual nos cumprimentou, de forma muito simpática. Entretanto, até o momento, não tinha sido apresentada a ninguém enquanto pesquisadora. Todavia, o organizador do evento estava ciente de minha ida ao espaço – uma acadêmica do mestrado em Antropologia Social, para o local da festa – mediante o aviso realizado pelo meu orientador, haja vista os convites terem sido entregues em sua residência.

Embora o horário avançasse as pessoas não chegavam à festa. Não sabia a quem me apresentar. Algumas mulheres conversavam, à mesa, com rapazes, aparentemente clientes, enquanto as outras se sentavam em local distante e mexiam em seus aparelhos celulares. O *DJ*, com seu som e luzes, tentava dar animar ao local. Supomos que a falta de pessoas pudesse se dever ao clima da data, frio e chuvoso.

O supracitado amigo me disse que, às sextas-feiras, o movimento de pessoas nas boates costuma ser menos intenso do que nos outros dias da semana. A princípio, não compreendi o porquê, por isso, ele me foi explicando: boa parte dos clientes homens é casado e procura sexo pelas manhãs, antes de entrar no trabalho, ou depois, ao saírem. Contudo, as sextas-feiras são reservadas à família, tendo em vista que sábado, dificilmente, configura-se como dia de expediente. De acordo com ele, algumas casas noturnas pagam as meninas durante a semana, às terças feiras, que são dias de maior fluxo e entrada de dinheiro.

De posse da explicação dada acima, não compreendi o motivo de os organizadores marcarem a festa justamente à sexta-feira, afinal e muito provavelmente, eles também sabiam que esse era um dia de pouco movimento. Depois, ao conversamos com os administradores, soubemos que as pessoas costumam chegar ao local em horários da madrugada, segundo ele: quando saem de festas sem conseguirem ter “ficado” com ninguém.

Em algum momento, um dos rapazes sentado à mesa começou a me olhar fixamente – não sabia se estava desconfiado da minha presença ou se pensava que também era uma mulher que exercia a prostituição. O rapaz se encontrava em um círculo de pessoas, com o gerente de uma casa, identificado por meu amigo, e apontou em nossa direção. Disfarcei ter percebido o ato, olhando para o lado.

Estava nervosa, haja vista o meu desconhecimento de como abordar as mulheres do local; as pessoas passaram a nos olhar e a aparentar estranheza. A única figura do meio que sabia o motivo de estarmos ali não havia chegado. Logo, comecei a enviar mensagens para meu orientador – o Tiago – perguntando se ele iria. O professor perguntou se achava importante a sua presença. A princípio, queria instruções de como agir para conseguir conversar com as mulheres. Neste meio tempo, o gerente de outra boate chegou à nossa mesa e nos informou que o organizador logo chegaria. Acredito que ele percebeu que não estávamos ali como clientes, incerto sobre o motivo de nossa presença. Comuniquei o Tiago que, então, esperaríamos o organizador.

Enquanto conversávamos por meio de mensagens, disse ao Tiago que um dos homens da mesa muito e fixamente me olhava; ele perguntou se meu amigo o conhecia, mas a resposta foi negativa. Após contar ao orientador que não havia qualquer convidada mulher no recinto, além de mim – também se encontravam alguns clientes homens – apercebemo-me da possibilidade de estar sendo reconhecida tal qual uma profissional do sexo. Neste horário, três horas de festa já havia passado. Tiago, então, esclareceu-me: “*Se você chega sem se identificar você ou é puta, ou é futura puta.*” Disse-me, ainda, que meu amigo do IBISS/CO, caso não fosse reconhecido, seria entendido como o meu possível “agenciador”.

De fato, não sei se fui acessada enquanto puta ou futura puta<sup>47</sup>, se me leram e reconheceram-me como tal, mas me observaram com muita frequência, olhares provindos de clientes, quando começaram a chegar. Minha roupa não se encaixava ao perfil das vestimentas que as outras mulheres usavam na festa – devido à baixa temperatura, trajava uma saia, com tecido de algodão, abaixo dos joelhos, sem estampa, na cor verde (“intensa”); uma blusa meia-manga, levemente transparente (quase não se via a cor do meu sutiã, também sem estampa e de cor branca). Calçava uma sandália de plástico, na cor marrom, sutilmente enfeitada com *glitter*, sem qualquer salto. Meu batom em cor vermelha já deixara os lábios, antes mesmo da entrada na festa. Estava com os óculos redondos, de grau, e cores “mortas”. Passei toda a noite de braços cruzados, sentada com frio.

Algumas mulheres vestiam calças jeans bem ajustadas ao corpo – possivelmente, havia *Lycra*<sup>48</sup> no tecido, o que permitia ver seus corpos bem definidos. Outras profissionais usavam

---

<sup>47</sup> A partir das contribuições da minha banca de qualificação, pude perceber que qualquer mulher, em algum momento da vida, quer seja pela roupa, cor do batom, ou por andar nas ruas à noite, quer se deva a outros artefatos ou gestos, podem ser lidas como puta.

<sup>48</sup> Fibra sintética de grande elasticidade, conhecida por garantir maior maleabilidade tecidual.

vestidos e saias curtas, também presos aos corpos, de modo que quem olhasse pudesse ver o formato que tinham suas curvas. A maior parte das peças de roupas delas era na cor preta, também não tinham estampas. Todas calçavam sapatos de salto alto; algumas maquiadas, outras não; nenhuma deixou os cabelos presos e todas seguravam alguma bebida alcoólica nas mãos. Nenhuma das mulheres chegou à mesa à qual sentávamos – supus devido não termos sido identificados, por elas, enquanto clientes, mas talvez como profissionais da área da saúde, considerando meu amigo ser reconhecido pelos gerentes das casas tal qual membro do IBISS/CO, e por uma das profissionais do sexo que estava no local, a qual poderia ter informado as outras que aquele era o “rapaz da saúde”, como já o tinham identificado em outros ambientes. Provavelmente não era lida como pessoa daquele meio. Então, por que tanto me olhava aquele rapaz?

Ser acessada depende do olhar do outro, como aqui já citei. Ainda que a mulher tenha se dedicado para “se anunciar” e “ser acessada”, ou não, como uma “universitária” e/ou profissional do sexo, somente é vista enquanto tal se essa leitura for empreendida por outrem. Não me vesti munida dessa intenção, mas se assim fui lida pela compreensão do outro, provavelmente é porque me acessaram por intermédio de diferentes marcadores, talvez a minha cor, branca tal qual a das outras mulheres do local, assim como a minha idade – àquela época, 23 anos – aparentando menos tempo de vida, conforme o que comumente ouço. Ademais, em termos de gênero, minha performance de feminilidade se assemelha à das mulheres do local: feminina, delicada, relativamente discreta.

É provável que existam outros marcadores sociais da diferença, no contexto da prostituição, que façam com que, em outro local, como na rua, eu não seja identificada enquanto uma profissional do sexo. Ou, ainda, talvez me reconheçam tal qual, mas não pelas mesmas características que foram acionadas na experiência da festa. Conforme Duque (2017), os contextos e temporalidades, junto a distintos marcadores sociais da diferença, em determinadas interações sociais, são o que nos permitem atingir uma performance. Não é diferente neste campo da prostituição.

Isto posto, se me acessaram como profissional do sexo, provavelmente foi devido à dinâmica do evento, no qual todas as mulheres, a meu saber, estavam trabalhando, exceto eu. O fato de ser mulher, desacompanhada de um par romântico, em uma festa onde procuravam por profissionais do sexo, pode ter feito com que os demais pensassem que eu também fosse.

Próximo às 23h, começam a chegar outras mulheres à casa. Além delas, havia um casal, homem e mulher. Tiago, logo após, também se fez presente na festa; pediu água, enquanto

esperávamos o organizador também vir – ele era o único que conhecia o motivo de nossa estada ali. Transcorridos alguns minutos, quem esperávamos chegou ao recinto, acompanhado de algumas pessoas e pela atração principal da noite, uma dançarina, *stripper*, convidada de fora, famosa em circulação de revistas nacionais.

Depois um tempo, o organizador veio à mesa, a fim de cumprimentar o Tiago e me conhecer. O homem me perguntou se já havia conversado com alguma das “meninas”, ao que respondi negativamente – não sentimos confiança para abordá-las, uma vez que passaram o tempo todo dançando ao lado dos homens ou somente em diálogos com eles. O organizador da festa afirmou, então, que chamaria algumas mulheres para vir à mesa conversar conosco, porém, muito provavelmente, consumiriam bebida. Questionou-nos se isso seria um problema, ao que respondemos negativamente, falando, ainda, que esperaríamos à mesa.

Horas antes, meu amigo falou a respeito de uma das dinâmicas das boates, que consiste em incentivar os clientes ao consumo das bebidas do bar; após, uma porcentagem do valor ganho é direcionada à profissional que lhe acompanha, ao final da noite. Não sabíamos se essa lógica nos valeria – ainda que não fôssemos clientes, em certa medida, estaríamos ocupando/gastando o tempo das mulheres, mesmo com poucas pessoas/clientes na festa.

Uma menina veio à nossa mesa. Ela era alta, usava salto e estava com um vestido curto, modelo “tomara que caia” preto, bem justo ao corpo. Suas unhas estavam pintadas, os cabelos eram lisos e compridos, quase à altura da cintura, na cor preta. A jovem estava maquiada, a fim de melhor destacá-la entre as outras. Além disso, ela segurava um copo que, aparentemente, continha bebida destilada. Como não trocamos nomes, chamá-la-ei de Sol. Sol se mostrou simpática a todos ali e se sentou conosco.

Decidi me sentar ao lado da mulher. Expliquei-lhe a pesquisa, destinada a compor a minha dissertação do mestrado, e solicitei que ela me contasse um pouco sobre o seu trabalho. Estratégica e propositalmente, não mencionei a categoria “universitária” ou o termo prostituição – algum tempo antes, tive a experiência de falar com algumas mulheres pelo *Whatsapp*; como elas não se valiam da categoria prostituta/profissional do sexo, mas de “mulheres que trabalham com o corpo”, ou “acompanhantes”, presumi que seria mais produtivo não direcionar o modo como se daria o autorreconhecimento e esperarei que cada entrevistada discorresse sobre o modo que se vê neste meio.

Sol tinha 20 anos e não pretendia permanecer naquele meio por muito tempo; afirmou que aquele lugar é para poucas, somente para: “*as que tem cabeça.*” Trabalhar com o sexo significava apenas um período destinado a acumulação dinheiro e alcance de seus reais

objetivos. Perguntei sobre a dinâmica da festa, como ela soubera daquela noite. Sol me informou que a convidaram para estar ali; o que recebesse, a ela pertenceria; se, por ventura, não saísse com ninguém, ao menos se divertiria, isenta de perdas. Questionei, então, se ela era “universitária”; a resposta fora negativa. Segui indagando a moça a respeito dessa categoria – o que ela poderia me contar sobre “ser universitária” na prostituição, embora não fosse o caso.

Apercebe-me de que, em verdade, não seria necessária uma interlocutora profissional do sexo universitária para falar sobre “universitárias” na prostituição. Sol me manifestou: *“quem é universitária diz que não é, e quem não é, diz que é.”* Isso enfatiza o já discutido no início deste estudo: ser ou não universitária também constitui uma performance.

Sol me foi relatando que, embora nunca tivesse acionado a categoria, ser uma “universitária” na prostituição significava ser alguém mais manipulável, fingindo-se de “burra”, “boba” e ingênua, alguém com quem o cliente (homem) pudesse lidar de forma mais “fácil”. Denotei, ao longo do trabalho de campo, que existe essa dualidade sobre como a categoria “universitária” é entendida pelas ex e atuais profissionais do sexo com as quais conversei: ora alguém que sabe conversar, que domina alguns assuntos, ora mulheres que fingem ser mais manipuláveis.

Os códigos simbólicos abarcados pela prostituição são diferentes dos que supomos no senso comum. Com frequência, o nosso imaginário aciona concepções e “enxerga” relações divergentes das que são, de fato, as interações humanas, principalmente, devido ao nosso conhecimento em relação a determinado assunto. Concebo que o ser “universitária”, na prostituição, estava ligado a uma procura, por parte de clientes, da profissional do sexo que possuísse certo “capital cultural”, como já mencionado. Conforme os significados atribuídos na definição elaborada por Bourdieu,

[...] o diploma, essa certidão de competência cultural que confere ao seu portador um valor convencional, constante e juridicamente garantido no que diz respeito à cultura, a alquimia social produz uma forma de capital cultural que tem uma autonomia relativa em relação ao seu portador e, até mesmo em relação ao capital cultural que ele possui, efetivamente, em um dado momento histórico. (1999, p.79)

Dito de outra forma, o “capital cultural” é composto por saberes reconhecidos mediante diplomas e títulos, mas que, no seio de uma sociedade capitalista, está “posto” de formas desiguais, uma vez que o acesso a esse “bem cultural” é restrito, principalmente, a certa classe e raça/etnia, tendo em vista a desigualdade social, o que acaba por reproduzir as diferenças sobre o acesso ao conhecimento.

Analisando, porém, a ideia primária que detinha, notei que vai a desencontro da crítica que sempre teci, às questões essenciais, pois até o “ser universitária” é variável. Estar/entrar em uma instituição de ensino superior não me faz automaticamente uma pessoa com mais conhecimento crítico do que outras. As diversas áreas do saber também me coloca a assumir posturas diferentes, impedindo-me do erro de universalizar um ser “universitária”. Tratando-se do contexto da prostituição, principalmente, essa categoria está além de ter ou não o “capital cultural”, mas sim, depende de uma performance, que, no interior da prostituição, assume outras características, também variáveis, a partir do que a/o cliente espera.

Retornando ao relato da noite da pré-inauguração da boate Luar, duas outras mulheres se juntaram a nós. Elas tinham idades diferentes: a com 29 anos, chamarei de Estrela; a outra, de 22 anos, nominarei Lua. Essa última foi a que se sentou depois. Realizei a mesma abordagem usada com Sol: solicitei que me contasse um pouco sobre seu trabalho, até entrar na temática de meu interesse de pesquisa.

Diferentemente de Sol, que afirmou existirem inúmeras mulheres empregando a categoria “universitária”, Estrela me relatou que essa quantidade não é muita, e que clientes homens estão “cansados” de ouvir sobre as “universitárias”. Um deles, inclusive, disse à moça, em uma boate: “*não vem me dizer que você é universitária também.*” Isso reforça a ideia de que há muitas mulheres profissionais do sexo sendo acessadas e/ou se anunciando enquanto “universitárias”. Sob a ótica de Estrela, não há o reconhecimento de mulheres “universitárias”, mas Sol, assim como os clientes, está reconhecendo e acessando esse perfil na prostituição.

Quando Lua se sentou à mesa, Estrela ainda conversava comigo. Indaguei relativamente à prostituição “universitária”. Lua concorda que existam muitas mulheres se dizendo “universitárias”, díspar da opinião de sua colega. No diálogo, uma argumentava para a outra somente de maneira afirmativa; Lua dizia: “*tem bastante sim.*” Já Estrela alegava: “*eu não acho.*” Lamentavelmente, apenas essas três mulheres conversaram comigo, ainda que tenha esperado pela apresentação da atração principal, com a expectativa de que, talvez, pudesse entrevistar mais alguém.

A madrugada se foi aproximando. De fato, as pessoas vieram junto. Ainda assim, frente à expectativa que criei em relação à quantidade de convidados/as, a festa não acontecia de maneira aparentemente rentável. Achavam-se poucas pessoas no local, apesar de sua mesa estar cheia de latas de cerveja vazias as quais foram consumidas durante a noite. O show de

*stripper* parecia fazer sucesso: a dançarina, atração principal da noite, dançava sensualmente, interagindo com o público, encostando seu corpo desnudo nos corpos agasalhados das pessoas. Os sujeitos que ali estavam ficaram animados com a performance; ouvíamos os aplausos. Após esse acontecimento, decidimos ir embora.

#### 4. TRÂNSITOS DA ECONOMIA SEXUAL NA PROSTITUIÇÃO UNIVERSITÁRIA

##### 4.1. “Tudo é combinado, sem mal entendidos”: *sugar baby* e a aproximação com a categoria de ajuda

“Entre para o nosso ‘pote de açúcar’ cheio de *Sugar Babies*<sup>49</sup>!” é uma das frases do site “Meu Patrocínio”. Entre as expectativas criadas diante da categoria *Sugar Babe*, o estudante e/ou “universitária” mostra características que podem destacar as anunciantes, já que são acionadas neste espaço, como apresentaremos ao decorrer deste capítulo. Nesse sentido, procurei construir uma articulação entre a *Sugar Babe* e a “universitária” na prostituição.

Através do site “Meu Patrocínio”, é possível problematizarmos a maneira que produzimos categorias voltadas às práticas que estão inseridas na economia do sexo. Acredito que a *Sugar Babe* pode ser assimilada dentro do que compreendo enquanto categoria “ajuda”, a partir de Piscitelli (2011), como apresentado anteriormente, que não a restringe somente à “tradicional” prostituição, mas que inclui, por intermédio de outros mecanismos, múltiplas práticas sexuais, ligadas inclusive às tecnologias digitais.

Esse sítio eletrônico apresenta a particularidade de “aceitar”, na qualidade de membras, mulheres jovens e “inteligentes”, envolvendo outros tipos de negociação e trocas, tais como o que relatei ao longo do primeiro capítulo desta dissertação, não necessariamente incluído o ato sexual (conforme a narrativa da mulher). O site me motiva a pensar a *sugar baby*, uma vez que aciona várias definições para essa categoria. Essa minha observação é possível por meio do método da “etnografia de tela”, já mencionado anteriormente.

Para as mulheres que pretendem se cadastrar no portal e que possuem a expectativa de crescimento acadêmico e intelectual, os responsáveis pelo espaço *on-line* enfatizam que esse ambiente pode lhes auxiliar no alcance dos objetivos. A frase: “[...] quer crescer intelectual, pessoal e profissionalmente e parar de se preocupar com contas” se refere a uma troca que

---

<sup>49</sup>Essa é uma das frases retiradas do site “Meu Patrocínio”. Disponível em: <<https://www.meupatrocinio.com/sugar-daddy>> Acesso em: 02 jun. 2017.

envolve uma “ajuda”, um “apoio” financeiro (palavras do próprio site) entre *Sugar Daddy* e *Sugar Baby*; cabe a ambos decidirem a relação que irão manter. Piscitelli (2013) afirma que há diversos tipos de intercâmbios, não necessariamente reconhecidos como prostituição. Isso me auxilia a pensar a frase referida no relato do capítulo um: “*Não é prostituição*”.

Uma dessas formas tradicionais é a relação entre uma mulher jovem e um homem mais velho e rico, que fornece dinheiro e outros tipos de bens. Como exemplo, cito a conhecida figura do *velho que ajuda*, que remete a relacionamentos mediante os quais jovens de camadas populares, inclusive garotas que não são consideradas prostitutas, procuram apoio econômico. (PISCITELLI, 2013, p. 27).

O exposto se assemelha à proposta que a página da internet me fornece: homens mais velhos e ricos que planejam se relacionar com mulheres jovens, financiando-as em troca deste “relacionamento”<sup>50</sup>. Em nenhuma parte do site encontramos as palavras “sexo”, “prostituição” ou “clientes”, mas sim “relacionamentos”. A imagem a seguir, retirada como fragmento do sítio eletrônico, retrata essa troca:



Imagem 10, do “Meu Patrocínio”, “Tudo é Combinado, sem mal-entendidos” (Retirada do site “Meu Patrocínio”, no dia 16 de dezembro de 2017).

No site, abaixo da imagem, aparece o seguinte texto:

Relacionamentos bem sucedidos só existem quando as expectativas do casal estão alinhadas. Sugar Daddies e Sugar Babies sabem o que querem, o que podem oferecer e falam abertamente em acordos pré estabelecidos sem ter

---

<sup>50</sup> Coloquei relacionamento entre aspas a fim de diferenciá-lo do tipo tradicional de relacionamento que nosso imaginário do senso comum engloba, no qual os/as envolvidos/as não são permeados por combinados envolvendo uma “ajuda” financeira.

que se sentir culpados por seus desejos e intenções. (Retirado do site “Meu Patrocínio”, na data do dia 16 de dezembro de 2017).

A simbologia, que traz a carteira relacionada ao dinheiro, o coração, que pode significar o amor, e o anel com uma pedra grande de diamante, dialogando juntos, apontam os significados que sinalizam possuir esse “relacionamento” financiado. Isso pode ou não incluir, posteriormente, o fator matrimonial, com intercâmbios de trocas financeiras. O fato de a frase avocar o sentimento de não culpa entre os pares me remonta a um imaginário fora das relações hegemônicas e tradicionais de relacionamento, neste âmbito, o dinheiro ou a “ajuda”.

A respeito dos recentes estudos sobre a sexualidade, que em certa medida perpassa “o sentimento de culpa”, quando vista como “transgressora”, saliento o destaque concedido aos direitos sexuais e a noção de controle sobre o sexo, que deve ser exercido pelo sujeito. A partir dos relatos de suas interlocutoras inseridas no cenário da prostituição, levando em consideração a historicidade das narrativas, Nieto Olivar (2013) aponta que há uma construção do cliente enquanto um ser não sexualizado, e isso corrobora com o “relacionamento” *sugar daddy e babie*.

O autor explora as relações para além da profissional de sexo/cliente, observando a maneira de o sexo imbricar as demais relações, como a de parentesco, conjugalidade, trabalho e ativismo. Além disso, ele constrói a crítica da ideia de profissional do sexo tal qual um ser inerentemente vítima de violência, um objeto sexual, um ser passivo e carente de poder, como evidencia o discurso abolicionista (já mencionado nesta pesquisa).

No programa, quando se existe a relação do casal profissional, do sexo/esposa e agenciador/marido, o prazer aparece da mesma forma que algo diferenciador. O gozo feminino, entendido como condição para a gravidez e a reprodução familiar, era reservado aos verdadeiros homens, seus maridos/agenciadores. Logo, o sexo, no início dos anos 80, para as profissionais do sexo, era compreendido da mesma forma que a relação entre dois agentes e só poderia ocorrer no espaço familiar; “o programa não era sexo”.

Nieto Olivar (2013) mostra que, por meio das narrativas, o sexo parece ganhar uma simbologia diferente da do senso comum, de ato, prática. O sexo, em tais narrativas, envolve o prazer, o gozar, algo que não era sentido, ou não deveria ser sentido no programa com clientes. Isso diferenciava a profissão das relações afetivas, com não clientes. Nesta sequência, a relação *sugar*, a “ajuda” e o relacionamento não seriam um programa, portanto, nem mesmo prostituição. Contudo, essa não é uma perspectiva universal em relação à

concepção de sexo e programa entre as profissionais do sexo. Depreendo que a troca monetária necessária ao estabelecimento do “relacionamento *sugar*” faz parte da economia do sexo.

Ainda sobre a economia sexual, Piscitelli expõe alguns limites da categoria, questionando,

Que recursos ideias como “o amor como arma dos pobres” podem oferecer para pensar nos relacionamentos envolvendo homens e mulheres de classes/posicionamentos/localizações sociais que os afastem da ideia de “pobreza”? E quais são as fronteiras das economias sexuais?. (2016, p. 16)

Por este ângulo, amplia-me a ideia do “mercado do sexo”, compreendida enquanto uma extensa rede que, segundo Piscitelli (2005), vem se expandindo para uma enorme diversidade, variedades de trabalhos sexuais que não se restringem somente à prostituição, mas em muitas outras atividades, entre elas, linhas telefônicas eróticas, sexo virtual por meio da internet, casas de massagem, submissão/sadomasoquismo, prostituição na rua e tantas outras. A economia sexual abarca, agora, além das referidas práticas na economia sexual, os relacionamentos matrimoniais, isto é, outros processos, estratégicos ou não, que vão além das relações de mercado, incluindo relações de afeto, cuidado e reciprocidade.

O site já apresenta um formato de escrita que proporciona a descrição de algo que poderíamos classificar como inserido nessa economia do sexo. Considerando que os combinados incluem o suprir de “desejos e intenções” entre os pares (a relação *Sugar Baby* e *Sugar Daddy*), podem também envolver ligações afetivas e/ou sexo por dinheiro, o que não necessariamente se encaixa na prostituição, como apresentado acima, mas, ainda assim, caracterizar-se-ia pelo viés mercantil de oferta e procura, isto é, as práticas sexuais (ou não, podendo ser substituídas pelo pedido de uma roupa específica, o que inclui um possível fetiche, como o citado caso do jaleco) em troca de dinheiro.

O site contém um blog, com alguns relatos de *Daddies* e conselhos das *Babies* “mais experientes”. Um deles, no imaginário, encerra o ser estudante e/ou “universitária”, tal qual uma característica atrativa nesse tipo de economia. O item diz:

4 – Estude, estude e estude: Esse conselho é super importante. Independentemente da sua área de interesse, Sugar Baby, nunca deixe de estudar. Leia muito, sobre tudo. O Daddy espera que sua Baby seja uma mulher maravilhosa, linda e interessante, mas principalmente cheia de conteúdo. Não estagne. Já se formou? Faça uma pós-graduação, um

mestrado, cursos de aperfeiçoamento. Conhecimento não ocupa espaço.  
(Retirado do Blog “Meu Patrocínio”)

Nessa conjuntura, há uma valorização das *Sugar Babies* que possuem um determinado “capital cultural”, de acordo com Bourdieu (1999). Isso desperta um tipo de desejo ligado à escolarização – “universitária”, categoria que parece valorativa no contexto da economia sexual, inclusive, no sítio eletrônico “Meu Patrocínio”. Assim, anunciar-se e/ou ser acessada enquanto “universitária”, em alguns espaços, parece-me relevante, o que pode entender, principalmente, por meio dos sites de acompanhantes, nos quais essas mulheres utilizam a *tag* estudantes/“universitárias”.

Porém, ao longo da experiência do campo de pesquisa, na pré-inauguração da boate Luar, constatei que a compreensão sobre o que é esperado de uma prostituição universitária varia conforme cada perfil de mulher, abarcando duas variantes: escolaridade e juventude/geração.

Dito isso, considerando as reflexões de Perlongher (2008), denotei também a presença de categorias que, articuladas, podem ser entendidas tais quais estimuladoras de “fugas desejanter”. Essas variantes, no contexto do campo, representam a geração e a expectativa de escolarização, que, juntas, por meio das contribuições do autor, arrisquei por entender como os “tensores libidinais”. Nesse sentido, o “capital cultural” (BOURDIEU, 1999) pode ser visto como um “tensor libidinal”, haja vista que acionaria o desejo de clientes por profissionais do sexo e/ou *Sugar Babies*, que, em suas buscas, valem-se dos termos estudante e/ou “universitárias”. A autora Maria Filomena Gregori me esclarece os tensores libidinais de Perlongher, dizendo que,

Fugas desejanter seriam os efeitos transgressivos em experiências guiadas pelo desejo, a partir de um processo de produção de intensidades libidinais por meio da operação de tensores libidinais. Para o autor, esses são tensores de atribuição de valor e de distribuição no código categorial. No caso do negócio do michê, seriam basicamente três: gênero, classe, idade e, um oculto, raça. (2008, p. 598)

Melhor dizendo, são marcadores sociais que, juntos, operam como estimuladores de multiplicidades de desejos possíveis, inclusive, desejos transgressores de uma ordem moral e não hegemônicos. Porém, neste caso, transgressores que movem uma economia sexual. Deleuze e Guattari (1997) postulam que a repressão criaria o desejo hegemônico, fixo e único, mas somente os fluxos teriam alguma objetividade nessa concupiscência; logo, ao contrário de um desejo universal, existem os “fluxos desejanter”. Claire Parnet e Deleuze (1998)

defendem que esses “fluxos desejantes” buscam, a todo momento, mais conexões e outros agenciamentos. “Não existe agenciamento que funcione sobre um único fluxo” (Idem, 1998, p. 36).

Destarte, o termo *Sugar Baby*, dentro da compreensão dos “tensores libidinais” (e dos marcadores sociais da diferença) aparenta acionar, principalmente, os marcadores geração e escolarização. No interior das discussões a respeito das interseccionalidades, essas categorias aparecem interagindo para constituir um imaginário de quem seriam as “universitárias”, ainda fora da prostituição.

Por isso, quando pessoas dizem “ser universitária”, acionam diversos atributos. No já aludido documentário com Lola Benvenuti, ela diz que a característica de “universitária” era percebida pelo formato oral da conversa mantida durante o trabalho. Acredito que isso não necessariamente seja exclusivo de uma universitária, mas acionado (podendo, de fato, tratar-se de uma estudante) quando ela expõe sua boa comunicação. O diferencial observado, neste quadro, é o modo de falar, o uso correto da língua portuguesa e o valoroso vocabulário.

As *Sugar babies* que “são estudantes”, jovens ou modelos sinalizam um diferencial mais apreciativo, tal qual apresentado na frase retirada do site “Meu Patrocínio”: “Seja uma jovem, estudante ou modelo, sua busca é por um relacionamento maduro com alguém que te apoie emocional, intelectual e financeiramente”. A “ajuda” para o crescimento intelectual aparece com mais frequência.

Luciana Codognoto da Silva e Wiliam Siqueira Peres abordam as intencionalidades no uso das nomeações utilizadas na prostituição,

Na literatura científica, nos deparamos com uma infinidade de nomenclaturas para se referirem às mulheres na prostituição, desde “concubinas, meretrizes, damas da noite e acompanhantes” – que carregam significados mais afetuosos e menos sexuais – passando por “profissionais do sexo e trabalhadoras do sexo” – termos mais higienistas e de cunho comercial – até chegarmos às nomenclaturas “prostitutas e putas” – portadoras de um significado mais politizado, tendo como principal idealizadora de luta a famosa prostituta brasileira Gabriela Leite.<sup>51</sup>(2016, p. 204)

Embora as categorias *Sugar Babies* e profissional do sexo “universitária” possam fazer parte da identificação de uma mesma mulher, ambas são diferentes. As duas envolvem o

---

<sup>51</sup> Prostituta reconhecida como a principal ativista dos direitos das prostitutas no Brasil. Sobre Gabriela Leite, ler *Filha, mãe, avó e puta: a história de uma mulher que decidiu ser prostituta* (2008).

recebimento de dinheiro, mas não podemos, de antemão, determinar que as *Sugar Babies* são “universitárias”, prostitutas, acompanhantes ou profissionais/trabalhadoras do sexo, entre outras categorias. Elas têm a possibilidade assumir diversas identidades, que se dão de formas fluidas e que acionam práticas contendo ações, relações e expectativas diferentes nos/nas clientes/relacionamentos.

Por fim, uma profissional do sexo pode, inclusive, identificar-se enquanto uma *Sugar Baby*, considerando o imaginário mais “limpo” sobre a categoria. O uso dos termos se dá de maneira estratégica, sendo alterado de acordo com as expectativas das pessoas que consumirão o serviço, além das razões próprias do sujeito que se vale desse uso, a fim de atingir certo público. No caso da *babie*, parece haver procura por afeto.

#### 4.2 Agenciando o *off-/on-line*: transitando entre os “pontos”

No início de novembro de 2018, o projeto “Viva Melhor Sabendo” foi renovado e o IBISS/CO começou a iniciativa “Afrodite<sup>52</sup>”. Aproximei-me da OSC novamente, voltando a campo, a fim de participar das abordagens outra vez. Construí olhares diferentes para os locais onde circulei com o projeto. Um desses espaços é a boate Luar, que finalmente foi inaugurada. O estabelecimento se encontra em um sobrado de dois andares, próximo ao centro de Campo Grande-MS. Quando a visitei, à noite, por volta das 22h, havia enfeites de *Halloween*, tocava música em alto volume e sem interferências, inúmeras luzes coloridas iluminavam o ambiente de coloração diversa. Havia mulheres tanto de Campo Grande-MS quanto de cidades do Sul do Brasil, mas nenhuma me disse ser universitária/“universitária”.

Um fato interessante sobre a boate Luar é que o convite a mim dirigido foi realizado antes mesmo da inauguração, mais precisamente, da festa de pré-inauguração do local: tinha-se uma “quase certeza” de que profissionais com o perfil de meu interesse estariam na casa noturna. No entanto, em ambas as festividades, não havia mulheres se identificando como universitárias. As profissionais do sexo que, nesta data, encontravam-se na boate eram mulheres jovens, brancas, usuárias de perfumes adocicados. A geração e a cor/raça, neste contexto, voltam a ser marcadores importantes para tentar compreendermos o olhar de quem as está caracterizando enquanto “universitárias”.

---

<sup>52</sup> Projeto de Prevenção e Promoção de Saúde em Direitos Humanos, mais especificamente voltado aos direitos de profissionais do sexo em Campo Grande-MS. Uma das pautas articuladas no Afrodite é a promoção do projeto de lei Gabriela Leite.

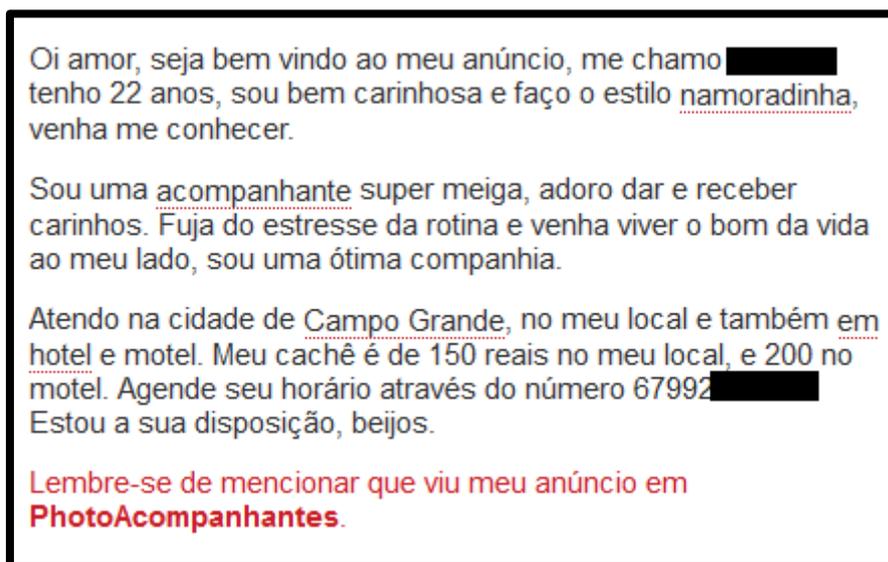
Em outro dia, durante a tarde, por volta das 15h, visitamos uma casa próxima à UFMS. Enquanto alguns membros da equipe preenchiam, o formulário padrão para a realização da testagem por fluido, outros membros, assim como eu padrão (ainda como voluntário do projeto), conversávamos com as mulheres do local. Uma das perguntas das fichas era sobre escolarização – indaga-se até que idade a pessoa cursou o ensino regular, e/ou se o fez. Neste momento, uma profissional do sexo, a quem vou me referir como Mia, de cabelos pretos, identificando-se branca, de estatura aproximada de 1m64, com aparência jovial, mas não tanto quanto a das outras mulheres da casa, responde-os em voz alta: “Eu faço enfermagem.” Ao concluir o preenchimento do formulário, informei à Mia sobre a realização de uma pesquisa a respeito da prostituição universitária, a qual comporia minha dissertação de mestrado, para além do contexto das abordagens com o IBISS/CO. Questionei se ela poderia me dizer se informava às/aos clientes que era universitária. A resposta fora negativa.

Em outro momento, na mesma região, uma distinta profissional do sexo, que aqui chamarei de Nay, com cabelos loiros descoloridos, supostamente alta, sem aparência jovial, também me afirmou estudar enfermagem. Perguntei a Nay, como feito antes e a informando sobre a pesquisa do mestrado, se ela se apresentava às/aos clientes como universitária. Nay, tal qual Mia, disse-me que não. Questionei o motivo, já explicando minha crença de que isso poderia chamar a atenção de clientes em potencial. Nay me relatou que, quando diz ser universitária, os clientes homens muito a aborrecem com perguntas a respeito do curso de graduação, sobre a instituição de ensino, em relação ao período do curso em que está, entre outros questionamentos. Tudo isso, na visão da profissional, acaba a expondo. Ainda que as algumas informações pessoais sejam passíveis de omissão, revelar qualquer característica a mais, que possibilite qualquer tipo de aproximação de suas experiências fora do trabalho do sexo, parece não ser uma boa escolha. As duas informações, de Mia e Nay, corroboraram o diálogo firmado com a profissional do sexo Sol, durante a pré-inauguração da Luar: “*Quem é universitária diz que não é, e quem não é, diz que é.*”

Essas informações ficam evidentes quando, no site “*Photo Acompanhantes MS*”, encontrei Mia, sem o uso da categoria “universitária”. Em seu anúncio, porém, notei um estilo de escrita na descrição – palavras escritas no diminutivo, características deste perfil de mulheres – corriqueiro também em outros perfis cuja *tag* é o de “universitária”. Deste modo, mesmo Mia sendo universitária e não informando essa característica, poderia ser reconhecida tal qual na prostituição, pois, (re)lembrando: é a performance que propicia o alcance de um reconhecimento (ou não) do ser pelo olhar de clientes. Isto é, para que Mia não seja acessada por clientes enquanto universitária, ela tem de performatizar outras categorias de mulheres na

prostituição, evitando, por exemplo, a performance jovial articulada a outros marcadores sociais da diferença.

Outro fato que me chama a atenção é Mia também estar nos sites, mostrando que os “pontos” são acionados em mais de um lugar, concomitantemente. Há um trânsito, de uma mesma mulher, da casa para o site, deste para a primeira e do site para outros lugares, como motéis ou hotéis.



Oi amor, seja bem vindo ao meu anúncio, me chamo [REDACTED] tenho 22 anos, sou bem carinhosa e faço o estilo namoradinha, venha me conhecer.

Sou uma acompanhante super meiga, adoro dar e receber carinhos. Fuja do estresse da rotina e venha viver o bom da vida ao meu lado, sou uma ótima companhia.

Atendo na cidade de Campo Grande, no meu local e também em hotel e motel. Meu cachê é de 150 reais no meu local, e 200 no motel. Agende seu horário através do número 67992 [REDACTED] Estou a sua disposição, beijos.

Lembre-se de mencionar que viu meu anúncio em **PhotoAcompanhantes**.

Imagem 11 de uma descrição do “*Photo Acompanhantes MS*” (Retirado do site “*Photo Acompanhantes MS*”, no dia 28 de dezembro de 2018).

Na descrição da imagem anterior, a/o cliente é tratada/o com afeto, “amor”. As palavras “namoradinha” junto a “amor” complementam um estilo de expectativa de quem vai negociar o serviço, o que parece se distanciar de uma troca monetária e se aproximar de uma relação socialmente convencional. Tanto “amor” quanto “namoradinha/o” são habituais em outros perfis de profissionais do sexo “universitárias” neste site. Destaquei alguns deles com o intuito de mostrar como são descritos os anúncios destes perfis. Neles, consegui observar os marcadores sociais da diferença, tanto nas próprias descrições quanto nas fotografias, imagens dos corpos, que aparecem ao lado. Alguns marcadores sociais foram acionados mais de uma vez, em diferentes perfis.

Olá amor, eu sou a [REDACTED] tenho 18 anos, sou uma acompanhante branquinha, estou iniciando no meu local, sou bem paciente e discreta.

Delícia de pele branquinha, lisinha e macia, cabelos pretos e naturais, lábios finos e desenhados, um bumbum guloso e irresistível, seios lindos e pequenos, uma das mais lindas da cidade, sem dúvidas.

Atendo na Rua [REDACTED] vila próximo a [REDACTED] em Campo Grande, atendo de segunda a sábado, meu telefone é 6799 [REDACTED], meu cachê já inclui o local, oral, vaginal e massagem, só chama no [Whatsapp](#).

Lembre-se de mencionar que viu meu anúncio em **PhotoAcompanhantes**.

Cachês	Horário
--------	---------



Mato Grosso do Sul Campo Grande

Cartão de crédito Com Chuveiro Com privê

Em hotel Universitárias

Imagem 12 de um perfil do “Photo Acompanhantes MS” (Retirada do site “Photo Acompanhantes MS” no dia 09 de agosto de 2017).

Na representação acima, Juliana, que se vale da *tag* “universitária” e tem 18 anos, destaca cor/raça (“branquinha”), geração (“lisinha e macia”) e classe (“cartão de crédito”, assim como “acompanhante de luxo”) enquanto marcadores sociais que, articulados, pretendem chamar a atenção de um público específico. Juliana, bem como Mia, aciona em seu perfil, o mesmo tipo de afetividade para tratar os/as clientes, a exemplo da seguinte frase: “*Olá amor.*” No caso de Mia, os clientes são homens, notados na frase “*seu lindo.*”

Na fotografia, as pernas em posição de abertura, ainda que com a calcinha, expõem partes do corpo destacadas pela profissional, como também o fazem outras mulheres, quer por fotos dos seios, bumbum, pernas, quer por outros. Nestes perfis de “universitárias”, o órgão genital, correntemente, não é mostrado nas imagens que ficam ao lado da descrição, ao contrário dos perfis das travestis e transexuais.

Olá amores lindos, meu nome é [REDACTED], tenho 20 aninhos e sou uma garota de programa loira bem gostosa, venha conferir meu atendimento e se deliciar por inteiro.

Faço estilo ninfetinha, sou iniciante e quero muito aprender com você! Sou uma acompanhante de luxo, simpática e adoro atender bem. Quanto mais me conhecer, mais vai me querer, serei sua ninfetinha safadinha.

Me liga! no telefone 6799 [REDACTED] e agende nosso encontro com pelo menos uma hora de antecedência, atendendo em hotéis e motéis em Campo Grande, confire e se delicie comigo.

Lembre-se de mencionar que me encontrou em **PhotoAcompanhantes**.

**Horário**



Mato Grosso do Sul Campo Grande  
De luxo Loiras Mignon Ninfetas  
Universitárias

Imagem 13, de um perfil do “Photo Acompanhantes MS” (Retirada do site “Photo Acompanhantes MS”, no dia 09 de agosto de 2017).

Mariana, de “20 aninhos”, afirmou-se iniciante. Da mesma maneira que Juliana, ela também aciona, por meio de sua descrição, as categorias de cor/raça (“loira”), classe (“acompanhante de luxo”) e geração (“ninfetinha e universitária”). Essa mulher realiza atendimentos somente de homens, particularidade evidenciada em dizeres na sua descrição: “Olá amores lindos.” O adjetivo “lindo” é escrito em referência ao masculino. O “mignon”, remetendo-se ao corte de carne; a tag abaixo de sua fotografia traz um estilo “nobre”, também demarcado por classe. Ademais, ao realizar uma busca na plataforma Google, digitando “mulheres mignon”, aparece-me alguns sites, comparando este perfil de mulheres e o das “panicats e/ou mulherão” (nas quais os corpos são marcados por músculos, seios e bundas socialmente considerados grande). O primeiro resultado da plataforma expressa que as “mignon” são “pequenas/baixinhas” e “engraçadinhas”; outro me mostra que é uma “mulher pequena, de feições delicadas”. A palavra “mignon”, ainda conforme o resultado de busca, tem origem francesa, oriunda de um adjetivo que significa “bonitinho”. O estilo corporal, demarcado por ser “pequena/baixinha”, e o adjetivo “bonito” no diminutivo, apontam para a performance de Mariana como *acompanhante de luxo*, uma mulher com gestos que articulam corpo (“pequena”), classe (“nobre”) e geração (“baixinha, bonitinha”).

Olá garotos, meu nome é [REDACTED], tenho 28 aninhos, sou uma garota bonita, sensual e sem frescuras, louca de amor para dar, seja meu namoradinho.

Sou uma acompanhante de luxo de Campo Grande, uma ninfetinha de corpo lindo e todo natural, completinha e louca de tesão para poder realizar suas tentações.

Estou esperando vocês, atendimento para homens de fino trato, podemos combinar nosso momento gostoso em qualquer hotel ou motel, ligue no telefone 6799 [REDACTED] e agende uma hora, beijinhos da sua amante querida.

Não se esqueça de me dizer que viu meu anúncio em **PhotoAcompanhantes**.

4 Fotos



Mato Grosso do Sul Campo Grande  
Beijos na boca De luxo Ninfetas Peitudas  
Universitárias

Imagem 14, de um perfil “*Photo Acompanhantes MS*” (Retirada do site “*Photo Acompanhantes MS*”, no dia 09 de agosto de 2017).

Karen tem “28 *aninhos*”, idade superior às de Mariana e Juliana, não obstante, vale-se das categorias no diminutivo, como a “*completinha*”, “*ninfetinha*” e o estilo “*namoradinho*”. Na foto, percebemos que se trata de uma mulher branca, a qual aciona classe para também se destacar “*acompanhante de luxo*”, assim como geração, “*aninhos e universitária*”. A fotografia escolhida possui alta qualidade; diferente das outras, essa parece ter sido feita em um local não doméstico. Karen deixa aparecer seus pelos pubianos, cobrindo o órgão genital, atitude incomum em fotografias de outros perfis, em que as “*universitárias*” mostram, em geral, os seios e/ou as bundas.

Habitualmente, todas empregam palavras no diminutivo, classificando-se como “*acompanhantes de luxo*”. São mulheres brancas. Mariana, inclusive, do mesmo modo Karen, serve-se da categoria de “*ninfeta*”, que faz referência a meninas/jovens, envolventes, que despertam desejos sexuais, que são sexualmente atrativas. “*Ninfeta*” é uma *tag* amiudadamente interseccionada com “*universitária*”, vide imagens no início deste texto.

Sites como o descrito, nesta pesquisa, compreendidos enquanto mediadores e/ou um “ponto” para o exercício da profissional do sexo, ao mesmo tempo em que são vistos como plataformas “seguras” a essa prática, também podem ser analisados sob um viés que compreende a sociedade tal qual um agente controlador de corpos, sendo os sítios eletrônicos o “centro” usado por mulheres que não querem trabalhar nas ruas, ou somente nas ruas. Um centro não necessariamente negativo, mas que direciona os olhares ao enfrentamento do

direito de se prostituir de forma segura nos espaços como boates, bares, casas/bordéis e também em espaços públicos abertos, nas esquinas e ruas.

Uma vez ilegal a utilização de casas/bordéis para um tipo de comércio exercido por trabalhadoras sexuais, devido às acusações de rufianismo, a fim de se manterem na legalidade, de forma “segura” e autônoma, os sites são as melhores opções às essas mulheres. Todavia, não significam a resposta adequada de uma total garantia de segurança da categoria profissional; são apenas mediadores do exercício da profissão, que ainda ocorre nesses outros locais.

Ao longo de 2018, duas casas foram fechadas e noticiadas pelo jornal *on-line* da capital do estado de Mato Grosso do Sul, *Campo Grande News*. Em maio, a manchete anunciou: “Acordo prevê fechamento de prostíbulo na Capital que tinha adolescentes”. Nessa notícia, uma casa localizada em Campo Grande-MS, é denunciada, e a proprietária, condenada por crime de rufianismo<sup>53</sup>. Em agosto, pelo mesmo jornal, divulga-se o fechamento de outra casa: “Casa de prostituição fechada tinha cronômetro e controle em caderninho”. A proprietária responderá judicialmente, conforme o “artigo 229 do código penal - manter, por conta própria ou de terceiros, estabelecimento em que ocorra exploração sexual”<sup>54</sup>.

A fiscalização das casas é imprescindível, com o intuito de que casos de exploração sexual de crianças e adolescentes sejam denunciados e evitados. Quando não há casos de exploração sexual – isto é, o exercício da prostituição sendo realizado por mulheres maiores de idade – e ainda assim os locais forem fechadas, podemos analisar tal qual um exercício sutil de higienização, efetuado por uma “sociedade de controle”, em conformidade à categoria de Deleuze (1992).

Para essa reflexão, antes avoco Foucault (2014), ao discutir sobre a “sociedade disciplinar”. O autor traz o “panóptico” de Jeremy Bentham a fim de explicar o arquétipo, estrutura exemplar, de uma “sociedade disciplinar”. Por meio dessa arquitetura, empreendia-se a vigilância em prol do controle, os espaços da disciplina, neste contexto, eram imóveis, fechados, os sujeitos estavam vigiados em penitenciárias, escolas, manicômios, entre outros lugares; aparentemente, o poder se mostrou centrado. Com os avanços tecnológicos, não podemos mais considerar que a vigilância assim permanece. A “sociedade do controle” de

---

<sup>53</sup> Informações disponíveis em: <<https://www.campograndenews.com.br/cidades/capital/acordo-preve-fechamento-de-prostibulo-na-capital-que-tinha-adolescentes>> Acesso em: 24 out. 2018.

<sup>54</sup> Informações disponíveis em: <<https://www.campograndenews.com.br/cidades/capital/casa-de-prostituicao-fechada-tinha-cronometro-e-controle-em-caderninho-9-07-2018>> Acesso em: 24 out. 2018.

Deleuze (1992) me possibilita refletir que o olhar de quem vigia aparece em todas as camadas e esferas da sociedade. Não sabemos quem ou como é. Essa realidade evidencia a expressão da vigilância existente, fixada nas relações e nos processos. Ela está diluída de uma maneira que não consigo identificar os seus administradores; o “poder” já não está somente inserido em uma arquitetura propriamente dita.

Neste modelo de sociedade, estrategicamente são aceitáveis as particularidades de cada subjetividade, concedendo-nos um “tom” de “liberdade” individual. O exercício de ser trabalhadora sexual se nos mostra “livre” de opressões e intervenções do Estado quando autônomas. Porém, esse mesmo Estado, ao contrário, adquire o êxito por conseguir (re)alocar uma “transgressão”, o “sexo sujo”, para outros espaços, menos visíveis ao público, espaços públicos, fora da internet.

Lauren Berlant e Michael Warner (2002) dizem de uma carência das instituições de a sociedade fazer com que as práticas sexuais, tida como atípicas, sejam exclusivamente direcionadas ao âmbito privado. Assim, é por meio dessa “privatização” do sexo que se perpetua uma “cultura heteronormativa”, mantendo as sexualidades não hegemônicas no campo do segredo, da intimidade, do privado.

Essa separação entre o “bom” e o “mal” sexo é abordada por Gayle Rubin (2003), na Inglaterra e nos Estados Unidos da América, no final do século XIX. Segundo a autora, havia movimentos sociais, educacionais e políticos, que se focaram na realização de campanhas com vistas a encorajarem a castidade e a criminalizar a prostituição. Dessa forma, as instituições mantinham o “domínio da vida erótica”.

[...] a sexualidade que é “boa”, “normal”, e “natural” deve idealmente ser heterossexual, marital, monogâmica, reprodutiva e não-comercial. Deveria ser em casal, relacional, na mesma geração, e acontecer em casa. Não deveria envolver pornografia, objetos fetichistas, brinquedos sexuais de qualquer tipo, ou outros papéis que não o masculino e feminino. Qualquer sexo que viole as regras é “mal”, “anormal” ou “não natural”. O sexo mal pode ser o homossexual, fora do casamento, promíscuo, não-procriativo, ou comercial. Pode ser masturbatório ou se localizar em orgias, pode ser casual, pode cruzar linhas geracionais, e pode se localizar em lugares “públicos”, ou ao menos em moitas ou saunas. Pode envolver o uso de pornografia, objetos fetichistas, brinquedos sexuais, ou papéis pouco usuais [...] Muitos dos discursos sobre o sexo sejam eles religiosos, psiquiátricos, populares ou políticos, delimitam uma porção muito pequenina da capacidade humana sexual como consagrada, segura, saudável, madura, legal ou politicamente correta. (Idem, 2003, p. 18)

O que Rubin (2003) discute em relação ao “bom” e ao “mal” sexo, ainda que abordado em um contexto histórico dessemelhante, ocorre de forma equivalente ao que Berlant e Warner (2002) discutem sobre as práticas *queer*.

[...] las formas heteranormativas de intimidad se apoyan no sólo en el discurso abiertamente referencial de las historias románticas y del sentimentalismo, por ejemplo, sino también en aspectos materiales, como las leyes matrimoniales y familiares, la arquitectura de lo doméstico, la zonificación del trabajo y la política. La cultura queer, en contraste, carece prácticamente de cualquier matriz institucional que fundamente sus intimidades disidentes. Dada la ausencia del matrimonio y de los rituales que organizan la vida en torno a éste, siempre es necesaria la improvisación del acto lingüístico del compromiso o la práctica discursiva del noviazgo o de economías supuestamente tanpoco económicas como las cuentas corrientes conjuntas (BERLANT; WARNER, 2002, p. 247)

O “sexo sujo” me é identificado, por essas/es autoras/es, via o discurso das instituições, pelo qual a sociedade impunha, desde o período vitoriano, limites à capacidade humana de sentir desejo por intermédio de regras heteronormativas, como o matrimônio, criando-nos uma arquitetura normativa de expressar práticas sexuais.

Com isso, não constituímos nosso fim em dizer que os sites sejam uma plataforma não auxiliar das trabalhadoras do sexo – ao contrário, significam um “ponto” que propicia a divulgação de seus serviços, agenciado por elas de forma lucrativa, expressando desejos, prazeres, vontades –, mas há de serem compreendidos como de uma sociedade que regula o “sexo público”, ou visto como “sexo sujo”, que não deseja essas práticas efetivadas visivelmente nas ruas, boates, casas/bordéis, entre outros lugares, ainda que os sites se configurem enquanto mediadores para, posteriormente, as profissionais do sexo transitarem por esses locais.

O fato de o sítio eletrônico poder ser apenas um “ponto” me revela sentido dentro do contexto do campo estudado, haja vista que as mulheres encontradas no “*Photo Acompanhantes MS*” eram as mesmas que vimos em uma das casas visitadas junto ao IBISS/CO. Enquanto estava nessa casa, Mia recebeu o áudio de um possível cliente e o ouviu em alto volume. Pela mensagem de voz, o homem dizia querer contratar os seus serviços para um amigo deficiente e perguntou se a moça transaria com um cadeirante. Ela me disse, também, que o cliente a tinha encontrado por meio da foto disponibilizada na internet, a qual mostrava sua “*bucetinha lisinha, uma delícia*”.

A relação deficiência e desejo sexual aparece recentemente nos estudos sobre sexualidade. Neste campo teórico, surge a *Crip Theory* (Teoria crip), que intersecciona os

desejos sexuais e a deficiência, um campo que une a *disability Studies* e a Teoria Queer. Mia, após ouvir o áudio supracitado, revelou-me ser comum a procura de homens com alguma deficiência física por programas com profissionais do sexo. Deste contato, destaquei o conteúdo da frase proferida pelo possível cliente, a qual evidencia uma característica geracional típica: não ter pelos pubianos. Ademais, tanto a palavra “buceta”, quanto “lisa”, são ditas no diminutivo. Neste enquadramento, em conjunto, essas palavras reforçam características de uma expectativa de baixa idade e de certo valor associado à higiene de quem está pronunciando a frase: mulheres mais jovens, “bucetinhas lisinhas”. De todo modo, essa relação foi mediada pelo fato de a profissional ter se anunciado no site, alguém demonstrado interesse em suas fotografias e, assim, estabelecer contato por meio de mensagens de áudio enviadas ao seu celular.

As formas como as mulheres se identificam na profissão é particular e deve, provavelmente, referenciar-se ao contexto de onde vieram, da sua história, tendo eu de respeitar as categorias que elas utilizam e as reivindicações quanto putas/prostitutas/profissionais do sexo ou qualquer outra nomenclatura que selecionada. No caso do espaço *on-line* “*Photo Acompanhantes MS*”, as mulheres com perfis ativos, que usam a *tag* de “universitária”, utilizam-se, também e de forma geral, a categoria de “acompanhantes”; algumas outras, “acompanhantes de luxo”. Podemos compreender as nomeações enquanto estratégicas, e até ressignificadas, como ferramentas políticas, a exemplo do “ser puta”. Para a interlocutora de Olivar, Dete, “toda mulher é puta”,

Dete, qual a diferença entre puta e prostituta?

A puta é aquela que sai, toda bonitinha, arrumadinha, com o namorado ou maridinho, mas, quando ele está trabalhando... vai dar o rabo de graça pro vizinho. Essas são as puta. E a prostituta é aquela que está em casa, ela não dá pro vizinho (à exceção de uma vez ou outra) e depois vai trabalhar e ganhar um dinheiro pra sustentar os filho. Essa é a prostituta.

E Dete, por exemplo, uma menina, de 25 anos, que namora e gosta de dar? É puta... É puta. (2013, p. 333)

No campo de Nieto Olivar (2013), o ser puta está ligado à prática do sexo, é o “gostar de dar” e não a relação envolvendo a troca monetária, a de fazer sexo e receber dinheiro por isso, como compreende o senso comum. Neste âmbito da prostituição “universitária”, como já expressei, não há o “ser puta” como identificação por parte das profissionais do sexo. Longe disso, elas utilizam outras formas para anunciarem sua presença no mercado do sexo, tal qual apresentarei a seguir.

As descrições dos perfis evidenciam um padrão de escrita, começando, usualmente com um bem-vindo carinhoso e/o afetivo, fazendo referência, quando não usam nenhum gênero, a sujeitos do sexo masculino: “Olá meus lindos”, “Olá amores”, seguido de “sou a” e o nome usado pela profissional do sexo, como apresentado nas imagens a seguir:

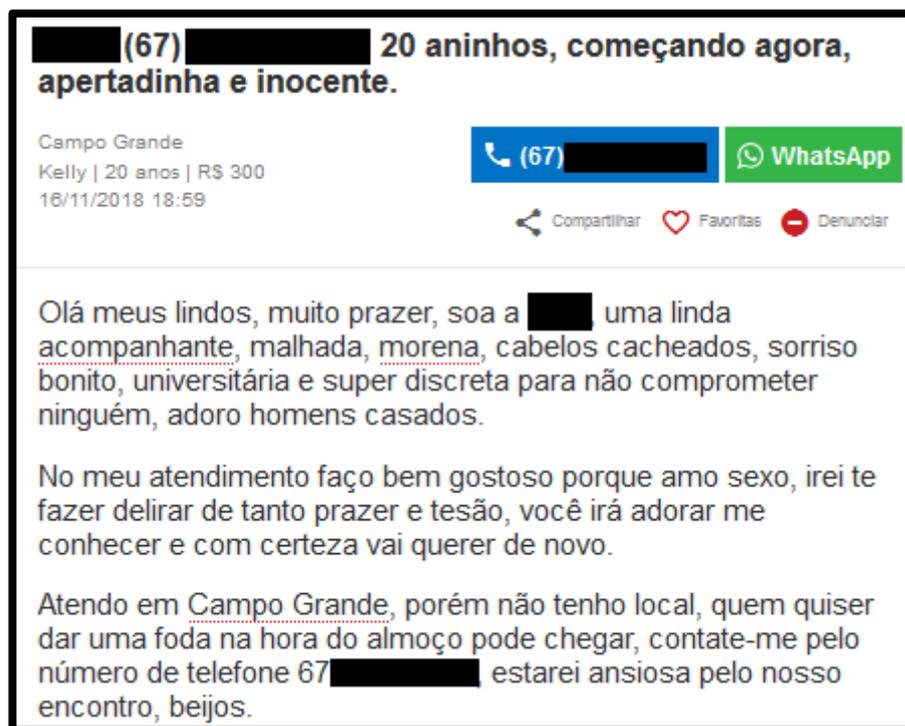


Imagem 15, de uma descrição do “Photo Acompanhantes MS” (Retirada do site “Photo Acompanhantes MS”, no dia 20 de dezembro de 2018).

“Apertadinha” e “inocente” também se mostram enquanto palavras que podem categorizar a ideia de geração; em geral, a inocência associada à juventude e inexperiência. “Apertadinha” e “começando agora” são expressões para alguém que iniciou recentemente sua vida sexual. “Apertadinha” designa, especificamente, uma característica do órgão genital, comum também em tags de vídeos pornô. Ao digitar “apertadinha” na plataforma de busca “Google”, inúmeros sites pornográficos aparecem e a categoria costumeiramente está associada à “novinha”, “bucetinha”, e nome de mulheres no diminutivo<sup>55</sup>. Outro ponto deste perfil é o “super discreta”, associado ao tipo de clientes de preferência, neste cenário, “homens casados”. A discrição é acionada justamente para que a mulher seja acessada por intermédio deste perfil de clientela, expressa na frase “super discreta para não comprometer ninguém”. A “foda na hora do almoço” também mobiliza a discrição, devido este horário

<sup>55</sup> Disponível em: <<https://www.google.com/search?client=firefox-b-ab&q=apertadinha>> Acesso em: 27 jan. 2019.

estar vago para quem tem compromissos com o trabalho, ao contrário dos que têm com a família em casa. Não oferecer o local é uma rara característica da categoria de “universitárias”. Por isso, compreendo o “*porém não tenho local*” tal uma falta para quem está “*começando agora*”.

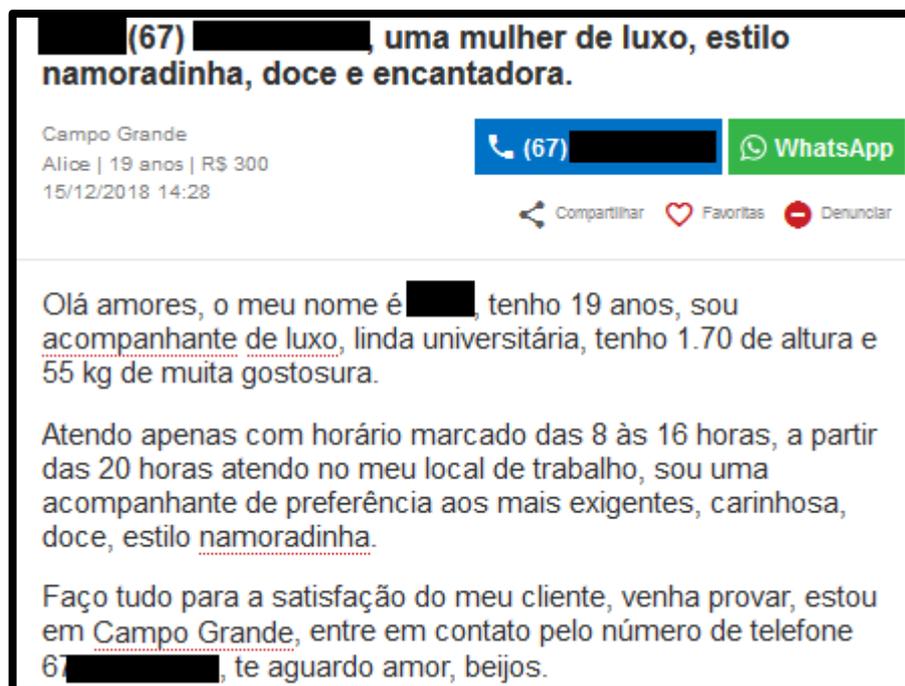


Imagem 16, de uma descrição do “*Photo Acompanhantes MS*”(Retirado do site “*Photo Acompanhantes MS*”, no dia 20 de dezembro 2018).

Também destaco a forma como elas se despedem de possíveis clientes nos anúncios. Nessa última descrição, o “*estilo namoradinha*”, assim como em outros perfis, é destacado no formato da escrita, geralmente com frases que expressam um pouco mais de afetividade. Palavras como “*beijos*”, “*beijinhos*”, “*amor*” e “*amores*”, são recorrentes. Ser “*carinhosa*” e “*doce*” se configuram tais quais destaques dessa performance. Outro ponto é “*a linda universitária*”, que expressa uma ênfase no anunciar-se: além de possuir todas as características do perfil de “*acompanhante de luxo universitária*”, ela também é “*linda*”, “*55 kg de muita gostosura*”. Considerá-la-ei, portanto, um estilo “*mignon*”, como já explicado.

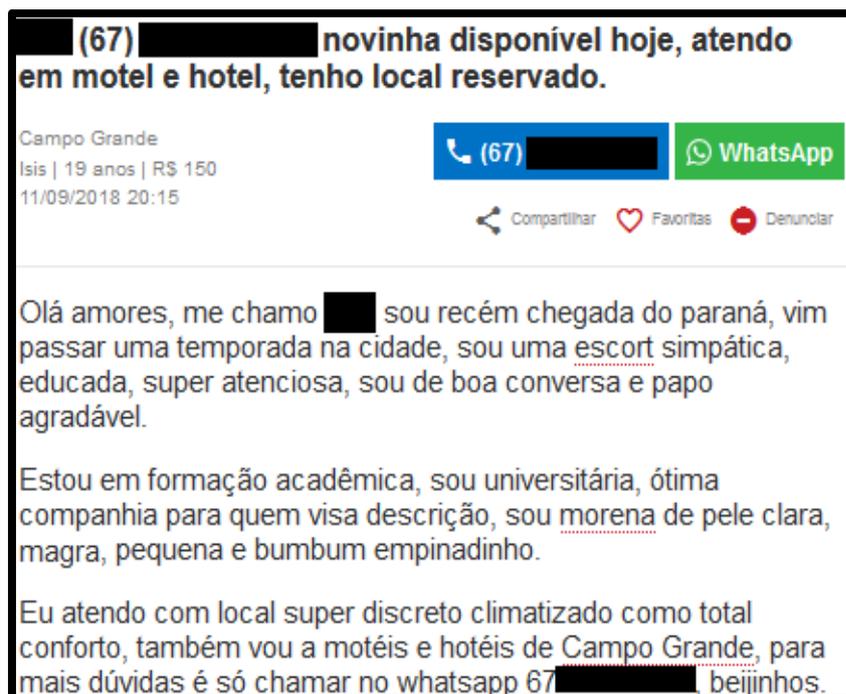


Imagem 17, de uma descrição do “Photo Acompanhantes MS” (Retirado do site “Photo Acompanhantes MS”, no dia 20 de dezembro de 2018).

Na imagem acima, a característica de discrição volta a ser anunciada ao lermos: “*atendo com local super discreto.*” Esse atributo destaca os perfis de clientes que poderiam acessá-lo; ele também é expresso na frase: “*ótima companhia para quem visa descrição.*” Esse tipo de clientes pode ser homens casados. Anunciar-se enquanto “*magra*”, “*pequena*” e “*bumbum empinadinho*” aciona o estilo “*mignon*”, tal qual “*novinha*” evidencia a geração/juventude. “*Educada*”, “*super atenciosa*”, “*sou de boa conversa e papo agradável*”, são características que, junto às demais destacadas, aparecem em articulação para que as profissionais sejam acessadas como acompanhantes “*universitárias*”. O estilo de conversa foi, inclusive, um dos destaques de Lola Benvenuti, já mencionado neste texto.

**██████████ (67) ██████████, universitária carinhosa, estilo namoradinha, tenho local.**

Campo Grande  
Luiza Montese | 22 anos | R\$ 200  
25/07/2018 20:13

[\(67\) ██████████](#) [WhatsApp](#)

[Compartilhar](#) [Favoritas](#) [Denunciar](#)

Olá rapazes, meu nome é ██████████ tenho 22 anos, sou universitária, uma acompanhante estilo namoradinha, realizo algumas fantasias.

Sou carinhosa, mas dou uns tapinhas em quem gosta também, vamos nos conhecer e ter uma tarde maravilhosa juntos, adoro dar e receber prazer.

Estou atendendo em Campo Grande, tenho local próprio em Itanhangá e atendo em motel e hotel também. Ficou interessado? Para ter isso tudo é só entrar em contato comigo no telefone 67 ██████████ ligações ou whatsapp, um beijo.

Imagem 18, uma descrição do “Photo Acompanhantes MS” (Retirado do site “Photo Acompanhantes MS”, no dia 20 de dezembro de 2018).

“*Estilo namoradinha*”, “*tenho local*”, “*universitária carinhosa*”, “*beijo*”, são todas palavras amiudadas entre os anúncios.

**██████████ (67) ██████████, universitária novinha e danada, com local próprio para te receber.**

Campo Grande  
Milena | 22 anos | R\$ 100  
02/01/2019 16:17

[\(67\) ██████████](#) [WhatsApp](#)

[Compartilhar](#) [Favoritas](#) [Denunciar](#)

Oi meus lindos, muito prazer, meu nome é ██████████ tenho 21 aninhos e sou uma acompanhante novinha, gostosa e sem frescura, sem enganação pois minhas fotos são reais e recentes, sou uma morena linda de corpo e rosto.

Sou uma universitária educada e simpática, estou sempre cheirosa e na cama sou bem liberal, faço um oral gostoso e molhadinho sem frescura, beijo na boca e adoro dar e receber carinho, venha curtir comigo.

Atendo sozinha em meu local particular e muito discreto em Campo Grande, aqui não é casa de massagem. Se você gostou de mim e deseja me encontrar, meu telefone para agendamentos é o 67 ██████████ beijos.

Imagem 19, de uma descrição do “Photo Acompanhantes MS” (Retirado do site “Photo Acompanhantes MS”, no dia 20 de dezembro de 2018).

A descrição baseada na dessemelhança a uma casa de massagem, tal qual escrito no anúncio, pode ser compreendida pela estrutura e dinâmica que existem nesses lugares. Esses estabelecimentos têm a possibilidade de, inclusive, serem localizados mediante uma característica recorrente desse perfil de casas: os grandes números fixados à frente do local. Usualmente, dá-se um fluxo de homens e mulheres, entrando e/ou saindo do espaço, no qual não há controle de quem é visto. Assim, não posso, de fato, considerá-lo enquanto discreto.

Existem algumas palavras que se repetem nos últimos perfis, assim como em outros já apresentados; elas são escritas, frequentemente, no diminutivo; “*namoradinha*” é a principal delas. Palavras tais quais “*bumbum empinadinho*”, “*apertadinha*”, “*lisinha*”, “*estilo namoradinha*”, “*novinha*”, “*acompanhante de preferência para os mais exigentes*”, “*novinha e danada*”, “*doce e encantadora*”, “*descrição*”, “*boa conversa*”, “*papo agradável*”, “*carinhosa*”, “*educada*”, “*simpática*”, “*acompanhante de luxo*”, “*super discreta*”, “*muito discreto*”, aparecem em um ou outro perfil. Os vocábulos ilustram um pouco da dinâmica do que agrada por parte de quem oferece o programa. A descrição também é comum entre os anúncios; como já discutido, destaca o perfil de clientes, habitualmente homens, que buscam e acessam essas mulheres.

Em geral, a “*universitária*”, no contexto da prostituição, não costuma anunciar práticas transgressoras de uma regra sexual convencional. A namoradinha explicita isso, ao se anunciar como “*universitária carinhosa*”, “*estilo namoradinha*”; “*carinhosa*”, “*doce*”, “*estilo namoradinha*”; “*sou carinhosa, mas dou uns tapinhas em quem gosta também*”. Ainda que no último anúncio apareça a expressão sexo oral, essa prática não é corriqueira nas divulgações, mesmo que ocorra ao longo do programa contratado. A sentença contumaz que ilustra hábitos sexuais em si é o “*gosto de dar e receber prazer*”. Pressuponho, então, que esse formato de escrita é estratégico, haja vista a expansão de possibilidades sexuais diversas, usualmente, não especificadas nos anúncios, além de apresentar uma mulher distante de imagens de profissionais mais desinibidas, experientes e pornográficas.

Por fim, vejo que a performance regra todo o cenário, de acordo com que já expus. A partir dela, as profissionais do sexo repetem alguns atos a fim de atingirem a performance escolhida, neste caso, a da universitária. Atitudes como o discurso verbal – “*boa conversa*”; “*educada*”; “*simpática*”; “*carinhosa*”; “*doce*”; “*encantadora*” –, o estético – o corpo “*mignon*”; “*malhada*”; “*gordinha*”; “*depilada*”; “*lisinha*”; “*bumbum empinadinho*”; sendo os termos “*malhada*” e “*gordinha*” anunciados em somente dois perfis diferentes –, a geração expressando juventude – “*aninhos*”; “*novinha*”; “*namoradinha*” –, a classe – “*acompanhante*

de luxo”; “de preferência para os mais exigentes”; “econômica” (destacado em um perfil) –, a escolaridade – “estou em formação acadêmica, sou universitária” –, a cor/raça – “morena”; “branquinha”; “loira”; “clara”; “mestiça” –, quando em articulação e incorporados pelo sujeito, corroboram para que ela, a mulher, seja acessada enquanto a profissional do sexo “universitária”.

Por conseguinte, a fim de organizar os marcadores sociais da diferença que aparecem na profissional do sexo “universitária”, realizei uma estruturação de termos que, ligando um ao outro, ilustram e sintetizam o cenário deste campo. São palavras que se mostraram durante a pesquisa, principalmente nos sites, e que se repetiram em alguns dos perfis apresentados no item 4.2. Esses vocábulos, categorias, descrições e frases também acionam uma possível aproximação com a categoria *sugar baby* do item 4.1.



Imagem 20, da dinâmica da prostituição “universitária” (Características usuais da prostituição “universitária” em Campo Grande-MS).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto da prostituição de mulheres “universitárias”, é possível que façamos uma reflexão sobre como o uso das plataformas *on-line* possibilitam novos formatos de agenciamento. Assim também sinalizam Débora Krischke Leitão e Laura Graziela Gomes (2018), ao ponderarem a respeito das novas experimentações de si em plataformas de mídias digitais. Consonantes às suas argumentações, essas tecnologias ainda são agenciadoras de novas subjetividades. Dito de outra forma, as mídias digitais viabilizam um ambiente para determinadas experiências, dotadas de capacidade de agenciamento, não se caracterizando apenas como um espaço no qual algo acontece ou não (Idem, 2018).

Com o campo realizado junto ao IBISS/CO, foi possível perceber que esse perfil de mulheres estava mais presente em *sites* do que em outros espaços de dinâmicas sexuais em Campo Grande-MS, embasando-me pelos lugares aos quais me dirigi em companhia do pessoal da instituição. Tal percepção se liga ao fato de essas mulheres serem universitárias e não se anunciarem assim. Todavia, ao fazê-lo, justificam-se pela expectativa de quem está contratando o seu trabalho via sítios eletrônicos, isto é, anunciam-se já traçando um perfil de cliente que pretendem acessar.

O perfil mais encontrado nos *sites* foi o de mulheres que se divulgam e se identificavam como as “universitárias” na prostituição, diferentemente dos outros espaços do campo *off-line*, como as casas de massagem, casas noturnas/boates e ruas. Nenhuma profissional do sexo que fazia “ponto” na rua era acessada na qualidade de “universitária”; um dos motivos pode ser o marcador social classe: as ruas não configuram locais de “luxo”, categoria acionada por este perfil.

Observei que o contexto de luxo em Campo Grande-MS não é o mesmo do comumente conhecido em outras localidades. Seguindo o que se encontrava disponível nos anúncios da internet, os valores dos programas variavam de 150 a 250 reais por hora, reiterada a categoria “acompanhante de luxo”. A ideia de ostentação, ligada a um alto valor financeiro, parece variar de lugar para lugar. Neste âmbito, o imaginário de “luxo” figura estar mais ligado a outros marcadores sociais da diferença, acionados e interseccionados, do que própria e exclusivamente ao da “classe”.

Em outros termos, o luxo não está ligado a um valor monetário, o qual a profissional exige para a realização do programa. Nessa conjuntura, o “luxo” é acionado de acordo com a região em que as mulheres oferecem o trabalho; geralmente, na área central. Para mais, destaquei o fato de as profissionais não estarem nas ruas, mas se valendo da mediação – o

“ponto” se estabelece nos espaços *on-line* –, do acionamento da categoria “universitária”, do estilo corporal e de outras características já mencionadas neste trabalho, que estão em intersecção com o perfil “universitária” na prostituição.

As *tags* e palavras usadas nas descrições, quando articuladas, evidenciaram o perfil de quem seriam essas “universitárias” na prostituição. Os *sites* se transformaram, assim como mostrou Leitão e Gomes (2018), “em laboratórios, ambientes que permitem a experimentação de si, o que inclui experimentações de gênero e sexualidade.” (2018, p. 172). Os anúncios das profissionais do sexo “universitárias” possibilitam tanto essas experimentações de si – de elas organizarem e performatizarem a imagem deste perfil de profissional –, como também a manifestação de desejos/interesses de seus clientes, na maioria, homens que procuram as supracitadas descrições em páginas da *web*.

Algumas das profissionais do sexo, que possuem anúncios nos *sites*, igualmente estão em algumas casas em Campo Grande-MS, revelando que o espaço *on-line* se traduz como mais uma tecnologia que auxiliar a mediação do trabalho. Conforme apontado por Iara Beleli (2015), os conteúdos são veiculados por várias mídias que se retroalimentam. Assim, estabelece-se um *continuum on-line e off-line*, em que ambos os espaços são estimulados mutuamente. De acordo com Nancy Baym (2010), citado por Beleli (2015), a criação dos perfis não pode ser pensada como o afastamento de uma “realidade”, mas na qualidade de uma manipulação estratégica de si. Em outras palavras, neste campo, o ser “universitária” significa uma performance estratégica, e os sítios eletrônicos, “pontos” que intensificam esse devir estratégico.

Os ambientes das plataformas *on-line*, os *sites*, aludem a outros possíveis modos particulares de vida, cuja organização ainda não escapa do controle das instituições. Isto é, estes espaços também estão sobre os regimentos e fazem parte das transformações e da gestão da vida, conforme as mudanças do mundo contemporâneo, regido por uma biopolítica (Leitão; Gomes, 2017). Logo, os sítios da internet também se encontram sob a “sociedade do controle”, tal qual discutido por Deleuze (1992), agora, com outras estratégias tecnológicas de vigilância.

O uso da categoria “universitária” parece valorizar tanto o trabalho da profissional do sexo quanto a experiência do cliente, o que se me evidenciou ao saber que eles, os clientes, gostam de dizer aos amigos que saíram com uma “gata universitária”. Dito de outra forma, com uma mulher que provavelmente performatiza uma “boa conversa”, é “novinha”, tem o corpo “*mignon*”, é “educada”, “super discreta” e “acompanhante de luxo”.

Verifiquei que a quase inexistente no uso das nomenclaturas reconhecidas pela Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) pode ser explicado pelo fato de Campo Grande-MS ser uma cidade que ainda não dispõe de associações de profissionais do sexo. Muitas das mulheres com quem conversei e que estão atuando na economia sexual não reconheceram o seu trabalho como profissão. Quando houve reconhecimento, nenhuma delas se viu tal qual uma garota de programa, prostituta, trabalhadora do sexo, profissional do sexo e outros nomes/categorias reivindicados pelo movimento de profissionais do sexo e reconhecidos pela CBO. Uma delas, inclusive, de acordo com o já exposto neste texto, viu-se como uma “profissional que trabalha com o corpo”, pondo-me a refletir sobre outras e novas formas que nomeiam este tipo de trabalho no contexto campo-grandense.

Beleli (2019) me chamou a atenção para as “diferenças em articulação, que ora valorizam, ora desvalorizam os sujeitos” (2015, p. 101). A autora diz que essas divergências são produzidas no “mercado amoroso”, o que se assemelha ao que observamos durante o trabalho de campo, no qual as profissionais do sexo “universitárias” articulam os marcadores sociais para serem valorizadas na economia do sexo. O acesso a essas mulheres, principalmente por meio de sua articulação de gênero, raça/cor, classe, escolaridade, geração, faz-se possível dentro dos múltiplos desejos oriundos de clientes; podemos compreender essa situação ao partir da análise de Perlongher (2008), quando ele nos apresentou os “tensores libidinais”.

Por fim, durante o campo, percebi que as profissionais do sexo “universitárias” são mulheres que performatizam por intermédio de variados marcadores sociais da diferença, como cor/raça, geração, gênero, escolaridade e classe. Como já dito, um estilo de ser na prostituição, em consonância à expectativa de clientes, principalmente homens. Neste sentido, coube-me pensar as categorias de “ser acessada” e “anunciar-se” enquanto dinâmicas que também constituem a economia sexual em Campo Grande-MS.

O “ser acessada” como “universitária” na prostituição aparece quando o olhar do outro “legítima” a performance e os clientes acessam a mulher tal qual uma profissional com esse perfil. Assim, o seu “anunciar-se” é atingido com sucesso. Entretanto, ainda que não queira ser vista sob essa representação – logo, não “anunciando-se” como “universitária” – a pessoa pode ser lida/acessada como tal, considerando-se que, em determinado contexto, os marcadores se articularam de forma que o outro a reconhecesse de tal forma. Isso se fez importante para pensar que as mulheres que procurava não precisavam, necessariamente, estar matriculadas em uma universidade. Bastava dizerem desse vínculo acadêmico que tão logo percebia a “universitária”, ainda que em outros termos, enquanto categoria.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Adriana; NATAL, Geórgia; VIANA, Lucina. Netnografia como Aporte Metodológico da Pesquisa em Comunicação Digital. **Revista Sessões do Imaginário**, v. 20 n. 2, p. 34-40, 2008. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/viewFile/4829/3687>> Acesso em: 24 jun. 2018.

BECKER, Howard S. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. Zahar, 2008.

BELELI, Iara et al. O imperativo das imagens: construção de afinidades nas mídias digitais. **Cadernos Pagu**, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/118167>> Acesso em: 28 jan. 2019.

DÍAS-BENITEZ, Maria Elvira. **Nas redes do sexo**: os bastidores do pornô brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BERLANT, Lauren & WARNER, Michael. Sexo en Público. In: JIMÉNEZ, Rafael M. M. **Sexualidades Transgressoras**. Barcelona, Içaria, 2002.

BOURDIEU, Pierre. Escritos de Educação. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Alfrânio. (Orgs.) **A miséria do mundo**. Petrópolis, Vozes, 1999.

BUTLER, Judith. **Mecanismos psíquicos del poder**: teorías sobre la sujeción. Edição. Madrid: Ediciones Cátedra, 2010.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Editora Record, 2003.

BLANCHETTE, Thaddeus G.; SILVA, Ana Paula. Amor um real por minuto: a prostituição como atividade econômica no Brasil urbano. CORREA, S. e PARKER, R. **Sexualidade e política na América Latina**: histórias, interseções e paradoxos, New York: Sexual Policies Watch, p. 192-233, 2009. Disponível em: <<http://www.sxpolitics.org/ptbr/wp-content/uploads/2009/10/sexualidade-e-economia-thaddeus-blanchette-e-ana-paula-da-silva.pdf>> Acesso em: 26 ago. 2018.

BRAGA, Gibran Teixeira. Não estou cobrando o que eu não posso dar: masculinidade simétrica no homoerotismo virtual. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, v. 21, p. 225-261, 2013. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/2933/293343070010/>> Acesso em: 26 ago. 2018.

CANEVACCI, Massimo. MetrÓpole comunicacional. **Revista USP**, n. 63, p. 110-125, 2004. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13372/15190>> Acesso em: 26 ago. 2018.

DANTAS, Paulo Henrique. Sexo sem beijo: alguns aspectos sobre a baixa prostituição no Rio de Janeiro. **Jornal Astro-Sintese**, 2002.

DA SILVA, Luciana Codognoto; PERES, Wiliam Siqueira. Entre Maria Madalena e Gabriela Leite: diferentes modos de nomeação de mulheres na prostituição. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, v. 13, n. 3, p. 203-221, 2016. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5619882>> Acesso em: 26 ago. 2018.

DELEUZE, Gilles. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In: Deleuze Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs. vol. 4. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. Diálogos. São Paulo: Editora Escuta, 1998

DOS SANTOS, Rayani Mariano et al. O caso Geisy Arruda: representações midiáticas brasileiras sobre violências contra mulheres. **Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 6, n. 07, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2239>> Acesso em: 28 ago. 2018.

DUQUE, Tiago. **Gêneros Incríveis**: um estudo sócio-antropológico sobre as experiências de (não) passar por homem e/ou mulher. Campo Grande: Editora UFMS, 2017.

FRANÇA, Isadora Lins. **Consumindo lugares, consumindo nos lugares**: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280486>> Acesso em: 02 ago. 2018.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Edição 41, Editora Vozes, 2014.

FURLIN, Neiva. Sujeito e agência no pensamento de Judith Butler: contribuições para a teoria social. **Sociedade e Cultura**, v. 16, n. 2, p. 395-403. 2013. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/703/70332866015/>> Acesso em: 25 dez. 2018.

GASPAR, Maria Dulce. **Garotas de programa**: prostituição em Copacabana e identidade social. Zahar, 1988.

GAUTÉRIO, Carla Rosane Mattos; SILVA, Méri Rosane Santos. **O Corpo Gordo Feminino** : concepções de si. In: VII Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte, 2014, Matinhos - PR. VII Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte, 2014. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/7csbce/2014/paper/viewFile/6017/3109>> Acesso em 26 ago. 2018.

GREGORI, Maria Filomena. Limites da sexualidade: violência, gênero e erotismo. **Revista de Antropologia** (USP- Impresso), v. 51, n. 2, p. 575-606, 2008. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/41616507>> Acesso em: 26 ago. 2018.

LEITÃO, Débora K.; GOMES, Laura Graziela. Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. **Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia**, v. 1, n. 42, 2018. Disponível em

<<http://www.revistas.uff.br/index.php/antropolitica/article/view/546>> Acesso em: 28 jan. 2018.

LEITÃO, Débora Krischke; GOMES, Laura Graziela. Gênero, sexualidade e experimentação de si em plataformas digitais on-line. **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, v. 18, n. 1, p. 171-186, 2018. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/28444/0>> Acesso em: 28 jan. 2018.

LIMA, Francisca Sueli da Silva et al. Fatores associados à violência contra mulheres profissionais do sexo de dez cidades brasileiras. **Caderno Saúde Pública**, v. 33, n. 2, 2017. Disponível em: <[http://www.scielo.br/readcube/epdf.php?doi=10.1590/0102311x00157815&pid=S0102311X2017000205010&pdf\\_path=csp/v33n2/en\\_1678-4464-csp-33-02-e00157815.pdf&lang=en](http://www.scielo.br/readcube/epdf.php?doi=10.1590/0102311x00157815&pid=S0102311X2017000205010&pdf_path=csp/v33n2/en_1678-4464-csp-33-02-e00157815.pdf&lang=en)> Acesso em: 26 jul. 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MAGNANI, José Guilherme Cantor et al. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v17n49/a02v1749>> Acesso em: 26 ago. 2018.

MOIRA, Amara. **E se eu fosse puta**. Hoo Editora Ltda, 2016.

MISKOLCI, Richard. Novas conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais. **Revista Cronos**, v.12 n.2, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/3160/pdf>> Acesso em: 24 jun. 2018.

MCCLINTOCK, Anne. Couro imperial. Raça, travestismo e o culto da domesticidade. **Cadernos Pagu**, v. 20, p. 7-85, 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332003000100002&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332003000100002&script=sci_arttext&tlng=pt)> Acesso em: 24 jun. 2018.

NOVELI, Marcio. Do off-line para o *on-line*: a netnografia como um método de pesquisa ou o que pode acontecer quando tentamos levar a etnografia para a Internet? **Metodista**, v. 6, n. 12, p. 107-133, 2010. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/OC/article/view/2697/2640>> Acesso em: 24 jun. 2018.

NIETO OLIVAR, José Miguel . **Devir Puta: políticas da prostituição de rua na experiência de quatro mulheres militantes**. 1. Edição Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

NIETO OLIVAR, José Miguel. Prostituição feminina e direitos sexuais... diálogos possíveis? **Sexualidad, Salud y Sociedad-Revista Latinoamericana**, n. 11, 2012. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/2933/293323029005/>> Acesso em: 28 ago. 2018.

PASINI, Elisiane. Limites Simbólicos Corporais na prostituição feminina. **Cadernos Pagu**, v. 14, p. 181-200, 2010. Disponível em:

<<https://www.metodista.br/revistas/revistasims/index.php/OC/article/view/2697/2640>>  
Acesso em: 24 jun. 2018.

PERLONGHER, Néstor. **O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.

PINTO, Mariana Veloso. **Prostituição de luxo: sentidos e representações atribuídos à prostituição de luxo em contexto universitário**. Tese de Doutorado. Universidade do Minho, Braga. 2018. Disponível em: <[https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/56049/1/3\\_Dissertacao\\_PG32204\\_MarianaPinto.pdf](https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/56049/1/3_Dissertacao_PG32204_MarianaPinto.pdf)><[https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/56049/1/3\\_Dissertacao\\_PG32204\\_MarianaPinto.pdf](https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/56049/1/3_Dissertacao_PG32204_MarianaPinto.pdf)> Acesso em: 29 jan. 2019.

PISCITELLI, Adriana. Apresentação: gênero no mercado do sexo. **Cadernos Pagu**, v. 25, p. 7-23, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n25/26520.pdf>> Acesso em: 14 ago. 2017.

PISCITELLI, Adriana. Amor, apego e interesse: trocas sexuais, econômicas e afetivas em cenários transnacionais. In: PISCITELLI, Adriana; OLIVAR, José Miguel Nieto; ASSIS, Gláucia de Oliveira. (org.). **Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil**, Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, p. 537 – 582, 2011. Disponível em: <[https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/30424318/TOTAL.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1532647103&Signature=TdecucHTNYcbGQ8Id7EKZilSOKs%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filena me%3DPiscitelli\\_Adriana\\_Assis\\_Glaucia\\_Oliveir.pdf#page=537](https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/30424318/TOTAL.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1532647103&Signature=TdecucHTNYcbGQ8Id7EKZilSOKs%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filena me%3DPiscitelli_Adriana_Assis_Glaucia_Oliveir.pdf#page=537)> Acesso em: 26 ago. 2018.

PISCITELLI, Adriana. **Trânsitos: brasileiras nos mercados transnacionais do sexo**. EdUERJ, 2013.

PISCITELLI, Adriana. Economias sexuais, amor e tráfico de pessoas – novas questões conceituais. **Cadernos Pagu**, n. 47, p. 132-162, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8647258>> Acesso em: 26 ago. 2018.

PRECIADO, Paul. **Manifesto Contrassexual**. Edição 1, São Paulo, 2014.

RAGO, Margareth. Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890 – 1930). Edição 1, Paz e Terra, 1991.

RIAL, Carmen. Antropologia e mídia: breve panorama das teorias de comunicação. **Revista Antropologia em primeira mão**. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2004.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Etnografia: saberes e práticas. **Illuminuras: série de publicações eletrônicas do Banco de Imagens e Efeitos Visuais**, UFRGS. Porto Alegre, n. 21, 2008.

RODRIGUES, Carla. Performance, gênero, linguagem e alteridade: J. Butler leitora de J. Derrida. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, n. 10, 2012. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S198464872012000400007&script=sci\\_arttext&tlng=p](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S198464872012000400007&script=sci_arttext&tlng=p)> Acesso em: 03 fev. 2019.

RUBIN, Gayle. Pensando sobre Sexo: Notas para uma teoria radical da política da sexualidade. Cadernos pagu, Campinas, n. 21, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1582/gaylerubin.pdf?sequen>> Acesso em: 29 jan. 2019.

SILVA, Gabriela Natalia. **O prazer é todo nosso**. Araraquara, Edição 1, Editora Mosarte, 2014.

SIMMEL, Georg. A metrópole a vida mental. In. VELHO, Otávio (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro, Zahar, 1973.

TAVARES, Aline Godois de Castro. Prostituição como ocupação: complexificando o debate. In: IV Seminário gênero e trabalho – Protagonismo, Ativismo, Questões de gênero revisitados, 2012. Goiânia – GO, 2012. Disponível em: <<https://strabalhoegenero.cienciassociais.ufg.br/up/245/o/Aline.pdf>> Acesso em: 03 fev. 2019.